



Estudantes à Saída do Secundário

2011/2012



OTES

Observatório de Trajectos dos Estudantes
do Ensino Secundário

ESTUDANTES À SAÍDA DO SECUNDÁRIO

2011/2012

Ficha Técnica

Título

Estudantes à Saída do Secundário – 2011/2012

Autoria

Susana Fernandes, David Nóvoas, Joana Duarte

Participação

Tiago Pereira

Edição

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência
(DGEEC)

1399-054 LISBOA

Tel.: 213 949 200

Fax: 213 957 610

URL: <http://www.dgeec.mec.pt>

Capa: DGEEC

ISBN: 978 -972-614-553-9

Janeiro de 2013

Índice

INTRODUÇÃO	3
NOTA METODOLÓGICA	5
SUMÁRIO EXECUTIVO	6
I. CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDANTES À SAÍDA DO SECUNDÁRIO	10
II. O ESTABELECIMENTO DE ENSINO E O CURSO	16
2.1. O ESTABELECIMENTO DE ENSINO.....	16
2.1.1. <i>Tipologia do estabelecimento de ensino, natureza e distribuição territorial</i>	16
2.1.2. <i>Perceções sobre as relações na escola</i>	18
2.1.3. <i>Perceções sobre os espaços e equipamentos da escola</i>	19
2.1.4. <i>Perceções sobre a participação na escola</i>	21
2.1.5. <i>Mobilidade inter-escolas: a mudança de escola induzida pela mudança de curso</i>	24
2.2. O CURSO / MODALIDADE.....	27
2.2.1. <i>A modalidade de ensino frequentada</i>	27
2.2.2. <i>Perceção sobre o curso</i>	32
2.2.3. <i>Perceção sobre o ensino no curso</i>	33
2.2.4. <i>Fluxos de mobilidade entre modalidades de ensino e formação</i>	34
2.3. FORMAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO.....	40
2.3.1. <i>Caracterização do período de formação em contexto de trabalho</i>	40
2.3.2. <i>Entidade de acolhimento onde se realizou estágio/formação em contexto real de trabalho</i>	43
2.3.3. <i>Avaliação do período de formação em contexto de trabalho</i>	45
III. DESEMPENHO ESCOLAR À SAÍDA DO SECUNDÁRIO	51
3.1. DURAÇÃO DO TRAJETO ESCOLAR: RETENÇÕES E INTERRUPÇÕES	51
3.2. RENDIMENTO ESCOLAR	54
3.2.1. <i>Níveis de rendimento escolar</i>	54
3.2.2. <i>Frequência de explicações no 12.º ano ou equivalente</i>	56
3.3. NÍVEL DE ASSIDUIDADE AO LONGO DO ENSINO SECUNDÁRIO.....	60
3.4. DESEMPENHO ESCOLAR, CONTEXTOS ESCOLARES E ORIGENS SOCIAIS	61
3.4.1. <i>Desempenho e contextos escolares</i>	61
3.4.2. <i>Desempenho escolar e origens sociais</i>	62

IV. EXPETATIVAS ESCOLARES E PROFISSIONAIS FACE AO PÓS-SECUNDÁRIO.....	66
4.1. EXPETATIVAS ESCOLARES: ENTRE A INTEGRAÇÃO IMEDIATA NO MERCADO DE TRABALHO E O PROSSEGUIMENTO DE ESTUDOS.....	66
4.1.1. <i>Expetativas escolares diferentes para a diversidade de modalidades</i>	66
4.1.2. <i>Condição socioeconómica familiar dos alunos e desempenho escolar</i>	70
4.1.3. <i>Que opções tomar no pós-secundário?</i>	71
4.1.4. <i>A área de estudo escolhida no ensino superior</i>	73
4.1.5. <i>O investimento num curso de especialização não superior</i>	75
4.1.6. <i>Escolha da área de estudo: entre a empregabilidade e a satisfação pessoal</i>	77
4.2. IMPACTO DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NAS EXPETATIVAS DOS ALUNOS	78
4.3. EXPETATIVAS DE REALIZAR FORMAÇÃO NA EUROPA	80
4.4. EXPETATIVAS PROFISSIONAIS	84
 BIBLIOGRAFIA.....	 87
 ÍNDICE DE QUADROS.....	 91
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	94
ÍNDICE DE FIGURAS.....	95
 SIGLAS.....	 96
 CONSTRUÇÃO DE NOVAS VARIÁVEIS	 97
 GLOSSÁRIO	 101
 LISTA DE ESCOLAS PARTICIPANTES NO QUESTIONÁRIO.....	 105

Introdução

O observatório de trajetos dos estudantes do ensino secundário (OTES) implementou o questionário “estudantes à saída do secundário – 2011/2012” com o objetivo de conhecer os percursos e vivências escolares dos estudantes. A informação recolhida e as análises agora apresentadas, contribuem para complementar a monitorização do sistema educativo à saída do ensino secundário.

A informação aqui apresentada resulta da aplicação do questionário a 680 escolas a nível nacional de Portugal continental, públicas e privadas (84,8% do universo de escolas destinatárias) e contou com a participação de 47024 estudantes (60,1% de alunos matriculados nas escolas participantes). O grande número de escolas envolvidas e de alunos participantes neste questionário realça a dimensão do envolvimento das escolas, a diversidade em termos de contextos territoriais e de tipos de estabelecimentos escolares, bem como a diversidade e riqueza da informação recolhida.

Este estudo encontra-se dividido numa secção de notas metodológicas e em quatro capítulos. A secção metodológica explicita o envolvimento e participação das escolas e dos alunos, bem como, os procedimentos de preparação e aplicação do questionário.

O primeiro capítulo pretende realizar uma caracterização sociográfica dos estudantes, a inserção socioprofissional dos trabalhadores-estudantes e as características sociais e económicas dos contextos familiares dos alunos.

O segundo capítulo é o mais abrangente e encontra-se dividido em três grandes secções: o estabelecimento de ensino, o curso/modalidade de ensino e a formação em contexto de trabalho.

Ao nível do estabelecimento de ensino, caracteriza-se os estabelecimentos de ensino frequentados, quanto à sua tipologia, natureza e distribuição territorial, procurando-se, numa segunda fase, analisar as perceções e níveis de satisfação relativamente às condições oferecidas na escola e o nível de participação dos alunos nas atividades escolares e não escolares, formais e informais. Para complementar esta abordagem analisam-se os fluxos de mobilidade inter-escolas, quer no que respeita a mudanças efetivas ou a desejos de mudança.

No que se refere ao curso/modalidade de ensino procurou-se descrever o tipo de certificação dos cursos e as modalidades de ensino frequentadas, cruzando-se estes dados com as características socioeconómicas e do estabelecimento de ensino frequentado. Numa segunda fase, analisam-se as perceções dos estudantes face ao processo de aprendizagem no curso. Posteriormente, são abordados os fluxos de mudança de curso/modalidade de ensino, procurando-se identificar as razões que levaram os alunos a realizar essa mudança efetiva ou ao desejo de mudança, em que anos se dão essas mudanças e se existe necessidade de repetição de anos.

A formação em contexto de trabalho destinada aos cursos profissionalmente qualificantes é caracterizada ao nível do contexto e do período de desenvolvimento do estágio, da sua duração e da região onde se realiza, de qual o tipo de entidade de acolhimento, da perceção dos estudantes sobre a contribuição desta formação em contexto de trabalho para o desenvolvimento de competências, da avaliação obtida e do grau de satisfação com a formação realizada.

O terceiro capítulo efetua uma abordagem do desempenho escolar dos inquiridos, através da análise, por um lado, da duração do trajeto escolar, através do número de anos de desvio anual no trajeto escolar e no trajeto pelo secundário, procurando-se elencar as justificações para esses desvios e, por outro, ao nível do rendimento escolar, passível de ser analisado pelo número de disciplinas com um nível de rendimento insuficiente, a média global das classificações, o nível de rendimento às disciplinas de língua portuguesa, língua estrangeira e matemática. Também é analisada a frequência de explicações e o nível de assiduidade dos estudantes ao longo do ensino secundário. Posteriormente observa-se de que forma estes indicadores de desempenho escolar se relacionam com os contextos escolares e os meios sociais de origem dos alunos.

No quarto e último capítulo são abordadas as expetativas dos estudantes relativamente ao período pós-secundário, no que se refere aos seus projetos escolares e profissionais, caracterizando-se os percursos escolares pretendidos e identificando-se as profissões que consideram vir a desempenhar aos 30 anos. As expetativas são analisadas tendo em consideração o desempenho escolar e a origem socioeconómica. Por outro lado, procura-se observar qual o tipo de formação e a área de estudo que os estudantes consideram vir a frequentar no pós-secundário, bem como as razões que os levam a tomar essas opções.

Nota metodológica

A informação apresentada ao longo deste documento é o resultado do trabalho desenvolvido entre a equipa do OTES e as escolas que participaram em todo o processo de inquirição “estudantes à saída do secundário - 2011/2012”. Este processo de inquirição contou com a participação de 680 estabelecimentos de ensino de Portugal continental com oferta do ensino secundário que representam 84,8% do universo de escolas destinatárias¹ (face a 691 escolas que participaram no ano letivo de 2009/2010 e que representavam 81,2% do universo de escolas) (Rodrigues et al, 2010:23). Para as escolas poderem participar neste processo têm que lecionar o 12.º ano ou equivalente nas modalidades de ensino e formação abrangidas pelo OTES: cursos científico-humanísticos; ensino artístico especializado – artes visuais e audiovisuais; cursos de educação e formação – tipo 5 e tipo 6; cursos profissionais e cursos tecnológicos.

O questionário foi aplicado entre os meses de março e julho de 2012, sendo inquiridos um total de 60,1% de alunos matriculados nas escolas participantes (47024 de um universo de 78241 alunos) nas modalidades anteriormente identificadas e que se encontravam a frequentar a escola aquando da aplicação deste processo de inquirição. No entanto, os alunos que no momento da inquirição tinham desistido, estavam ausentes, não apresentavam autorização de preenchimento necessária ou que decidiram não participar, ficaram de fora de todo este processo.

Para a aplicação do questionário, foi necessário o envolvimento antecipado e de colaboração do OTES com as escolas públicas e privadas, realizado por correio eletrónico e por contacto telefónico. Estes contactos procuraram explicar os objetivos deste processo, dar apoio na inscrição e articulação de todos os procedimentos, bem como, na respetiva calendarização do processo.

A documentação de apoio foi enviada para a escola por via eletrónica, com um conjunto de informações essenciais na gestão do processo de inquirição destacando-se os seguintes: palavra-chave/*login* da área de aplicação do questionário *on-line*, informação com a ligação do questionário e o período de aplicação do mesmo, manual de apoio ao processo de inquirição entre outros. Através dos e-mails recebidos com a informação de todo o processo, as escolas procedem à sua inscrição numa plataforma eletrónica desenvolvida para esse fim, onde ficam registados os dados sobre o número de alunos inscritos por curso e as modalidades de ensino e formação no ano letivo 2011/2012. Apesar dos contactos com as escolas serem realizados no mesmo período temporal, as inscrições por parte das escolas e a aplicação do questionário foi realizada de forma faseada consoante a rapidez de resposta das escolas.

¹ No final do estudo encontra-se disponível a listagem de escolas participantes no questionário “estudantes à saída do secundário – 2011/2012”

Sumário executivo

O Observatório de Trajetos de Estudantes do Ensino Secundário (OTES) é um instrumento de recolha e análise de dados de nível nacional, conduzido anualmente desde 2006 por parte da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência do Ministério da Educação e Ciência (DGEEC/MEC). Em 2012 o processo de inquirição “estudantes à saída do secundário - 2011/2012” foi aplicado entre os meses de março e julho de 2012, e contou com a participação de 47.024 alunos (60,1% dos matriculados nas escolas participantes) de 680 escolas públicas e privadas de Portugal Continental que representam 84.8% das escolas destinatárias.

Em Portugal, o OTES tem permitido um contributo importante na compreensão de múltiplos aspetos dos trajetos dos jovens portugueses durante o ensino secundário. Estes dados tem-se apresentado como instrumentos para uma compreensão mais aprofundada sobre os elementos mais importantes na definição de trajetos escolares e sociais dos jovens portugueses.

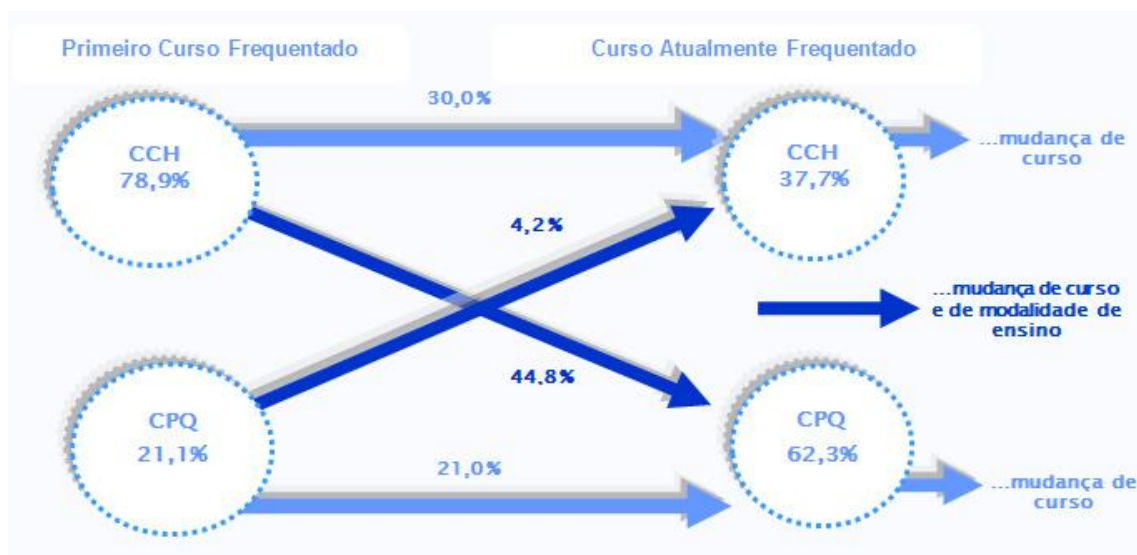
Os principais resultados do inquérito aos estudantes à saída do ensino secundário 2011/2012 são:

- Relativamente à caracterização dos estudantes os resultados revelam que existe uma distribuição repartida de género, com uma ligeira vantagem para as raparigas que representam 55% do total de inquiridos, que 65% tem idade igual ou inferior a 17 anos, 95% têm nacionalidade portuguesa e 69% dedicam-se exclusivamente aos estudos. No caso dos que trabalham, na maioria das situações a profissão exercida não tem qualquer relação com as suas aspirações profissionais futuras.
- No que diz respeito às características sociais de origem, verifica-se que a maioria provém de famílias conjugais, que cerca de metade das famílias (52%) têm pelo menos um membro da família com o ensino secundário e em que ambos os pais estão empregados (62%) e exercem atividades empresariais, dirigentes ou são profissionais liberais (41%).
- A maior parte dos respondentes frequentam escolas públicas (77%), das quais cerca de 40% se situam na região norte. O factor proximidade casa-escola parece ser determinante para a escolha da escola, uma vez que 78% dos inquiridos demoram menos de 30 minutos a chegar à escola.
- Ao nível das modalidades e dos cursos frequentados, a maioria dos alunos inquiridos (64%) frequenta um curso científico-humanístico e dos restantes, 32% encontravam-se a frequentar um curso profissional.

- Os alunos do ensino secundário revelam pouca mobilidade, uma vez que apenas 13% mudaram de escola. Desses cerca de metade mudaram apenas de escola mantendo o mesmo curso e os restantes mudaram também de modalidade ou de curso. No caso de mudaram de curso, foram os dos cursos científico-humanísticos os que mais mudaram, e foram os cursos profissionalmente qualificantes que mais receberam alunos em situação de mudança, uma vez que 45% dos alunos mudaram de um curso científico-humanísticos para um curso profissionalmente qualificante.

Estudantes do ensino secundário com mobilidade: fluxos entre modalidades de ensino

(%)

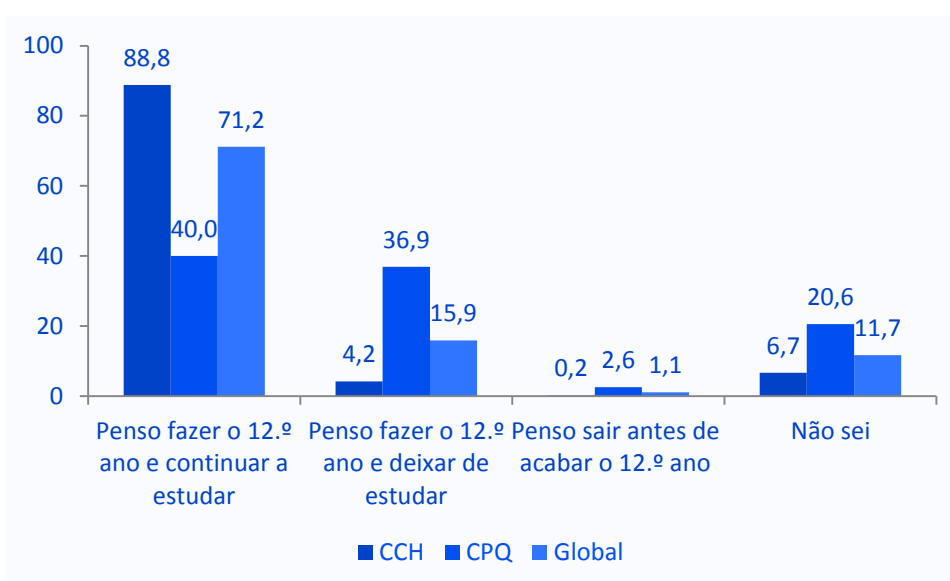


Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 5030

- Dos alunos que frequentaram um curso profissionalmente qualificante, verifica-se que a generalidade realizou ou encontrava-se a realizar um estágio. Destes a maioria realizou o seu estágio numa empresa em contexto real de trabalho. De um modo geral, os jovens fazem uma avaliação positiva do seu período de formação em contexto de trabalho a todos os níveis e consideram-no como importante para o desenvolvimento de várias competências chave.
- Ao nível do desempenho escolar é evidente que os casos de insucesso são reduzidos ao nível do 12.º ano, uma vez que 63% da população não sofreu qualquer desvio no seu trajeto escolar e 43% tiveram uma média superior a 15 valores. No entanto, 31% dos alunos declararam ter recorrido a explicações durante o 12º ano dos que reprovaram, 47% fizeram-no no 10º ano.

- No que diz respeito às expectativas escolares dos alunos, verifica-se que mais dois terços (71%) pretendem prosseguir com os estudos quando terminaram o ensino secundário, especialmente aqueles que frequentam cursos científico-humanísticos, sendo que a maioria quer estudar no ensino superior, as raparigas nos cursos nas áreas das ciências sociais e os rapazes nos cursos de tecnologias.
- Também os estudantes dos cursos que conduzem a uma qualificação profissional, nas suas respostas ao inquérito, manifestam, preferencialmente, uma intenção de prosseguir estudos após conclusão do ensino secundário, revelando ainda especial interesse por cursos universitários.

Expectativas de percurso escolar dos estudantes do ensino secundário



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

- Os alunos dos cursos profissionais são os que afirmam com mais frequência que pretendem trabalhar quando terminarem a sua formação de nível secundário.
- Relativamente às expectativas profissionais, e quando questionados sobre as expectativas da profissão que terão aos 30 anos é visível uma indefinição dos alunos face à profissão esperada. Daqueles que definiram uma profissão futura, fizeram-no no grupo socioprofissional dos “especialistas das profissões intelectuais e científicas”, (31%) sendo também importante referir que quanto melhor é o desempenho escolar, maiores são as expectativas profissionais dos inquiridos.

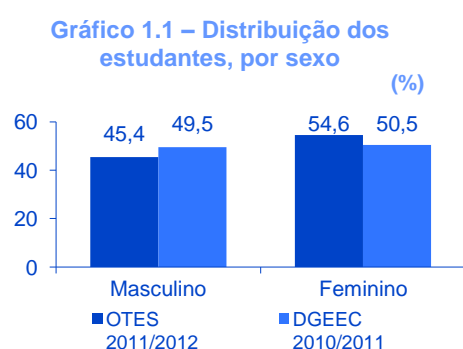
I

Caracterização dos Estudantes à Saída do Secundário

I. Caracterização dos estudantes à saída do secundário

Caracterização dos estudantes

Com o estabelecimento da escolaridade obrigatória até aos 18 anos de idade², o ensino secundário constitui-se como o nível de ensino base para a população portuguesa, ficando



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012 e DGEEC/MEC, Estatísticas da educação

reforçada a importância do papel das escolas que são atualmente frequentadas por públicos distintos oriundos de diferentes contextos sociais. Neste sentido, este capítulo caracteriza os alunos que frequentaram o 12.º ano ou equivalente no ano letivo 2011/2012. Este questionário contou com a colaboração de 47024 alunos provenientes de diversos estabelecimentos de ensino públicos e privados de Portugal continental. Relativamente à caracterização sociodemográfica e socioeconómica destes alunos a análise por sexo e

idade, permite constatar que 54,6% são mulheres e que 65,1% têm a idade esperada para frequentar este nível de ensino (≤ 17 anos). Isto significa que um terço dos inquiridos está atrasado no seu percurso escolar, devido essencialmente a reprovações ou interrupções durante o seu percurso (Gráfico 1.1 e Quadro 1.1).

A comparação dos dados OTES 2011/2012 com as estatísticas da educação 2010/2011, relativas à população congénere dos alunos de 12.º ano, demonstra que a distribuição por género é bastante semelhante, existindo maior predominância das mulheres em ambos os

Quadro 1.1 – Distribuição dos estudantes por sexo e idade (%)

	Masculino	Feminino
<= 17 anos	61,2	68,3
18 anos	20,5	18,4
19 anos	10,4	8,0
>= 20 anos	7,8	5,2
Total	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

dados (54,6% e 50,5%). No que se refere à composição etária, as estatísticas da educação relativas a 2010/11 revelam que 54% dos alunos que frequentavam o 12.º ano tinham 18 ou mais anos, o que poderá indiciar alguma sobre representatividade dos estudantes mais jovens entre os respondentes ao inquérito.

Comparando a distribuição por idade e sexo, constata-se que 68,3% das mulheres que responderam ao inquérito têm a idade esperada para a frequência no 12.º ano (face a 61,2%), o que mostra um maior investimento deste subgrupo numa escolarização de sucesso, como diversos estudos têm vindo a revelar (Silva, 1999; Alves, 1998) (Quadro 1.1).

² Lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto

A larga maioria dos alunos inquiridos afirma possuir nacionalidade portuguesa (94,5%), verificando-se simultaneamente que 80,3% também demonstra ter uma origem étnico-nacional portuguesa (Quadro 1.2). Os luso-africanos (7,7%), os descendentes de ex-emigrantes (3,4%) e os luso-europeus (3,1%) destacam-se também como origens étnico-nacionais dos estudantes. Estes falam maioritariamente português (85,3%) e 13,2% falam simultaneamente português e outras línguas.

Quadro 1.2 – Distribuição dos estudantes por nacionalidade, origem étnico-nacional e principal língua falada em casa

	(%)
Nacionalidade	Portuguesa 94,5
	Estrangeira 5,5
	Total 100
Origem étnico-nacional	Portugueses 80,3
	Luso-africanos 7,7
	Descendentes de ex-emigrantes 3,4
	Luso-europeus 3,1
	Africanos 1,5
	Luso-sul-americanos 1,2
	Europeus 0,9
	Sul-americanos 0,7
	Outras origens 1,2
Principal língua utilizada pelos estudantes em casa	Total 100
	Português 85,3
	Português e outras línguas 13,2
	Outras línguas 1,5
	Total 100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Quando se analisa a nacionalidade por

origem étnico-nacional, observa-se que 98,1% dos estudantes de origem portuguesa têm

Quadro 1.3 – Distribuição dos estudantes por nacionalidade e origem étnico-nacional

	Nacionalidade portuguesa	Nacionalidade estrangeira	(%)
Portugueses	98,1	1,9	100
Luso-africanos	97,1	2,9	100
Descendentes de ex-emigrantes	96,7	3,3	100
Luso-europeus	95,8	4,2	100
Luso-sul-americanos	90,3	9,7	100
Africanos	35,2	64,8	100
Europeus	34,8	65,2	100
Sul-americanos	29,8	70,2	100
Outras origens	88,2	11,8	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

também nacionalidade portuguesa, assim como têm nacionalidade portuguesa a grande maioria dos luso-africanos (97,1%), dos descendentes de ex-emigrantes (96,7%) e dos luso-europeus (95,8%) (Quadro 1.3). Destacam-se os de origem sul-americana onde apenas 29,8% afirmam ter nacionalidade portuguesa.

Trabalhadores-estudantes

Analizou-se igualmente a atividade profissional dos inquiridos durante o ensino secundário, as razões para terem começado a trabalhar e a relação entre o trabalho desenvolvido e as expectativas profissionais futuras.

Apesar de 31,4% admitir ter tido pelo menos um trabalho durante o ensino

Quadro 1.4 – Inserção profissional no ensino secundário e atividade realizada atualmente

	(%)
Inserção profissional dos estudantes durante o ensino secundário	Sim 31,4
	Não 68,6
	Total 100
Situação dos estudantes face à escola e atividade profissional	Estudante 90,1
	Trabalhador estudante 7,5
	Estudante e desempregado 2,4
	Total 100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Caracterização dos estudantes à saída do secundário

secundário, no momento da inquirição apenas 7,5% estavam numa situação de trabalhadores-estudantes, enquanto 90,1% encontravam-se apenas a estudar (Quadro 1.4).

Quadro 1.5 – Razões para ter começado uma atividade profissional

	(%)
Apesar de não ter dificuldades económicas queria ter o seu dinheiro	39,0
Surgiu uma oportunidade e decidiu aproveitar	36,2
A família tinha dificuldades económicas e era preciso obter mais dinheiro	29,3
A trabalhar aprende-se coisas importantes que a escola não ensina	20,1
Para ajudar no negócio familiar	12,5
Apesar da família não ter dificuldades económicas consideraram que deveria começar a trabalhar	5,8
Outra razão	12,1

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 4595

família (29,3%) (Quadro 1.5).

Relativamente ao regime de trabalho, 52,9% dos alunos declaram trabalhar, verificando-se que apenas 6% se encontravam a trabalhar a tempo inteiro (Quadro 1.6).

Quando se procura saber se o trabalho atual que estão a desempenhar se relaciona com as expetativas profissionais, constata-se que apenas 25,1% considera que a profissão desempenhada está relacionada com a profissão que pretendem seguir no futuro (Quadro 1.7).

Quadro 1.6 – Regime de trabalho dos estudantes com atividade laboral

	(%)
Trabalho a tempo parcial	52,9
Trabalho de vez em quando	20,7
Trabalho só em certos períodos do ano	13,2
Trabalho a tempo inteiro	6,0
Outra situação	7,2
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 4591

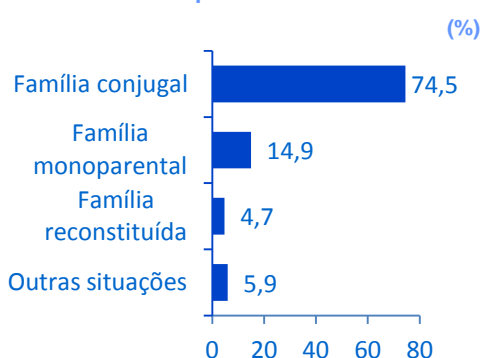
Quadro 1.7 – Relação entre atividade profissional desenvolvida e as expetativas profissionais

	(%)
Existe relação entre profissão atual e expetativas profissionais	25,1
Não existe relação entre profissão atual e expetativas profissionais	74,9
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 4594

Caracterização socioeconómica dos núcleos familiares dos estudantes

Gráfico 1.2 – Tipo de núcleo familiar



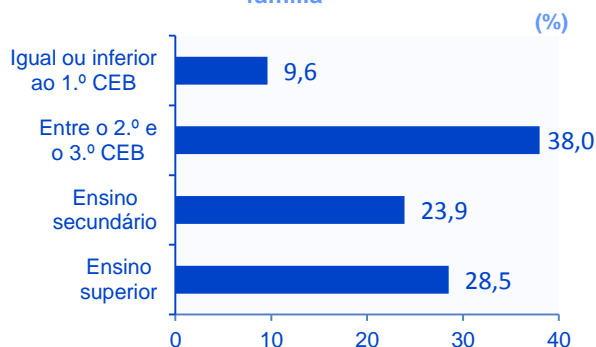
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Relativamente aos núcleos familiares dos alunos verifica-se que cerca de três quartos pertence a um núcleo familiar conjugal (74,5%), 14,9% a famílias monoparentais, e 4,7% a famílias reconstituídas. Na categoria outras situações encontram-se alunos que vivem com outros familiares, em

instituições e outras situações não especificadas (Gráfico 1.2).

Ao se abordar a temática da educação, torna-se fundamental ter como indicadores o nível de escolaridade dominante na família e a origem socioprofissional. No que se refere à escolaridade dominante na família dos alunos, constata-se que 38,0% das famílias demonstra ter atingido um nível de escolaridade situado entre o 2.º e o 3.º ciclo do ensino básico, seguindo-se as famílias em que pelo menos um dos elementos atingiu o ensino superior (28,5%) e o ensino secundário (23,9%) (Gráfico 1.3).

Gráfico 1.3 – Nível de escolaridade dominante na família



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Quadro 1.8 – Condições perante o trabalho na família

	(%)
Ambos os responsáveis exercem profissão	65,4
Um responsável trabalha e o outro é inativo	13,7
Um responsável trabalha e o outro está desempregado	11,3
Ambos os responsáveis estão desempregados	3,6
Ambos os responsáveis estão inativos	4,2
Um responsável está desempregado e o outro é inativo	1,7
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012 e 2009/2010.

A condição perante o trabalho na família é um dos indicadores mais importantes na análise do contexto socioeconómico de inserção dos alunos. Neste sentido, constata-se que a maioria dos inquiridos reside com as famílias em que ambos os responsáveis trabalham (65,4%) (Quadro 1.8). Comparando com os resultados relativos ao questionário aplicado no ano letivo 2009/2010 verifica-se que neste questionário existiu um pequeno

decréscimo de famílias onde um dos responsáveis trabalha e o outro é inativo (13,7% face a 16,0%) e um ligeiro aumento nas famílias em que um dos responsáveis trabalha e o outro está desempregado (11,3% face a 8,8%) (Rodrigues et al, 2010:40).

Quadro 1.9 – Grande grupo de profissões dominante na família

	(%)
	%
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	23,1
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	16,5
Pessoal dos Serviços e Vendedores	15,8
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	12,0
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	11,0
Pessoal Administrativo e Similares	7,5
Trabalhadores não Qualificados	7,3
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	3,9
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	2,9
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Analisando a profissão dominante na família dos estudantes conclui-se que os grandes grupos profissionais mais representados ao nível das profissões exercidas são: os “operários, artífices e trabalhadores similares” (23,1%), os “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (16,5%) e o “pessoal dos serviços e vendedores” (15,8%) (Quadro 1.9).

Quadro 1.10 – Origem socioprofissional dos estudantes

	(%)
	%
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	41,0
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	21,8
Trabalhadores Independentes	4,6
Empregados Executantes	25,8
Operários	6,8
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012 e 2009/2010.

Uma abordagem da origem socioprofissional dos alunos, demonstra que os estudantes provêm essencialmente de famílias de “empresários, dirigentes e profissionais liberais” (41,0%), de famílias de “empregados executantes” (25,8%) e de famílias de “profissionais técnicos e de enquadramento” (21,8%) (Quadro

1.10). Estes dados comparativamente com os recolhidos pelo questionário realizado no ano lectivo 2009/2010, revela um aumento de famílias de “empresários, dirigentes e profissionais liberais” e famílias de “profissionais técnicos e de enquadramento” e um decréscimo nas famílias de “empregados executantes” (Rodrigues et al, 2010:40). Esta mutação de resultados talvez já seja o reflexo do alargamento do ensino secundário a públicos mais amplos, e provenientes de contextos mais humildes.

Quando analisadas as composições socioprofissionais por níveis de escolaridade dos agregados familiares,

observa-se que entre os que têm habilitações mais elevadas há predominância de “empresários, dirigentes e profissionais liberais” (44,9% dos que detêm ensino superior e 46,8% dos que têm ensino

Quadro 1.11 – Origem socioprofissional, segundo o nível de escolaridade dominante na família

	(%)	Igual ou inferior ao 1.º CEB	Entre o 2.º e o 3.º CEB	Ensino secundário	Ensino superior
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais		27,3	36,4	46,8	44,9
Profissionais Técnicos e de Enquadramento		2,5	5,8	20,9	45,7
Trabalhadores Independentes		9,3	7,3	3,1	1,5
Empregados Executantes		42,2	40,2	26,0	5,1
Operários		18,7	10,3	3,1	2,9
Total		100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

secundário) e de “profissionais técnicos e de enquadramento” (45,7% nos agregados cuja habilitação é ao nível do ensino superior e 20,9% nos agregados cuja habilitação é ao nível do ensino secundário) (Quadro 1.11).

II

O Estabelecimento de Ensino e o Curso

II. O estabelecimento de ensino e o curso

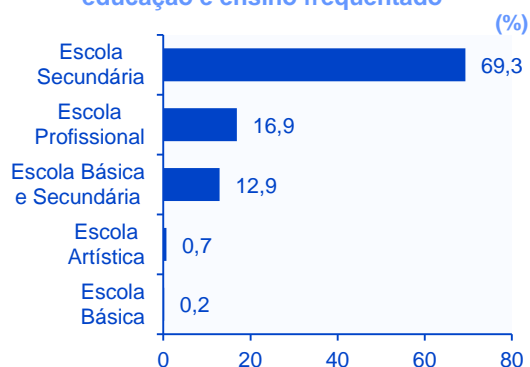
O percurso pelo ensino secundário obriga os alunos a tomadas de decisão sobre as suas escolhas relativas ao seu trajeto escolar, tanto ao nível do estabelecimento de ensino, como no que se refere à modalidade de ensino/curso frequentado. A avaliação destas duas dimensões de análise, conjuntamente com uma abordagem da formação em contexto de trabalho, permitem analisar temas relevantes para compreender o funcionamento do sistema educativo. Este capítulo pretende caracterizar as escolhas escolares e as perceções dos alunos relativamente ao estabelecimento de ensino frequentado, à modalidade/curso escolhido e à formação em contexto de trabalho.

Como as escolhas escolares são determinadas a partir de um conjunto de diversas opções, considera-se pertinente analisar se a escolha da escola e da modalidade/curso tomada à entrada do ensino secundário foi a mais acertada. Deste modo, procura-se compreender as mobilidades de escola e de curso durante o ensino secundário, identificando-se e compreendendo-se essas mudanças.

2.1. O estabelecimento de ensino

2.1.1. Tipologia do estabelecimento de ensino, natureza e distribuição territorial

Gráfico 2.1 – Tipologia do estabelecimento de educação e ensino frequentado



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012

Tendo em consideração que foram inquiridos estudantes do 12.º ano ou equivalente, a maioria dos alunos frequenta uma escola secundária (69,3%), seguindo-se as escolas profissionais (16,9%) e as escolas básica e secundária (12,9%) (Gráfico 2.1). O número residual de escolas artísticas (0,7%), deve-se ao facto do ensino artístico especializado (artes visuais e audiovisuais) ser lecionado em muito poucas escolas a nível nacional.

Quando se analisa a natureza do estabelecimento de ensino, constata-se que a maioria dos inquiridos (76,7%) frequenta uma escola pública à semelhança do que é retratado nas estatísticas da educação 2010/2011, existindo uma pequena sobre-representação das escolas privadas no OTES relativamente às estatísticas da educação (Quadro 2.1).

Quadro 2.1 – Natureza do estabelecimento de ensino

	OTES 2011/2012	DGEEC 2010/2011
Público	76,7	81,8
Privado	23,3	18,2
Total	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012 e DGEEC/MEC, Estatísticas da educação 2010/2011.

Quadro 2.2 – Estabelecimentos de ensino, por região

(%)

	OTES 2011/2012	DGEEC 2010/2011
Norte	40,4	39,6
Centro	26,3	21,8
Lisboa	21,9	28,2
Alentejo	7,7	6,3
Algarve	3,7	4,1
Total	100	100

Nota: As regiões apresentadas correspondem à nomenclatura comum das unidades territoriais estatísticas de nível II
 Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012, DGEEC/MEC, Estatísticas da educação 2010/2011 e INE, Recenseamento da população e habitação, 2011.

Uma abordagem da distribuição dos alunos por região, permite-nos constatar que, existem mais inquiridos a frequentar um estabelecimento da região norte, seguindo-se a região centro e a região de Lisboa (Quadro 2.2). Comparativamente com os dados das estatísticas da educação 2010/2011, verifica-se que os inquiridos OTES no ano de 2011/2012 aparecem sobre

representados na região centro (26,3% face a 21,8%) e sub-representados na região de Lisboa (21,9% face a 28,2%).

Nas deslocações dos alunos de casa para a escola, verifica-se que a maioria demora menos de 30 minutos, destacando-se casos excecionais em que os alunos (4,6%) referem demorar mais de 50 minutos, o que sugere que a proximidade é um fator determinante para a escolha do estabelecimento de ensino (Quadro 2.3).

Quadro 2.3 – Tempo demorado pelos alunos no percurso casa-escola
(%)

	%
Menos de 30 minutos	78,3
Entre 30 e 50 minutos	17,1
Mais de 50 minutos	4,6
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Quadro 2.4 – Tempo de demora no percurso casa escola, por meio de transporte utilizado

(%)

	Menos de 30 minutos	Entre 30 e 50 minutos	Mais de 50 minutos
A pé	28,7	5,7	3,2
De transporte escolar	7,7	13,4	11,0
De transporte público	26,1	72,7	80,2
De carro	34,8	7,6	3,0
De moto	1,8	0,2	0,5
De bicicleta	0,6	0,2	1,1
Outro Meio	0,2	0,2	1,1
Total	100	100	100

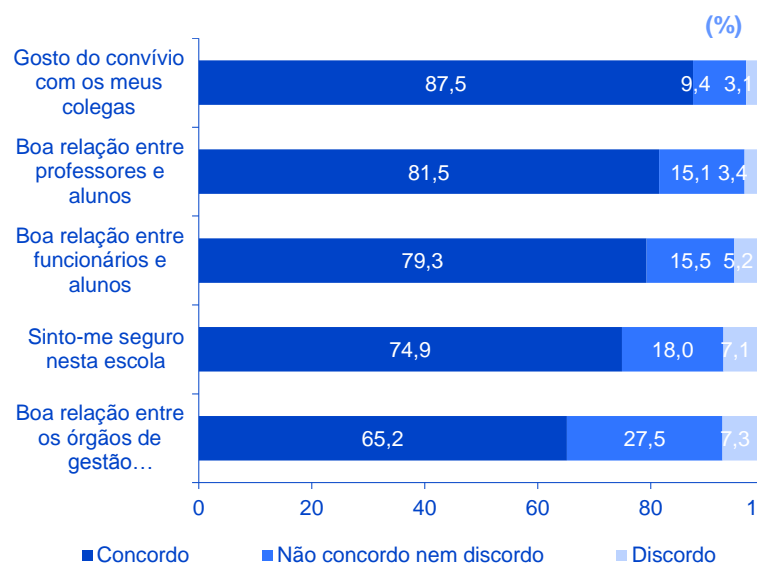
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Os alunos que demoram menos de 30 minutos na deslocação casa escola, deslocam-se de carro (34,8%), a pé (28,7%) ou de transporte público (26,1%) (Quadro 2.4). Aqueles que demoram mais de 30 minutos são os que se deslocam de transportes públicos.

2.1.2. Perceções sobre as relações na escola

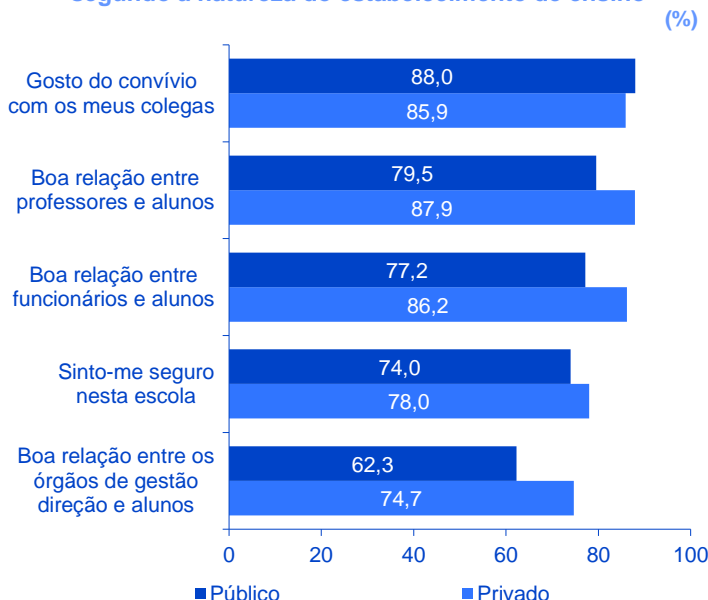
Relativamente às percepções dos estudantes sobre as relações existentes na escola, a avaliação mais positiva refere-se à relação com os colegas, existindo 87,5% de inquiridos que manifesta gostar do convívio com os colegas. Destaca-se ainda, a relação entre professores e alunos (81,5%) e a relação entre funcionários e alunos (79,3%) (Gráfico 2.2).

Gráfico 2.2 – Grau de concordância sobre as relações na escola



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Gráfico 2.3 – Concordância sobre as relações na escola, segundo a natureza do estabelecimento de ensino



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Relacionando a percepção das relações na escola por natureza do estabelecimento de ensino, verifica-se que os alunos que frequentam escolas privadas concordam mais com a globalidade das relações na escola, destacando-se a boa relação entre professores e alunos (87,9% face a 79,5%) e entre funcionários e alunos (86,2% face a 77,2%) (Gráfico 2.3). É de destacar a avaliação positiva que fazem relativamente ao relacionamento entre os

órgãos de gestão/direção e alunos apresentando diferenças face aos que frequentam uma escola pública (74,7% face a 62,3%).

Quando se realiza esta análise por tipo de certificação do curso, apesar de existirem pequenas diferenças, verifica-se que os estudantes dos cursos científico-humanísticos valorizam mais o convívio com os colegas (89,2%) e a segurança existente na escola (77,1%), enquanto os dos cursos profissionalmente qualificantes, concordam mais com a boa relação entre funcionários e alunos (83,7%) e entre os órgãos de gestão/direção da escola e os alunos (70,8%) (Quadro 2.5).

Quadro 2.5 – Concordância sobre as relações na escola, segundo a modalidade atual

	CCH	CPQ				Total
		CT	EAE	CEF	CP	
Gosto do convívio com os meus colegas	89,2	84,5	89,3	80,5	84,8	84,2
Boa relação entre professores e alunos	80,5	83,1	78,7	76,4	83,3	83,7
Boa relação entre funcionários e alunos	77,6	82,5	83,6	86,4	87,7	82,2
Sinto-me seguro nesta escola	77,1	71,1	74,4	71,1	74,6	70,8
Boa relação entre os órgãos de gestão/direção e alunos	62,3	70,2	60,5	60,5	68,8	71,2

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

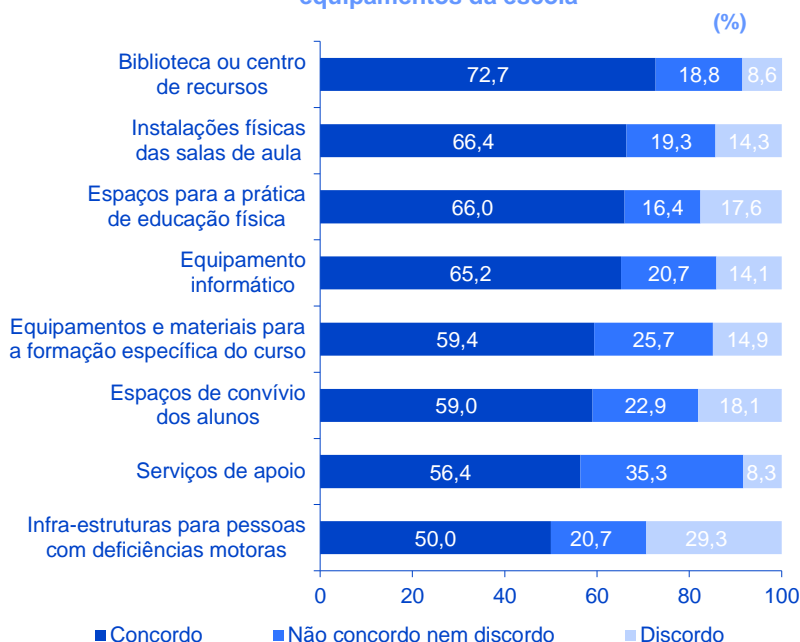
Analisando as modalidades de ensino dos alunos que frequentam

um curso profissionalmente qualificante, observa-se que os alunos do ensino artístico especializado e dos cursos tecnológicos, a par dos cursos científico-humanísticos são os que mais afirmam gostar do convívio com os colegas (89,3% e 84,5%), enquanto os dos cursos profissionais e dos cursos de educação e formação concordam mais com a boa relação entre funcionários e alunos (87,7% e 86,4%). Por outro lado, quem frequenta cursos tecnológicos e dos cursos profissionais são os que mais concordam com a boa relação entre os órgãos de gestão/direção e os alunos (70,2% e 68,8%).

2.1.3. Perceções sobre os espaços e equipamentos da escola

A avaliação sobre os espaços e equipamentos da escola é na globalidade dos itens positiva, destacando-se especialmente a biblioteca ou centro de recursos (72,7%), as instalações físicas das salas de aula (66,4%), os espaços para a prática de educação física (66,0%) e equipamento informático (65,2%) (Gráfico 2.4). Importa ainda destacar que os alunos avaliam

Gráfico 2.4 – Concordância sobre a adequabilidade dos espaços e equipamentos da escola



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

de forma menos positiva a adequabilidade das infra estruturas para pessoas com deficiências motoras (50,0%).

Gráfico 2.5 – Concordância sobre a adequabilidade dos espaços e equipamentos da escola, segundo a natureza do estabelecimento de ensino



Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Quando se observa a concordância sobre a adequabilidade dos espaços e equipamentos da escola, por natureza do estabelecimento de ensino constata-se que os estudantes do ensino privado avaliam de forma mais positiva a maioria dos itens, evidenciando-se as instalações físicas das salas de aula (76,0% face a 63,5%), os equipamentos e materiais para a formação específica do curso (68,4% face a 56,6%) e serviços de apoio (65,4% face a 53,6%) (Gráfico 2.5). Os inquiridos que frequentam uma escola pública

concordam mais com a adequabilidade das bibliotecas e centros de recursos (77,2% face a 57,6%) e os espaços para a prática de educação física (66,9% e 62,9%).

Por tipo de certificação verifica-se que os alunos dos cursos profissionalmente qualificantes demonstram maior concordância com a adequabilidade da maioria dos espaços e equipamentos da escola (Quadro 2.6). No entanto, constata-se algumas diferenças nos inquiridos que frequentam os cursos científico-humanísticos que concordam mais com a

Quadro 2.6– Concordância sobre a adequabilidade dos espaços e equipamentos da escola, segundo a modalidade frequentada

	CCH	CPQ				
		CT	EAE	CEF	CP	Total
Biblioteca ou centro de recursos	76,0	73,7	67,0	84,1	66,0	66,7
Espaços para a prática de educação física	67,1	74,7	51,0	78,8	63,3	64,0
Equipamento informático	64,0	68,9	57,5	57,7	71,9	67,6
Instalações físicas das salas de aula	63,5	67,6	76,7	68,6	67,8	71,6
Espaços de convívio dos alunos	59,2	63,5	39,9	58,0	58,6	58,6
Equipamentos e materiais para a formação específica do curso	58,5	64,8	82,9	66,4	60,1	61,0
Serviços de apoio	52,8	59,7	48,7	65,0	63,1	62,6
Infraestruturas para pessoas com deficiências motoras	48,3	45,4	76,1	46,4	53,0	53,0

Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

adequabilidade da biblioteca ou centro de recursos (76,0 face a 66,7%) e os espaços para a prática de educação física (67,1% face a 64,0%), enquanto, os dos cursos profissionalmente qualificantes concordam mais com as instalações físicas das salas de aula (71,6% face a 63,5%) e com os serviços de apoio (62,6% face a 52,8%) indo ao encontro das especificidades de cada um dos tipos de certificação.

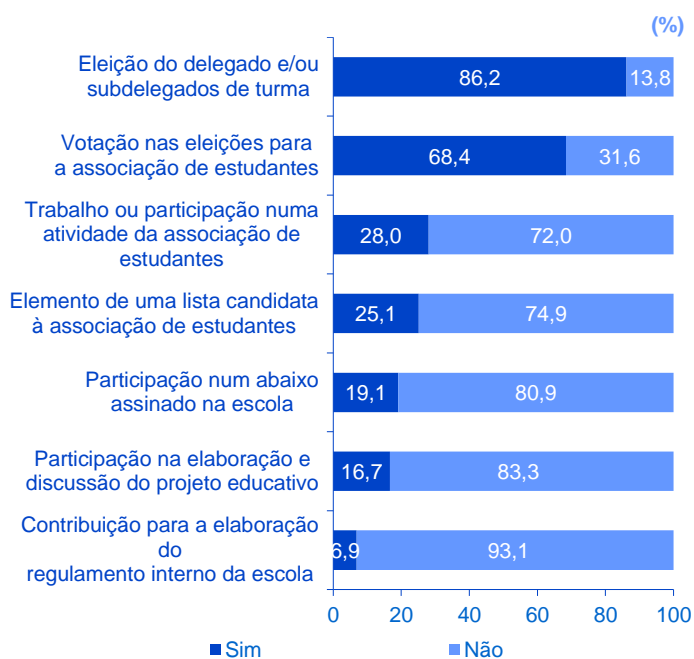
Comparando os cursos profissionalmente qualificantes encontram-se algumas diferenças. Se os alunos dos cursos de educação e formação concordam mais com a adequabilidade da biblioteca ou centro de recursos humanos (84,1%), os espaços para a prática de educação física (78,8%) e os serviços de apoio (65,0%), os do ensino artístico especializado concordam mais com a adequabilidade dos equipamentos e materiais para a formação específica do seu curso (82,9%), das instalações físicas da sala de aula (76,7%), e das infraestruturas para pessoas com deficiências motoras (76,1%). Por sua vez, os cursos profissionais e os cursos tecnológicos concordam mais com a adequabilidade dos equipamentos informáticos (71,9% e 68,9%).

2.1.4. Perceções sobre a participação na escola

A escola é um espaço que não se limita ao que acontece na sala de aula, existindo iniciativas escolares e outros espaços propiciadores de diferentes aprendizagens, de exercício de cidadania e de participação em atividades aí desenvolvidas. Neste sentido, considera-se fundamental compreender quais as formas de participação e qual a sua intensidade, quer ao nível formal e informal no contexto escolar, em diversas atividades escolares não-letivas, bem como, nas atividades fora do contexto escolar.

Participação formal

Gráfico 2.6 – Participação formal em atividades escolares



Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Quando questionados sobre uma diversidade de atividades formais não-letivas desenvolvidas no espaço escolar, constata-se uma fraca participação, com exceção da eleição do delegado e/ou subdelegado de turma (86,2%) e a votação nas eleições para a associação de estudantes (68,4%). As atividades escolares onde existe menor participação são a contribuição na elaboração do regulamento interno da escola (6,9%) e na elaboração e discussão do projeto educativo (16,7%) (Gráfico 2.5). O tipo de

atividades mais participadas são aquelas que são obrigatórias e que se encontram disponíveis na globalidade das escolas para que os estudantes possam e devam participar, como é o caso da eleição do delegado de turma.

A participação neste tipo de atividades não-letivas também varia de acordo com o tipo de certificação do curso e a modalidade de ensino frequentada. Com exceção da participação na elaboração e discussão do projeto educativo que é a atividade mais participada pelos alunos dos cursos profissionalmente qualificantes, todas as restantes são mais participadas pelos que frequentam um curso científico-humanístico (Quadro 2.7).

Quadro 2.7 – Participação formal em atividades escolares, segundo o tipo de certificação do curso atual e modalidade frequentada

		CPQ (%)					
		CCH	CT	EAE	CEF	CP	Total
Eleição do delegado e/ou subdelegados de turma	Sim	90,1	82,4	86,6	79,6	78,8	79,2
	Não	9,9	17,6	13,4	20,4	21,2	20,8
	Total	100	100	100	100	100	100
Votação nas eleições para a associação de estudantes	Sim	76,5	55,7	66,8	78,8	53,4	54,0
	Não	23,5	44,3	33,2	21,2	46,6	46,0
	Total	100	100	100	100	100	100
Trabalho ou participação numa atividade da associação de estudantes	Sim	30,6	26,7	24,0	39,7	23,0	23,4
	Não	69,4	73,3	76,0	60,3	77,0	76,6
	Total	100	100	100	100	100	100
Elemento de uma lista candidata à associação de estudantes	Sim	28,5	26,0	13,9	40,4	18,2	18,9
	Não	71,5	74,0	86,1	59,6	81,8	81,1
	Total	100	100	100	100	100	100
Participação num abaixo-assinado na escola	Sim	19,9	17,8	35,3	31,6	17,1	17,6
	Não	80,1	82,2	64,7	68,4	82,9	82,4
	Total	100	100	100	100	100	100
Participação na elaboração e discussão do projeto educativo	Sim	14,9	19,0	10,4	15,4	20,2	19,9
	Não	85,1	81,0	89,6	84,6	79,8	80,1
	Total	100	100	100	100	100	100
Contribuição para a elaboração do regulamento interno da escola	Sim	4,8	7,2	3,3	7,4	11,0	10,5
	Não	95,2	92,8	96,7	92,6	89,0	89,5
	Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

projeto educativo (19,0% e 20,2%). Os que mais participam na maioria das atividades apresentadas são os alunos dos cursos de educação e formação, destacando-se as atividades relacionadas com a associação de estudantes.

Participação não formal

Com o objetivo de complementar o estudo da participação dos alunos em atividades não-letivas, questionou-se o seu envolvimento em iniciativas não formais desenvolvidas em meio escolar. A este nível, a participação varia consoante a atividade escolar em análise. O envolvimento é maior no que se refere às visitas de estudo (90,1%), aos torneios desportivos (54,3%) e aos debates ou sessões de esclarecimentos (49,8%) (Gráfico 2.7). A participação é muito menor ao nível dos clubes temáticos (13,9%) e das iniciativas solidárias (28,8%).

Analisando os alunos dos cursos profissionalmente qualificantes verifica-se que os do ensino artístico especializado participam mais que os restantes na eleição do delegado e/ou subdelegado de turma (86,6%) e num abaixo-assinado na escola (35,3%), apesar de quase não contribuírem para a elaboração do regulamento interno da escola (3,3%).

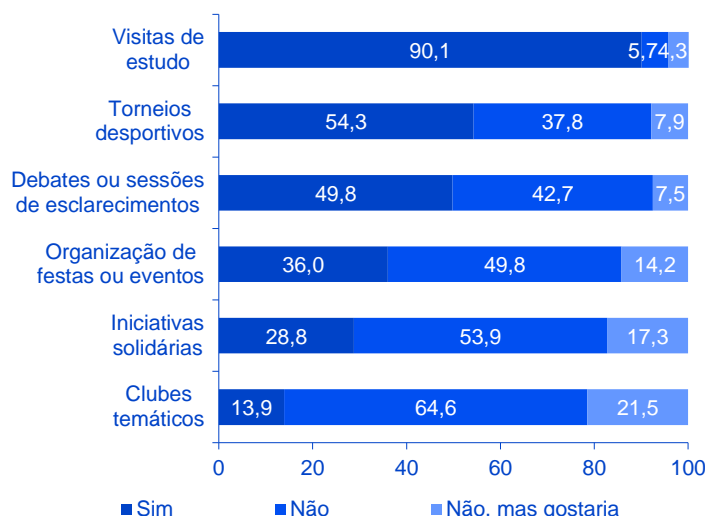
Por outro lado, os inquiridos que frequentam um curso tecnológico ou um curso profissional participam mais na elaboração e discussão do

Apesar da fraca participação neste tipo de atividades, constata-se que, no caso de existir um maior desenvolvimento destas atividades em meio escolar, existe interesse de participação por parte dos estudantes, na medida em que, estes consideram que gostavam de participar.

Tendo em conta o tipo de certificação do curso

frequentado, constata-se que são os dos cursos científico-humanísticos que mais participam nas atividades em causa, com exceção da organização de festas ou eventos, em que os dos

Gráfico 2.7– Participação não formal em atividades escolares (%)



Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Quadro 2.8 – Participação não formal em atividades escolares, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada (%)

		CCH		CPQ				Total
			CT	EAE	CEF	CP		
Visitas de estudo	Sim	91,7	80,2	85,2	85,3	87,8		87,1
	Não	4,5	11,6	7,4	8,1	7,5		7,8
	Não, mas gostaria	3,8	8,2	7,4	6,6	4,8		5,1
	Total	100	100	100	100	100		100
Torneios desportivos	Sim	57,0	81,1	38,3	60,6	47,1		49,5
	Não	36,1	14,8	45,7	29,9	42,8		40,7
	Não, mas gostaria	6,9	4,2	16,0	9,5	10,1		9,8
	Total	100	100	100	100	100		100
Debates ou sessões de esclarecimentos	Sim	53,0	34,7	47,0	57,4	44,6		44,0
	Não	40,0	57,6	41,7	30,1	47,0		47,5
	Não, mas gostaria	7,0	7,7	11,3	12,5	8,4		8,4
	Total	100	100	100	100	100		100
Organização de festas ou eventos	Sim	33,6	46,2	26,5	48,9	40,0		40,2
	Não	51,8	42,2	51,2	34,3	46,6		46,3
	Não, mas gostaria	14,6	11,6	22,3	16,8	13,4		13,5
	Total	100	100	100	100	100		100
Iniciativas solidárias	Sim	29,5	21,6	14,9	32,4	28,3		27,6
	Não	51,7	65,0	53,3	49,3	57,4		57,8
	Não, mas gostaria	18,8	13,3	31,8	18,4	14,3		14,6
	Total	100	100	100	100	100		100
Clubes temáticos	Sim	13,5	10,7	15,5	22,1	14,8		14,6
	Não	64,0	73,6	50,3	54,4	65,5		65,7
	Não, mas gostaria	22,5	15,8	34,2	23,5	19,6		19,7
	Total	100	100	100	100	100		100

Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

cursos profissionalmente qualificantes demonstram participar mais (40,2% face a 33,6%) (Quadro 2.8).

Por modalidade de ensino verifica-se que os inquiridos dos cursos de educação e formação são os que mais participam em qualquer uma das atividades. Porém, destacam-se os estudantes dos cursos tecnológicos como os que mais referem participar em torneios desportivos (81,1%) e na organização de festas ou eventos (46,2%), ao contrário dos alunos do ensino artístico

especializado, que são os que menos participam nesse tipo de atividades. Os dos cursos profissionais participam mais em visitas de estudo (87,8%).

Se a participação em atividades de contexto escolar é reduzida, quando se analisa as atividades fora do mesmo a participação ainda é menor. A atividade em que os inquiridos mais afirmam participar é nas associações ou clubes desportivos (26,1%) e associações culturais ou recreativas (13,2%) (Gráfico 2.8). A associação de defesa de direitos humanos é a atividade em que existe menor participação (1,7%), mas a que estes mais demonstram gostar de participar.

Gráfico 2.8 – Participação não formal dos alunos em atividades fora do contexto escolar



Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

2.1.5. Mobilidade inter-escolas: a mudança de escola induzida pela mudança de curso

A mudança ou desejo de mudança de escola é um fenómeno que ocorre durante o ensino secundário e que pode ser gerado por diversos motivos, inclusive o desejo de simultaneamente mudarem de modalidade de ensino/curso. Pretende-se identificar e compreender que inquiridos realizaram ou desejaram realizar essa mudança, apresentando-se os perfis de mobilidade de escola mais frequentes e as razões que levaram a essa mudança.

Gráfico 2.9 – Mudança ou desejo de mudança de escola no ensino secundário



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Do total de estudantes inquiridos, constata-se que a maioria (81,1%) refere nunca ter mudado de escola ao longo do ensino secundário (Gráfico 2.9). No entanto, existem 18,9% de alunos que afirmam ter mudado ou desejado mudar de escola, dos quais, 12,5% realizaram uma mudança efetiva de escola.

Com o objetivo de saber quem são estes estudantes são analisadas algumas variáveis (Quadro 2.9), e constata-se que quanto maior é a idade do aluno, mais eles afirmam ter mudado de escola, refletindo estes resultados o facto de as mudanças terem muitas vezes o inconveniente de o aluno ter que perder um ou mais anos consoante a situação e o ano onde ocorre essa

mudança. Por outro lado, são os que frequentam atualmente uma escola privada que mais mudaram de escola (21,1%).

Uma análise por tipo de certificação e modalidade de ensino, permite constatar que são os inquiridos que frequentam os cursos profissionalmente qualificantes (17,5%) que mais mudaram de escola, enquanto os dos cursos científico-humanísticos (7,7%) são os que mais desejam

mudar apesar de não o fazerem. Por modalidade de ensino, observa-se que são os estudantes dos cursos de educação e formação (26,1%) que mais mudam de escola, seguindo-se os dos cursos profissionais (17,8%).

Subjacente a estas mudanças estão os atrasos no percurso escolar, pois consoante o ano em que o estudante se encontra, as mudanças de curso podem gerar maior ou menor atraso no percurso escolar pelo ensino secundário. De facto, quando se observa o número de anos de desvio anual durante o ensino secundário, verifica-se que

Quadro 2.9 – Mudança ou desejo de mudança de escola no ensino secundário

(%)

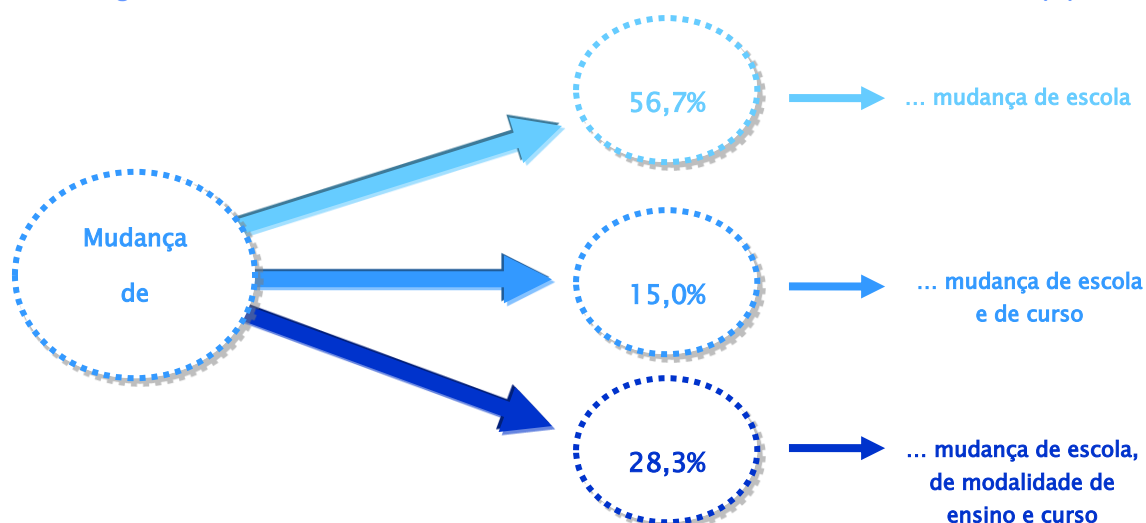
		Sim	Não, mas gostava de ter mudado	Não	Total
Sexo	Masculino	12,6	6,0	81,3	100
	Feminino	12,4	6,7	80,9	100
Idade	<= 17 anos	7,3	7,3	85,4	100
	18 anos	17,9	5,4	76,8	100
	19 anos	23,5	4,5	72,0	100
	>= 20 anos	33,4	2,9	63,7	100
Natureza do estabelecimento de ensino	Público	9,9	6,7	83,3	100
	Privado	21,1	5,1	73,8	100
Tipo de certificação	CCH	9,7	7,7	82,6	100
	CPQ	17,5	4,0	78,5	100
Modalidade atual	CCH	9,7	7,7	82,6	100
	CT	12,9	5,9	81,2	100
	EAE	17,2	4,7	78,0	100
	CEF	26,1	5,1	68,8	100
	CP	17,8	3,8	78,4	100
Nº de anos de desvio anual no secundário	Nenhum ano	7,2	6,7	86,1	100
	1 ano	30,4	5,6	64,0	100
	2 anos	37,3	4,6	58,1	100
	>=3 anos	43,0	2,8	54,2	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

quanto mais anos de desvio anual os alunos apresentam mais estes afirmam ter mudado de escola (1 ano – 30% e >=3 anos – 43%), acontecendo o inverso com os que desejaram mudar de escola, pois quanto menos anos de desvio anual pelo ensino secundário, mais eles apresentam esse desejo. Isto acontece porque a mudança de escola está também associada a uma mudança de curso, que como temos vindo a constatar e iremos continuar a ver mais adiante, leva inevitavelmente a perda de anos letivos no percurso pelo ensino secundário, a um aumento de anos de desvio anual no secundário.

De seguida pretende-se analisar os fluxos de mobilidade existentes nesta mudança de escola. A mobilidade dos estudantes entre escolas pode ocorrer de três formas distintas: uma é a dos inquiridos que mudam apenas de escola, mantendo a mesma modalidade de ensino e curso; outra é a dos que mudam de escola e de curso, mantendo a mesma modalidade de ensino, por último, os que mudam ao mesmo tempo de escola, modalidade de ensino e curso.

Figura 1 – Mobilidades entre escolas, modalidades e cursos no ensino secundário (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 5855

A mobilidade de escola mais frequente para a maioria dos estudantes é a mudança de escola com manutenção da modalidade de ensino e curso (56,7%). O segundo maior grupo é o dos estudantes que afirmam ter mudado de escola e de curso e, também, de modalidade de ensino (28,3%). Apenas 15,0% dos inquiridos mudaram de escola e de curso, mantendo a modalidade de ensino que já frequentavam.

As principais razões apresentadas para justificarem a mudança ou o desejo de mudança de escola, são o facto da escola anterior não ter o curso ou as disciplinas que eles queriam frequentar (37,7%), ser uma escola com melhores professores (14,4%), com mais prestígio (13,7%) e que ficasse mais próxima da sua casa (13,4%) (Quadro 2.10).

Quadro 2.10 – Principais razões para terem mudado ou terem desejado mudar de escola durante o ensino secundário, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada (%)

	Total	CCH	CPQ					Total
			CT	EAE	CEF	CP		
Queria uma escola onde existisse o curso/disciplinas que eu queria	37,7	22,6	55,0	64,9	50,0	59,5	59,2	
Queria ter melhores professores	14,4	20,1	4,3	9,5	9,5	6,1	6,1	
Queria uma escola com mais prestígio	13,7	17,5	8,7	21,6	4,8	8,0	8,3	
Queria uma escola mais próxima da minha casa	13,4	14,8	15,2	6,8	7,1	11,4	11,5	
Queria uma escola com melhores instalações	10,8	13,2	10,0	5,4	7,1	7,2	7,3	
Mudei de cidade/país	9,0	8,9	5,6	4,1	2,4	9,6	9,2	
Queria ir para a escola onde estavam os meus amigos	9,1	11,4	6,5	5,4	4,8	5,7	5,8	
Os meus pais acharam que a escola onde estava não era a melhor	6,5	8,4	3,0	-	7,1	3,7	3,6	
Por motivos pessoais	5,8	6,6	6,9	4,1	2,4	4,6	4,7	
Queria uma escola com menos problemas de segurança	3,0	3,4	2,6	-	2,4	2,4	2,4	
Queria uma escola mais próxima do local onde os meus pais trabalhavam	1,8	2,3	1,7	-	2,4	1,1	1,1	
Outra razão	6,8	8,0	4,3	6,8	16,7	5,1	5,2	

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 8847

Por tipo de certificação, verifica-se que os dos cursos profissionalmente qualificantes justificam a sua mudança essencialmente com o facto de pretenderem frequentar uma escola onde existisse o curso ou

disciplinas que desejavam (59,2%), enquanto os dos cursos científico-humanísticos revelam uma maior dispersão entre esta razão (22,6%), o desejo de ter melhores professores (20,1%) e de frequentar uma escola com mais prestígio (17,5%).

Quadro 2.11– Principal razão para os alunos não mudarem de escola, sendo que gostariam de o fazer, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada

</

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 2983

Para os alunos que desejaram mudar de escola durante o ensino secundário, mas não o fizeram, as razões mais apontadas são o facto da escola atual ser a que ficava mais perto de casa (42,2%), os pais acharem que aquela escola era a melhor (13,5%) e os amigos frequentarem a escola atual (12,3%) (Quadro 2.11).

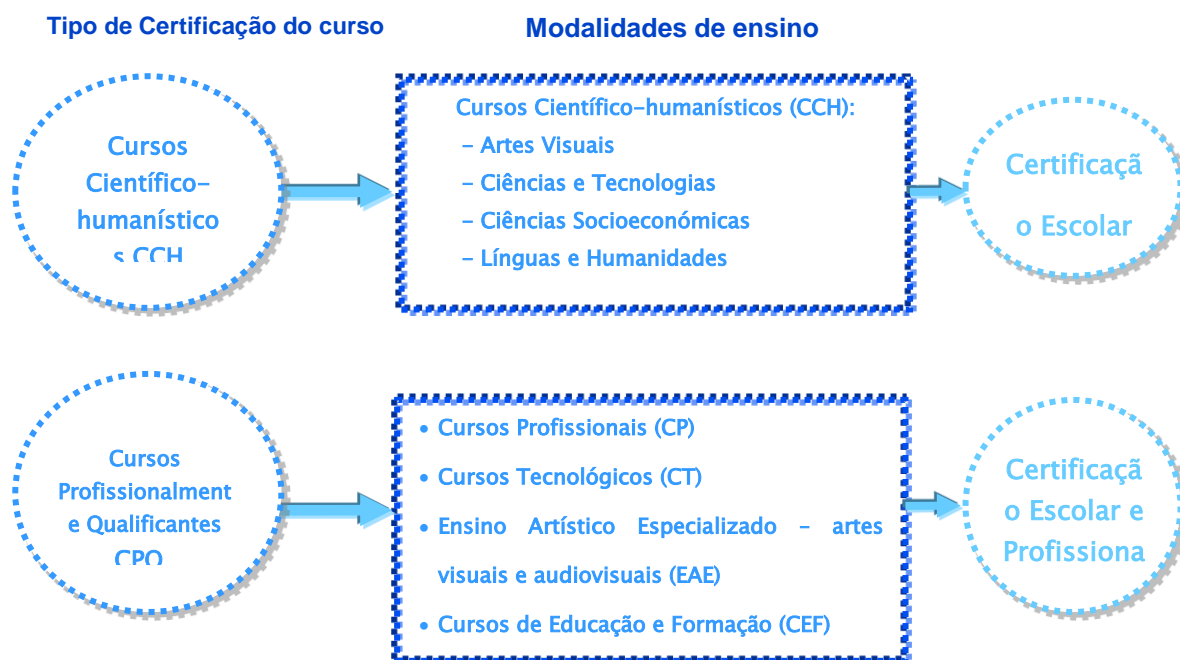
Apesar de não existirem grandes diferenças por tipo de certificação, constata-se que os alunos dos cursos profissionalmente qualificantes referem mais que não mudaram porque só na escola onde estão atualmente é que existe o curso que escolheram (20,5%). Por modalidade de ensino, constata-se diferenças nas razões apontadas pelos alunos do ensino artístico especializado que referem não mudar porque os seus amigos estão naquela escola (50,0%). Por outro lado, os dos cursos de educação e formação demonstraram não mudar porque a escola ser a que estava mais perto de sua casa (42,9%) e porque se sentem mais seguros nesta escola (42,9%).

2.2. O curso / modalidade

2.2.1. A modalidade de ensino frequentada

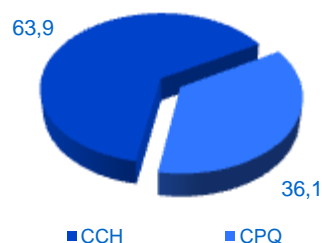
Neste ponto pretende-se caracterizar o curso e a modalidade de ensino que o aluno frequenta atualmente. As modalidades de ensino e formação abrangidas pelo OTES são as destinadas aos jovens, englobando cinco modalidades de ensino organizadas em dois tipos de certificação (Figura 2). O tipo de certificação do curso resulta da agregação das modalidades de ensino de acordo com a certificação que lhe está associada.

Figura 2 – Tipo de certificação e modalidades de ensino



A análise da distribuição dos inquiridos por tipo de certificação diz-nos que 63,9% frequentam um curso científico-humanístico e 36,1% um curso profissionalmente qualificante (Gráfico 2.10).

Gráfico 2.10 – Tipo de certificação do curso (%)



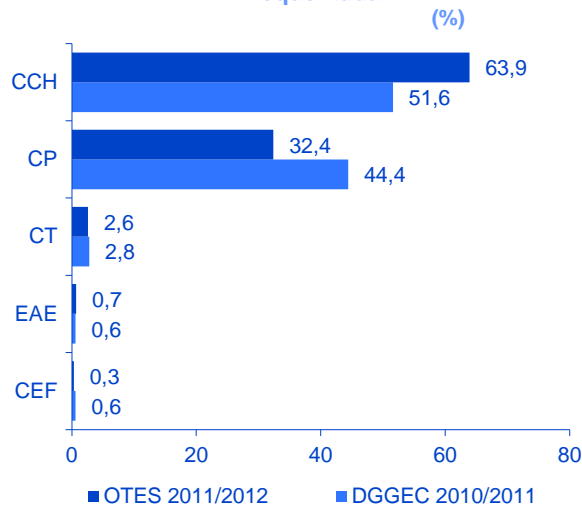
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012

Uma abordagem mais desagregada das modalidades de ensino demonstra que a maioria dos inquiridos frequenta cursos científico-humanísticos (63,9%), seguindo-se os dos cursos profissionais (32,4%) (Gráfico 2.11). As restantes modalidades de ensino apresentam valores residuais por serem cursos que se destinam a áreas de formação e/ou públicos específicos.

Os cursos do ensino artístico especializado - artes visuais e audiovisuais representam 0,7% de inquiridos e estão vocacionados para a área artística, orientados na dupla perspetiva de inserção no mundo do trabalho e do prosseguimento de estudos, existindo apenas duas escolas públicas ao nível nacional e muito poucos cursos lecionados em escolas privadas³.

³ Decreto-Lei n.º 74/2004, DR 1ª Série – n.º 73, de 26 de Março de 2004.

Gráfico 2.11 – Modalidade de ensino e formação frequentada (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012 e DGEEC/MEC, Estatísticas da educação 2010/2011.

Os cursos de educação e formação representam 0,3% de alunos e destinam-se, preferencialmente, a jovens em risco de abandono escolar ou que já abandonaram, antes da conclusão da escolaridade de 12 anos⁴.

A distribuição dos estudantes segundo algumas variáveis socioeconómicas sugere a presença acentuada de alunos do sexo feminino nos cursos científico-humanísticos (58,8%), percurso tipicamente destinado ao prosseguimento de estudos, o que vem ao encontro dos processos de

escolarização dos jovens portugueses que têm vindo a ser estudados nas últimas décadas, nos quais as raparigas tendem a prosseguir mais estudos que os inquiridos do sexo masculino (Almeida e Vieira, 2006) (Quadro 2.12). Desdobrando esta análise por modalidade de ensino, verifica-se que as mulheres optam mais pelo ensino artístico especializado (77,3%) a par dos cursos científico-humanísticos, enquanto os homens são maioritários nos restantes cursos com especial destaque para os cursos tecnológicos (67,1%).

A distribuição da idade por tipo de certificação demonstra claramente que existem diferenças. Se a maioria dos estudantes dos cursos científico-humanísticos apresentam a idade esperada na conclusão do ensino secundário, uma idade igual ou inferior aos 17 anos (80,9%), os dos cursos profissionalmente qualificantes dividem-se entre os diversos escalões etários, em que mais de metade tem 18 ou mais anos. Dos cursos profissionalmente qualificantes também se verificam diferenças entre modalidades de ensino, destacando-se o ensino artístico especializado e os cursos tecnológicos (66,7% e 57,5%) onde mais de metade dos inquiridos tem uma idade igual ou inferior a 17 anos, acontecendo o inverso nos cursos de educação e formação e nos cursos profissionais.

⁴ Despacho Conjunto n.º 453/2004, DR 2ª Série – n.º 175, de 27 de Julho de 2004.

O nível de escolaridade dominante na família dos estudantes por tipo de certificação, permite verificar que entre os que frequentam cursos científico-humanísticos, há 59,9% cujas famílias são detentoras do ensino secundário ou do ensino superior, e que no caso dos que frequentam cursos profissionalmente qualificantes essa percentagem reduz-se para 39,3%.

Por modalidade de ensino verifica-se que são os estudantes do ensino artístico especializado que têm

famílias com maior nível de escolaridade (70,5% com ensino superior e secundário), e mesmo superiores aos dos alunos dos cursos científico-humanísticos. Numa situação oposta encontram-se as famílias dos estudantes dos cursos profissionais e dos cursos tecnológicos onde mais de metade não atingiu mais que o 3.º ciclo do ensino básico (62,4% e 51,3%). Estas diferenças são reveladoras de uma estratificação social das várias modalidades de ensino ao nível da escolaridade das famílias dos alunos.

Com o objetivo de compreender a recomposição social nas escolas, procura-se de seguida verificar de que modo a origem socioprofissional dos estudantes se distribui em função do tipo de certificação do curso. Os inquiridos dos cursos científico-humanísticos revelam melhores condições socioeconómicas, verificando-se que 42,9% são oriundos de famílias de “empresários, dirigentes e profissionais liberais” e 26,1% de “profissionais técnicos e de enquadramento”, enquanto os dos cursos profissionalmente qualificantes provêm de famílias de “empresários, dirigentes e profissionais liberais” (36,3%) e de “empregados executantes” (35,4%).

Comparando-se as composições socioprofissionais por modalidade de ensino verificam-se diferenças, uma vez que, os alunos que frequentam os cursos profissionais provêm mais de famílias de “empregados executantes” (36,5%) e de “operários” (11,7%), enquanto, os do

Quadro 2.12 – Tipo de certificação do curso e modalidade frequentada, segundo variáveis socioeconómicas

(%)

		CCH	CPQ				
			CT	EAE	CEF	CP	Total
Sexo	Masculino	41,2	67,1	22,7	55,1	52,5	53,0
	Feminino	58,8	32,9	77,3	44,9	47,5	47,0
	Total	100	100	100	100	100	100
Idade	<= 17 anos	80,9	57,5	66,7	28,3	34,9	37,1
	18 anos	14,0	26,3	22,1	44,2	29,2	29,0
	19 anos	3,7	10,6	8,8	19,6	19,5	18,6
	>= 20 anos	1,4	5,6	2,4	8,0	16,4	15,2
	Total	100	100	100	100	100	100
Nível de escolaridade dominante na família	Igual ou inferior ao 1.º CEB	6,3	9,8	7,1	4,3	16,1	15,4
	Entre o 2.º e o 3.º CEB	33,8	41,5	22,4	38,4	46,3	45,4
	Ensino secundário	26,8	26,9	23,6	34,1	17,9	18,8
	Ensino superior	33,1	21,7	46,9	23,2	19,7	20,5
	Total	100	100	100	100	100	100
Origem socioprofissional dos alunos	Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	42,9	42,1	46,2	46,2	35,4	36,3
	Profissionais Técnicos e de Enquadramento	26,1	17,4	33,2	20,9	10,4	11,6
	Trabalhadores Independentes	4,1	4,5	2,1	1,1	6,0	5,7
	Empregados Executantes	21,8	30,1	15,1	25,3	36,5	35,4
	Operários	5,1	5,9	3,4	6,6	11,7	10,9
	Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, Questionário OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

ensino artístico especializado são maioritariamente filhos de “empresários, dirigentes e profissionais liberais” (46,2%) e de “profissionais técnicos e de enquadramento” (33,2%).

Quadro 2.13 – Tipo de certificação do curso e modalidade frequentada, segundo variáveis escola

(%)

		CCH	CPQ				
			CT	EAE	CEF	CP	Total
Natureza do estabelecimento de ensino	Público	89,7	63,2	93,2	100	51,6	53,6
	Privado	10,3	36,8	6,8	-	48,4	46,4
	Total	100	100	100	100	100	100
Região do estabelecimento de ensino	Norte	39,2	46,5	64,9	46,4	41,7	42,6
	Centro	26,2	20,7	-	25,4	27,5	26,4
	Lisboa	24,1	21,1	33,3	13,8	17,5	18,1
	Alentejo	7,3	5,3	-	14,5	8,9	8,5
	Algarve	3,3	6,5	1,8	0,0	4,4	4,4
	Total	100	100	100	100	100	100
Tempo utilizado nas deslocações casa/escola	Menos de 30 minutos	84,7	79,1	29,5	87,7	66,7	67,0
	Entre 30 e 50 minutos	13,0	17,7	43,4	10,1	24,6	24,4
	Mais de 50 minutos	2,3	3,2	27,1	2,2	8,7	8,6
	Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Uma análise do tipo de certificação por natureza do estabelecimento de ensino permite compreender que existem grandes diferenças. Os alunos dos cursos científico-humanísticos frequentam muito mais escolas públicas, do que os dos cursos profissionalmente qualificantes (89,7% e 53,6%) (Quadro 2.13). Dos cursos profissionalmente qualificantes, verifica-se

que os inquiridos dos cursos de educação e formação só frequentam escolas públicas e que os do ensino artístico especializado frequentam maioritariamente escolas públicas (93,2%), indo ao encontro da especificidade destas modalidades de ensino e da sua reduzida oferta.

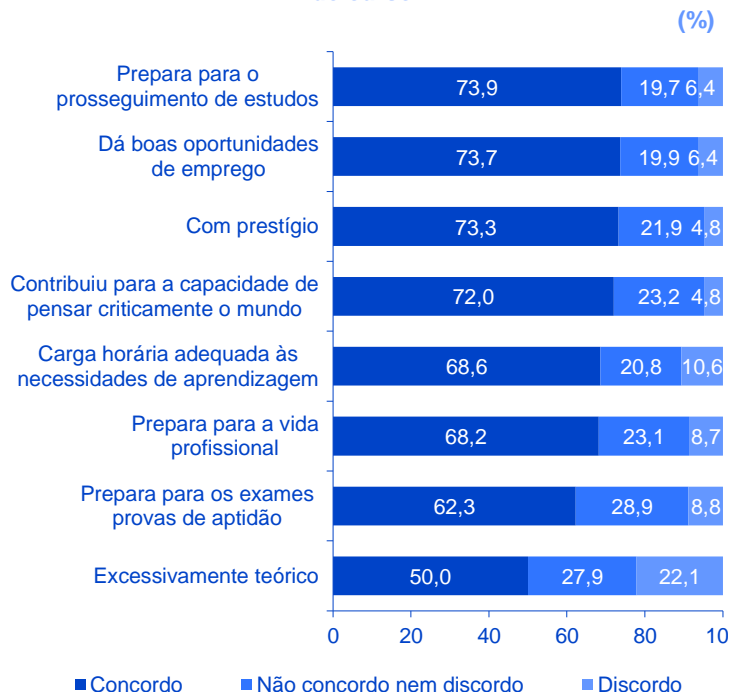
O tempo utilizado pelos inquiridos na deslocação casa/escola, demonstra diferenças por tipo de certificação e por modalidade de ensino. São os alunos dos cursos científico-humanísticos que menos tempo demoram a chegar à sua escola (84,7% face a 67,0%), uma vez que esta modalidade de ensino se encontra disponível em todas as escolas secundárias, ao contrário das restantes modalidades de ensino/cursos que nem sempre estão disponíveis em todas as escolas.

De todas as modalidades de ensino, o ensino artístico especializado destaca-se por ser a modalidade em que os inquiridos referem demorar 30 ou mais minutos a chegar à escola (70,5%), seguindo-se os dos cursos profissionais (33,3%). Estes resultados relacionam-se, por um lado, com reduzida oferta do ensino artístico especializado, por outro, pela oferta de cursos profissionais existentes nas escolas, o que leva a que os estudantes tenham que se deslocar para escolas mais longe para frequentarem o curso desejado.

2.2.2. Perceção sobre o curso

A avaliação da perceção que os inquiridos têm sobre algumas dimensões do seu curso demonstra que existe uma avaliação positiva na globalidade das dimensões apresentadas, destacando-se a preparação do curso para o prosseguimento de estudos (73,9%), as boas oportunidades de emprego (73,7%), o prestígio do curso (73,3%) e o contributo do curso para a capacidade de pensar criticamente o mundo (72,0%) (Gráfico 2.12).

Gráfico 2.12 - Grau de concordância sobre algumas dimensões do curso



A análise da concordância por tipo de certificação demonstra que quem frequenta os cursos científico-humanísticos tendem a concordar mais com a globalidade das dimensões apresentadas. A exceção é a maior concordância dos alunos dos cursos profissionalmente qualificantes com o facto de o curso preparar melhor para a vida profissional (76,7% face a 63%) (Quadro 2.14).

Quadro 2.14 – Concordância sobre algumas dimensões do curso, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada

(%)

	CCH	CPQ					Total
		CT	EAE	CEF	CP		
Prepara para o prosseguimento de estudos	80,5	66,8	88,2	58,7	61,2		62,2
Carga horária adequada às necessidades de aprendizagem	75,6	54,2	38,9	25,4	57,1		56,3
Contribuiu para a capacidade de pensar criticamente o mundo	74,3	61,6	78,2	60,9	68,3		67,9
Dá boas oportunidades de emprego	74,2	56,9	51,6	71,7	74,5		72,7
Com prestígio	74,1	63,8	79,9	52,9	72,7		72,0
Prepara para os exames/provas de aptidão permitindo aprender bastante	66,4	53,1	59,2	39,1	55,2		55,0
Prepara para a vida profissional	63,4	73,5	84,0	69,6	76,8		76,7
Excessivamente teórico	49,6	50,6	9,4	31,2	52,0		50,8

Fonte: DGE/EC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Por outro lado, a dimensão com que os estudantes dos cursos científico-humanísticos mais concordam é com a preparação que o curso proporciona para o prosseguimento de estudos (80,5%), enquanto os dos cursos profissionalmente qualificantes valorizam mais a preparação do curso para a vida profissional e as boas oportunidades de emprego. A valorização destas dimensões

por parte dos estudantes de ambos os tipos de certificação não é ocasional, mas relacionam-se com os objetivos específicos de ambos os tipos de certificação, ou seja, os cursos científico-humanísticos estão vocacionados para o prosseguimento de estudos, enquanto os cursos profissionalmente qualificantes têm uma dupla vertente de prosseguimento de estudos e de inserção no mercado de trabalho.

Uma abordagem por modalidade de ensino permite constatar que os estudantes do ensino artístico especializado são os que mais se aproximam daqueles dos cursos científico-humanísticos, concordando com a preparação do curso para o prosseguimento de estudos (88,2%), bem como, com o facto de os preparar para a vida profissional (84,0%). Os alunos dos cursos profissionais valorizam mais, as boas oportunidades de emprego que o curso dá (74,5%) e o prestígio que tem (72,7%).

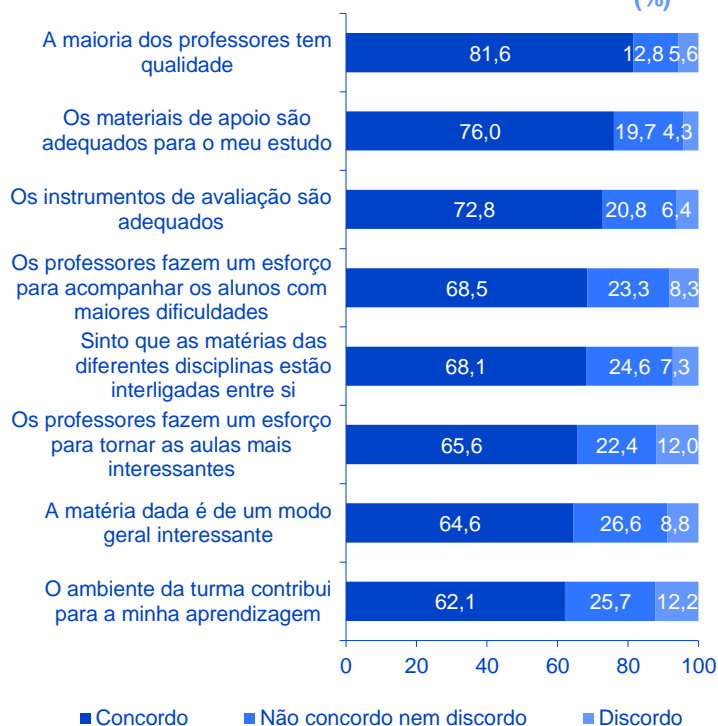
2.2.3. Perceção sobre o ensino no curso

A análise da perceção sobre o ensino no curso revela que, os estudantes avaliam de forma positiva a globalidade dos itens, destacando-se a qualidade dos professores (81,6%), a adequabilidade dos materiais de apoio para o estudo (76,0%) e a dos instrumentos de avaliação utilizados (72,8%) (Gráfico 2.13). A dimensão com a qual menos concordam é a contribuição do ambiente da turma para a sua aprendizagem (62,1%).

Estabelecendo uma comparação por tipo de

certificação, verificamos que os estudantes dos cursos profissionalmente qualificantes concordam mais com a maioria das dimensões sobre o ensino no curso do que os dos cursos científico-humanísticos (Quadro 2.15). Os alunos dos cursos científico-humanísticos valorizam acima de tudo a adequabilidade dos materiais de apoio (77,6% face a 73,2%). Por modalidade de ensino destacam-se os dos cursos de educação e formação, por serem os que menos concordam com este item (67,4%).

Gráfico 2.13 - Grau de concordância sobre o ensino no curso (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Estes resultados estão relacionados com o facto dos cursos profissionalmente qualificantes, em especial os cursos de educação e formação e os cursos profissionais estudarem através de

Quadro 2.15 – Concordância sobre o ensino no curso, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada (%)

	CCH	CPQ				
		CT	EAE	CEF	CP	Total
A maioria dos professores tem qualidade	79,9	81,8	79,6	82,6	85,1	84,7
A matéria dada é de um modo geral interessante	62,6	58,0	70,5	60,9	69,0	68,1
Os instrumentos de avaliação são adequados	70,7	69,4	72,6	68,8	77,4	76,6
Os materiais de apoio são adequados para o meu estudo	77,6	72,3	74,3	67,4	73,3	73,2
Os professores fazem um esforço para tornar as aulas mais interessantes	61,8	58,3	52,2	75,4	73,8	72,3
Os professores fazem um esforço para acompanhar os alunos com maiores dificuldades	64,4	64,9	56,5	68,1	77,1	75,8
O ambiente da turma contribui para a minha aprendizagem	62,9	52,9	55,8	58,7	61,4	60,7
Sinto que as matérias das diferentes disciplinas estão interligadas entre si	66,8	59,0	67,7	79,0	71,2	70,3

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

instrumentos de avaliação (72,6% e 77,4%). Os alunos dos cursos de educação e formação concordam mais com o esforço que os professores fazem para tornar as aulas mais interessantes (75,4%) e com a interligação entre as matérias das diferentes disciplinas (79,0%).

fotocópias e de ficheiros em formato digital devido à inexistência de manuais escolares formais (carvalho e Fadigas, 2008 e 2010).

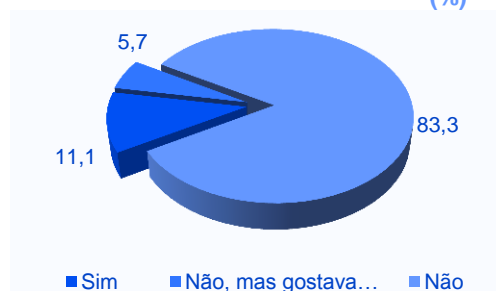
Os estudantes do ensino artístico especializado e dos cursos profissionais avaliam de forma mais positiva o interesse da matéria lecionada (70,5% e 69,0%) e a adequabilidade dos

2.2.4. Fluxos de mobilidade entre modalidades de ensino e formação

A mudança ou desejo de mudança de curso ou modalidade de ensino durante o ensino secundário será abordada de seguida procurando-se compreender os fluxos e perfis de mudança destes estudantes, não esquecendo que a mudança de curso poderá implicar também uma mudança de modalidade de ensino e/ou de escola. Analisamos ainda, quais os cursos mais permeáveis à mobilidade e os que recebem mais estudantes, identificando-se as razões que os levam a realizar esta mudança.

Com este intuito, questionaram-se os inquiridos se já tinham mudado ou desejado mudar de curso ao longo do ensino secundário. Verifica-se que apenas 11,1% mudou efetivamente de curso e que 5,7% desejaram mudar de curso (Gráfico 2.14). Comparando-se estes dados com os resultados do ano letivo 2009/2010, constata-se um ligeiro aumento nos alunos que mudaram de curso e/ou modalidade de ensino (9,4% face a 11,1%) (Rodrigues et al, 2010:106).

Gráfico 2.14 – Mudança ou desejo de mudança de curso no ensino secundário (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Com o objetivo de caracterizar os alunos que realizam esta mudança ou intenção de mudança de curso/modalidade de ensino, retomamos algumas variáveis de caracterização do aluno e da escola por ele frequentada (Quadro 2.16).

Quadro 2.16 – Mudança ou desejo de mudança de curso no ensino secundário

(%)

		Sim	Não, mas gostava de ter mudado	Não	Total
Sexo	Masculino	11,6	5,2	83,2	100
	Feminino	10,6	6,1	83,4	100
Idade	<= 17 anos	4,0	6,4	89,6	100
	18 anos	22,6	5,0	72,5	100
	19 anos	23,7	3,7	72,6	100
	>= 20 anos	30,0	3,0	67,0	100
Natureza do estabelecimento de ensino	Público	10,0	6,2	83,8	100
	Privado	14,6	3,9	81,5	100
Tipo de certificação atual	CCH	6,5	7,0	86,5	100
	CPQ	19,1	3,4	77,5	100
Modalidade atual	CCH	6,5	7,0	86,5	100
	CT	18,2	4,7	77,0	100
	EAE	13,0	6,5	80,5	100
	CEF	53,6	2,2	44,2	100
	CP	19,0	3,2	77,8	100
Nº de anos de desvio anual no trajeto do secundário	Nenhum ano	3,5	5,9	90,5	100
	1 ano	42,7	4,9	52,4	100
	2 anos	45,0	4,3	50,7	100
	>=3 anos	35,4	3,4	61,3	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Apesar das ligeiras diferenças, foram os alunos do sexo masculino que mais mudaram de curso. E quanto mais velhos são os estudantes mais eles revelam ter mudado de curso, acontecendo o inverso com os que não mudaram, mas desejavam mudar. Esta situação poderá estar relacionada com a perda de anos letivos, por vezes, consequência das mudanças de curso e/ou modalidade de ensino.

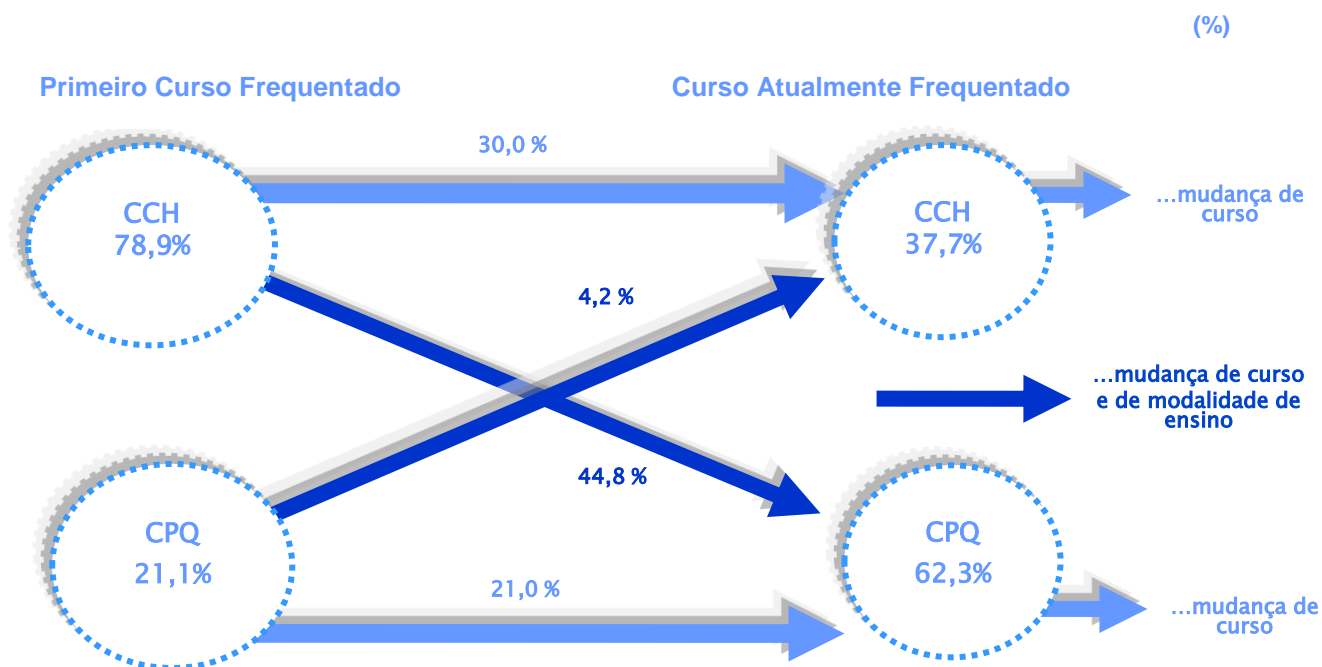
Segundo a natureza do estabelecimento de ensino, verifica-se que as mudanças ocorrem mais nos estudantes que atualmente se encontram a frequentar uma escola privada (14,6% face a 10,0%).

Considerando o tipo de certificação e a modalidade de ensino frequentada pelos estudantes, observam-se grandes diferenças. Os estudantes dos cursos profissionalmente qualificantes são os que mais afirmam ter mudado de curso e/ou modalidade de ensino (19,1%) acontecendo o inverso com os que não mudaram, apesar de desejarem ter mudado. Relativamente aos alunos dos cursos profissionalmente qualificantes, são os que frequentam cursos de educação e formação que revelam mais mudanças (53,6%), seguindo-se os dos cursos profissionais (19,0%) e os dos cursos tecnológicos (18,2%).

No que diz respeito ao número de anos de desvio anual verificam-se algumas diferenças, isto é, quanto maior é o desvio anual dos estudantes no trajeto do ensino secundário, mais estes mudaram de curso. O atraso no trajeto escolar pode estar relacionado com a mudança de curso, consoante o ano escolar em que os alunos se encontrem aquando da mudança, existindo uma grande variação no atraso.

Relativamente à mobilidade entre modalidades de ensino e cursos, a figura 3 procura apresentar os fluxos dos cursos e modalidades de ensino dos estudantes.

Figura 3 – Fluxos no ensino secundário: mobilidade entre modalidades de ensino e cursos



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 5030

Os dados apresentados, demonstram que as mudanças realizadas pelos alunos dividem-se entre os que apenas mudaram de curso (51,0%) e os que mudaram de curso e de modalidade de ensino (49,0%).

Antes de mudarem, os estudantes frequentavam maioritariamente um curso científico-humanísticos (78,9%). Dos 78,9% que frequentavam um curso científico-humanístico, 30,0% mudaram para um outro curso dentro da mesma modalidade de ensino e 44,8% realizaram a mudança para um curso profissionalmente qualificante.

Dos 21,1% que frequentavam anteriormente um curso profissionalmente qualificante, apenas 4,2% decidiu mudar para um curso científico-humanístico e 21,0% mudaram de curso dentro dos cursos profissionalmente qualificantes.

A análise global da mudança de curso, permite constatar que a opção maioritária dos que mudaram de curso, foi frequentarem atualmente um curso profissionalmente qualificante (62,3%).

Analisando os fluxos de mudança entre os jovens que frequentam cursos profissionalmente qualificantes, consoante a modalidade de ensino frequentada anteriormente, observa-se que a proveniência foi, primordialmente, dos cursos científico-humanísticos, independentemente da modalidade para onde transitaram. (Quadro 2.17). Essa origem é mais notória entre os estudantes que mudaram para os cursos de educação e formação e para os cursos tecnológicos (95,9 % e 81,3%), o que pode estar relacionado com a

Quadro 2.17 – Modalidade de ensino e formação do curso anterior, segundo a modalidade de ensino e formação do curso profissionalmente qualificante atual

(%)

Modalidade de ensino e formação anterior	Modalidade atual			
	CT	EAE	CEF	CP
CCH	81,3	70,5	95,9	68,4
CT	7,6	4,5	-	5,1
EAE	0,4	20,5	-	1
CEF	-	-	4,1	1
CP	9,4	4,5	-	20,1
CA	-	-	-	0,3
Outra modalidade de ensino e formação	1,3	-	-	4
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012. N = 5174

especificidade desta modalidade de ensino como foi referido anteriormente. Verifica-se também que dos cursos profissionalmente qualificantes, os estudantes dos cursos profissionais e do

Quadro 2.18 – Principais razões para a mudança de curso durante o ensino secundário, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada

(%)

	Total	CCH	CPQ				
			CT	EAE	CEF	CP	Total
O curso onde estava nunca foi aquele que eu desejava	40,1	40,5	53,9	29,0	6,8	39,5	39,8
Achei que o curso não estava adequado à profissão que eu queria seguir	33,4	40,4	33,9	50,0	4,1	25,2	25,8
Era um curso muito difícil	25,5	26,9	21,1	9,7	45,2	24,0	23,9
Era um curso muito teórico	17,7	13,0	22,1	16,1	19,2	22,9	22,6
O curso atual permite mais saídas profissionais	13,0	12,5	3,6	14,5	17,8	14,2	13,5
Não havia um bom ambiente na turma	6,1	4,8	5,0	6,5	-	8,0	7,6
Tenho pessoas próximas que me aconselharam a mudar de curso	4,8	4,8	4,3	8,1	11,0	4,7	4,8
Os professores não eram bons	4,5	4,2	4,6	11,3	2,7	4,9	4,9
Reprovei no outro curso e resolvi mudar	4,6	2,6	3,2	1,6	28,8	6,8	6,9
Mudei de escola e aqui não há o curso onde eu estava	2,1	1,1	2,5	-	1,4	3,4	3,2
Era um curso muito prático	1,4	1,6	1,1	-	2,7	1,3	1,3
O curso anterior deixou de existir	0,8	0,8	1,1	-	1,4	0,9	0,9
Outra razão	1,3	1,4	1,4	1,6	2,7	1,3	1,3

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012. N = 7711

grupos considerarem que o curso frequentado anteriormente nunca foi o desejado, os dos cursos científico-humanísticos demonstram ter mudado porque o curso não estava adequado à profissão que queriam seguir (40,4% face a 25,8%), enquanto que, os dos cursos

ensino artístico especializado são os que mais mudam de curso, permanecendo na mesma modalidade de ensino (20,1% e 20,5%, respetivamente).

Quando questionados sobre as razões para a mudança de curso durante o ensino secundário, a maioria dos estudantes revelam que o curso frequentado anteriormente não era o desejado (40,1%), ou não estava adequado à profissão que queriam seguir (33,4%) e o curso era muito difícil (25,5%) (Quadro 2.18). Por tipo de certificação, verifica-se que apesar de ambos os

profissionalmente qualificantes referem que o curso era muito teórico (22,6% face a 13%). Dos cursos profissionalmente qualificantes, constata-se que, se por um lado, os do ensino artístico especializado mudaram mais de curso que os restantes por o curso não estar adequado à profissão que queriam seguir, os do curso de educação e formação justificam a mudança por ser um curso muito difícil. Para os estudantes dos cursos tecnológicos e dos cursos profissionais a razão que os levou à mudança prendeu-se com o facto do curso não ser o que desejavam.

As principais razões apontadas para não mudarem de curso, apesar de o desejarem fazerem, foram o facto de terem que recomeçar o 10.º ano (50,5%), o curso pretendido não existir na escola (20,0%) e do curso

que gostavam de frequentar não dar grande futuro profissional (10,8%) (Quadro 2.19). Tendo em conta o tipo de certificação, não se verificam grandes diferenças, apesar dos estudantes dos cursos profissionalmente qualificantes considerarem que a mudança não ocorreu porque o curso não existia na escola (30,5%). Analisando os cursos

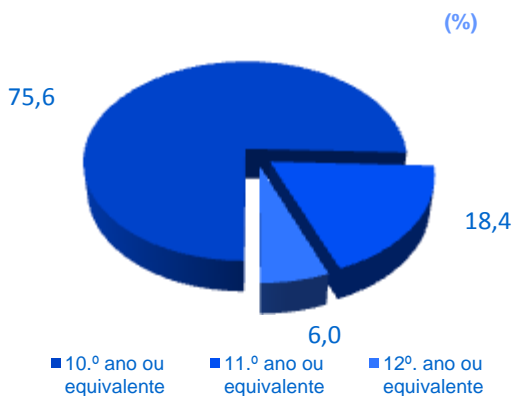
Quadro 2.19 – Principal razão para a não mudança de curso durante o ensino secundário, segundo o tipo de certificação e modalidade frequentada

	Total	CCH	CPQ				Total
			CT	EAE	CEF	CP	
Tinha que recomeçar o 10º ano	50,5	52,9	60,3	59,1	33,3	38,2	41,3
O curso que eu gostaria de ter feito não existia nesta escola	20,0	17,2	10,3	4,5	33,3	34,2	30,5
O curso que eu gostaria de ter feito não dava grande futuro profissional	10,8	12,6	3,4	9,1	-	4,0	4,2
A minha família não era muito a favor que eu mudasse para aquele curso	9,2	9,8	10,3	4,5	-	6,4	6,7
O curso que eu gostava de ter feito era muito difícil	3,1	2,5	8,6	13,6	33,3	4,2	5,2
O curso que eu gostava de ter feito não existia perto da minha área de residência	3,0	1,9	5,2	-	-	7,6	7,0
Os meus amigos estavam no curso que frequento e por isso não mudei	1,9	1,7	1,7	-	-	2,8	2,5
Outra razão	1,6	1,4	-	9,1	-	2,5	2,5
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 2618

profissionalmente qualificantes destaca-se ainda os inquiridos do ensino artístico especializado

Gráfico 2.15 – Ano frequentado aquando da mudança de curso no ensino secundário



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 5172

e dos cursos de educação e formação que consideraram que o curso que gostariam de ter feito era muito difícil. Os dos cursos tecnológicos também afirmaram mais que os restantes, não terem mudado porque a família não era muito a favor da mudança de curso.

Aos 11% que mudaram de curso, foi-lhes questionado o ano dessa mudança, verificando-se que 75,6% deles estavam a frequentar o 10.º ano ou equivalente, e 18,4% frequentavam o 11.º ano ou equivalente

(Gráfico 2.15). Não é de estranhar que, quanto mais avançado está o percurso escolar dos estudantes, menos eles consideram mudar de curso, evitando desta forma atrasos no ensino secundário. No entanto, 6,0% optaram por mudar de curso ao frequentarem o 12.º ano ou equivalente.

Por tipo de certificação não se encontram grandes diferenças, mas se analisarmos por modalidade de ensino, constata-se que os estudantes dos cursos tecnológicos são os que mais

Quadro 2.20 – Ano frequentado aquando da mudança de curso no ensino secundário, segundo o tipo de certificação atual e modalidade frequentada

(%)

	CCH	CPQ				
		CT	EAE	CEF	CP	Total
10.º ano	77,4	87,5	65,9	5,4	75,4	74,5
11.º ano	18,8	11,6	31,8	33,8	18,0	18,1
12.º ano	3,8	0,9	2,3	60,8	6,5	7,3
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 5172

realizam a mudança no 10.º ano ou equivalente (87,5%) e menos no 12.º ano ou equivalente (0,9%), até mesmo comparativamente com os dos cursos científico-humanísticos (77,4% e 3,8%) (Quadro 2.20). Numa situação contrária, encontram-se os do curso de educação e formação que procedem a essa mudança maioritariamente no 12.º ano (60,8%) e no 11.º ano (33,8%), o que se pode dever à especificidade desta modalidade de ensino.

Os estudantes do ensino artístico especializado apesar de realizarem maioritariamente a mudança no 10.º ano (65,9%), comparativamente com os restantes demonstram maior propensão para fazerem esta mudança no 11.º ano (31,8%).

Por fim, procurou-se saber se a mudança de curso implicou a necessidade de repetir algum ano, verificando-se que 78,8% perderam um ano, dos quais 45,4% quando quiseram mudar não conseguiram equivalência e 33,4% consideram que já iam reprovar (Quadro 2.21). Apenas 21,2% afirmam não ter

repetido nenhum ano, apesar da mudança.

Enquanto os alunos dos cursos profissionalmente qualificantes referem que apesar de perderem um ano já iam reprovar (38,6%), os dos cursos científico-humanísticos

Quadro 2.21 – Necessidade de repetição de um ano aquando da mudança de curso, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada

(%)

	Total	CCH	CPQ				
			CT	EAE	CEF	CP	Total
Sim, mas mesmo não mudando de curso já ia reprovar	33,4	25,0	37,5	11,9	31,1	39,2	38,6
Sim, porque não consegui equivalência	45,4	42,7	45,5	76,2	25,7	47,2	47,0
Não, não repeti nenhum ano	21,2	32,3	17,0	11,9	43,2	13,6	14,5
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 5171

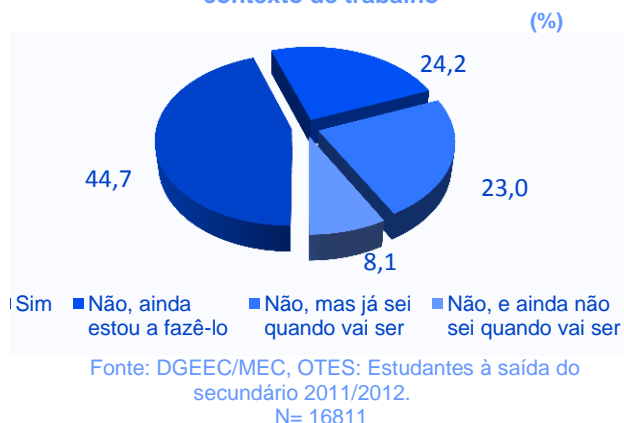
consideram que a mudança não obrigou a repetir nenhum ano (32,3%).

Dos estudantes dos cursos profissionalmente qualificantes, destacam-se os do ensino artístico especializado que repetiram um ano porque não conseguiram equivalência (76,2%) e os do curso de educação e formação que admitem não ter repetido nenhum ano aquando da mudança (43,2%).

2.3. Formação em contexto de trabalho

2.3.1 Caracterização do período de formação em contexto de trabalho

Gráfico 2.16 – Realização de estágio/formação em contexto de trabalho



A formação em contexto de trabalho é uma componente específica das diversas modalidades de ensino que compõem os cursos profissionalmente qualificantes. Esta componente é uma parte integrante indispensável para a conclusão do ensino secundário e consequentemente na obtenção de um diploma de qualificação profissional (Gráfico 2.16). Neste sentido, a análise da formação em contexto de trabalho

mostra-nos que 44,7% dos estudantes afirmaram já ter realizado a sua formação em contexto de trabalho. Dos 53,3% que ainda não o tinham feito, 24,2% ainda estavam a concluí-la e, 23,0% já sabiam onde a iriam realizar e 8,1% ainda não sabiam quando a iriam fazer.

Por modalidade de ensino, os estudantes do ensino artístico especializado são os que mais referem já ter realizado o estágio (55,0%) (Quadro 2.22). Os alunos dos cursos de educação e formação são os que mais admitem não terem feito o estágio apesar de já saberem onde vai ser

Quadro 2.22 – Realização de estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada

	CT	EAE	CEF	CP
Sim	44,1	55,0	33,3	44,6
Não, ainda estou a fazê-lo	41,9	34,3	4,7	22,7
Não, mas já sei quando vai ser	7,8	5,3	48,1	24,5
Não, e ainda não sei quando vai ser	6,2	5,3	14,0	8,2
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012. N=16811

Gráfico 2.17 – Contexto de desenvolvimento do estágio/formação em contexto de trabalho



feito (48,1%). Os dos cursos tecnológicos dividem-se entre os que já concluíram o estágio (44,1%) e os que ainda se encontram a realizá-lo (41,9%).

A formação em contexto de trabalho pode ser realizada de duas formas distintas, isto é, pode ser realizada em contexto real de trabalho ou sob a forma de simulação de um conjunto de atividades profissionais a desenvolver em

condições idênticas às do contexto real de trabalho. Deste modo, procurou-se compreender qual o contexto onde foi desenvolvida a formação em contexto de trabalho, verificando-se que a maioria dos estudantes admitem ter realizado o estágio em contexto real de trabalho (75,9%) (Gráfico 2.17).

São os estudantes do ensino artístico especializado quem mais afirmam ter realizado uma simulação em contexto de trabalho (77,0%), enquanto os das restantes modalidades de ensino demonstram ter realizado uma formação em contexto real de trabalho (Quadro 2.23).

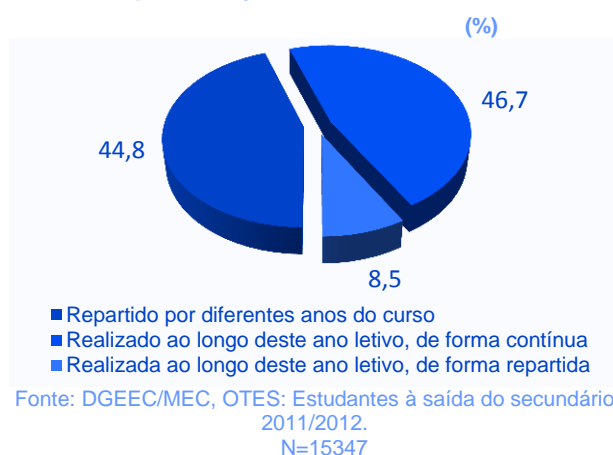
Quadro 2.23 – Contexto de desenvolvimento do estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada

	CT	EAE	CEF	CP
Em contexto real de trabalho	63,5	23,0	78,2	78,1
Uma simulação de contexto de trabalho	36,5	77,0	21,8	21,9
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N=15404

Como os estágios podem ser realizados de forma faseada, em diferentes anos letivos, ou no mesmo ano letivo, de forma contínua ou repartida, considerou-se pertinente observar qual o

Gráfico 2.18 – Período de desenvolvimento do estágio/formação em contexto de trabalho



período de estágio realizado. Os estudantes dividem-se entre a realização do estágio de forma repartida pelos diferentes anos letivos (44,8%) e de forma contínua no próprio ano letivo (46,7%) (Gráfico 2.18).

Estes períodos de desenvolvimento da formação em contexto de trabalho variam consoante a modalidade de ensino frequentada. Os alunos dos cursos tecnológicos e dos cursos de

educação e formação são aqueles que mais afirmam ter realizado o estágio de forma contínua durante o ano letivo de referência (79,1% e 81,8%) (Quadro 2.24).

Porém, os que frequentam os cursos profissionais diferenciam-se ao afirmarem que o seu estágio foi repartido pelos diferentes anos

Quadro 2.24 – Período de desenvolvimento do estágio/formação em contexto de trabalho, por modalidade frequentada

	CT	EAE	CEF	CP
Repartido por diferentes anos do curso	7,2	1,6	6,4	49,2
Realizado ao longo deste ano letivo, de forma contínua	79,1	71,5	81,8	43,2
Realizada ao longo deste ano letivo, de forma repartida	13,7	26,9	11,8	7,6
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 15347

letivos do curso (49,2%), assim como, os alunos do ensino artístico especializado que pensam realizar o estágio ao longo do ano letivo de forma repartida (26,9%).

Gráfico 2.19 – Duração do estágio/formação em contexto de trabalho realizado durante este ano letivo de forma contínua



A duração do estágio difere consoante a modalidade de ensino frequentada. Se os inquiridos do ensino artístico especializado se dividem entre um estágio de três ou de quatro meses (38,7% e 31,4%), os dos cursos de educação e formação afirmam frequentar um estágio com duração de menos de três meses (Quadro 2.25). Os dos cursos tecnológicos são aqueles que demonstram frequentar um estágio com maior duração de seis ou mais meses (36,9%). Por fim, os dos cursos profissionais referem ter feito um estágio com duração de três (41,6%) ou menos meses (25,2%).

Uma análise da distribuição regional (ao nível da NUTS II) do local de realização do estágio, com a distribuição regional do estabelecimento de ensino que o aluno frequenta, demonstra que

Quadro 2.26 – NUTS II da realização do estágio, segundo a NUTS II do estabelecimento de ensino frequentado

	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve
Norte	97,3	1,4	0,1	0,4	0,2
Centro	1,6	94,8	0,9	4,0	-
Lisboa	0,4	1,8	97,3	5,9	0,5
Alentejo	0,2	0,8	1,2	87,6	0,2
Algarve	0,6	1,3	0,5	2,1	99,1
Total	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 10294

Aos alunos que realizaram formação em contexto de trabalho de forma contínua, considerou-se pertinente questionar sobre o tempo de duração do mesmo, constatando-se uma certa dispersão entre os estudantes cujo estágio durou: três meses (39,3%), menos de três meses (22,5%) e quatro meses (19,3%) (Gráfico 2.19).

Quadro 2.25 – Duração do estágio/formação em contexto de trabalho realizado durante este ano letivo de forma contínua, segundo a modalidade frequentada

	CT	EAE	CEF	CP
Menos de 3 meses	1,9	16,4	67,0	25,2
3 meses	26,6	38,7	16,5	41,6
4 meses	19,7	31,4	12,6	18,8
5 meses	14,8	8,8	3,9	3,5
6 ou mais meses	36,9	4,7	-	10,9
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 8356

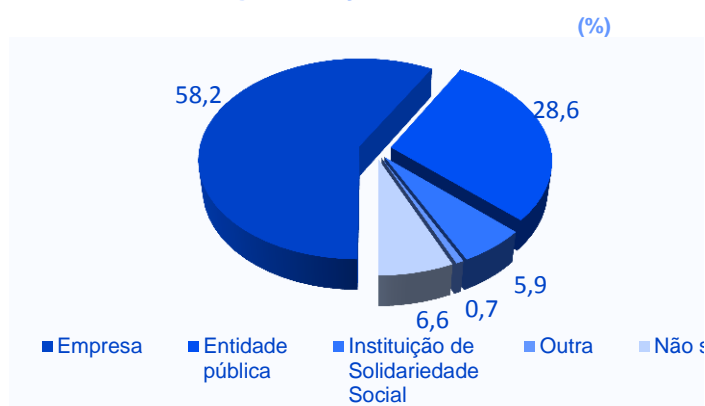
a maioria dos estágios é desenvolvida na mesma região das escolas frequentadas (Quadro 2.26). Importa ter presente que embora estes dados não permitam tirar conclusões objetivas, oferecem dados elucidativos quanto à distância entre o percurso escola-estágio. No entanto, destacam-se a região do Alentejo e a região Centro, nas quais os inquiridos referem ter realizado o estágio numa região diferente (12,4% e 5,2%).

2.3.2. Entidade de acolhimento onde se realizou estágio/formação em contexto real de trabalho

De seguida pretende-se caracterizar as entidades de acolhimento nas quais os estudantes realizaram o seu estágio ou formação em contexto de trabalho, procurando-se identificar o tipo de entidade, a sua dimensão e a forma como os estudantes procederam à sua escolha. Nesta análise incluem-se apenas as situações em que realizaram a sua formação em contexto real de trabalho (75,9%), ficando excluídas as situações em que realizaram a sua formação em contexto de simulação.

As entidades de acolhimento nas quais os alunos realizaram o seu estágio eram maioritariamente empresas (58,2%), e entidades públicas (28,6%) (Gráfico 2.20).

Gráfico 2.20 – Tipo de entidade de acolhimento onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 11679

Quadro 2.27 – Tipo de entidade de acolhimento onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada

	CT	EAE	CEF	CP
Empresa	48,8	52,1	58,1	58,9
Entidade pública	43,8	34,2	27,9	27,6
Instituição de Solidariedade Social	2,7	2,7	5,8	6,1
Outra	1,8	6,8	1,2	0,5
Não sei	2,9	4,1	7,0	6,8
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 11679

Por modalidade de ensino, foram os estudantes dos cursos profissionais e dos cursos de educação e formação que mais estagiaram em empresas (58,9%) e em instituições de solidariedade social (6,1%), afirmando também, um maior desconhecimento da entidade onde desenvolveram o seu estágio (6,8%) (Quadro 2.27). Os dos cursos tecnológicos

foram os que mais estagiaram em entidades públicas (43,8%).

Quanto à dimensão da entidade de acolhimento onde foi realizado o estágio, constata-se que 39,6% realizou a sua formação em microempresas (entre 1 a 9 pessoas) e 26,4% em empresas de pequena dimensão (entre 10 a 49 pessoas), destacando-se ainda, o número elevado de alunos que afirmaram desconhecer o número de pessoas que trabalham na entidade de acolhimento onde realizaram o estágio (18,7%) (Quadro 2.28).

Quadro 2.28 – Número de pessoas que trabalham na entidade de acolhimento onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho

	(%)
De 1 a 9 pessoas	39,6
De 10 a 49 pessoas	26,4
De 50 a 249 pessoas	10,0
250 e mais pessoas	5,3
Não sei	18,7
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 11682

Quadro 2.29 – Número de pessoas que trabalham na entidade onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada

	CT	EAE	CEF	CP
De 1 a 9 pessoas	40,5	32,9	27,9	39,6
De 10 a 49 pessoas	38,3	12,3	19,8	25,8
De 50 a 249 pessoas	9,2	6,8	8,1	10,1
250 e mais pessoas	5,1	1,4	5,8	5,3
Não sei	6,9	46,6	38,4	19,2
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 11682

Observando o número de pessoas que trabalham na entidade de acolhimento e o tipo de entidade onde foi realizado o estágio, verifica-se que os estudantes realizaram o seu estágio em empresas e entidades públicas de pequena dimensão (microempresas – 51,3% e 48,3% e pequenas empresas 30,2% e 32,5%) (Quadro 2.30). Os que fizeram o estágio numa instituição de solidariedade social, realizaram-no numa instituição de pequena dimensão (10 a 49 pessoas – 56,5%) ou de média dimensão (50 a 249 pessoas – 21,8%).

Quadro 2.31 – Escolha da entidade onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho

	(%)
Não foi escolhida por mim mas foi-me aconselhada como a opção mais adequada	35,7
Foi sugerida por mim e não fazia parte da bolsa de estágios da escola	27,0
Foi escolhida por mim a partir de uma bolsa de estágios que a escola tem	24,7
Não foi escolhida por mim e não tenho conhecimento se existiriam outras opções mais adequadas	8,3
Era a única instituição disponível dentro da bolsa de estágios que a escola tinha	4,2
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 11664

Uma análise por modalidade de ensino, demonstra que, são os inquiridos dos cursos tecnológicos e dos cursos profissionais que mais trabalharam em microempresas (40,5% e 39,6%) e em pequenas empresas (38,3% e 25,8%) (Quadro 2.29). Por outro lado, são os do ensino artístico especializado e dos cursos de educação e formação que mais revelaram desconhecer o número de pessoas que trabalhavam na entidade de acolhimento de realização do estágio (46,6% e 38,4%).

Quadro 2.30 – Número de pessoas que trabalham na entidade onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho, segundo o tipo de entidade

	Empresa	Entidade pública	Instituição de Solidariedade Social	Outra
De 1 a 9 pessoas	51,3	48,3	19,9	42,9
De 10 a 49 pessoas	30,2	32,5	56,5	39,7
De 50 a 249 pessoas	11,8	11,7	21,8	9,5
250 e mais pessoas	6,7	7,4	1,8	7,9
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 9489

De seguida, procura-se entender a forma de seleção da entidade de realização do estágio. As respostas a estas questões não escolheram a entidade de realização do estágio, apesar desta opção ter sido aconselhada como a mais adequada, (35,7%), outros sugeriram a entidade de realização do estágio apesar de não fazer parte da bolsa de estágios da escola (27,0%) e, por último realizaram a sua escolha a partir de uma bolsa de estágios já existente na escola (24,7%) (Quadro 2.31).

Esta escolha apresenta diferenças, quando é analisada por modalidade de ensino. A maior diferença está nos inquiridos que frequentam o ensino artístico especializado, uma vez que, são os que mais referem não escolher a entidade de realização do estágio, nem terem conhecimento da existência de outras opções mais adequadas (37,5%) (Quadro 2.32). Enquanto os estudantes dos cursos tecnológicos são os que mais consideram que escolheram a entidade de realização do estágio tendo em conta as opções existentes na bolsa de estágios na escola (38,5%), os dos cursos profissionais afirmam não ter escolhido a entidade de realização do estágio, apesar de ser a opção mais aconselhada (36,6%).

Quadro 2.32 – Escolha da entidade de acolhimento onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada

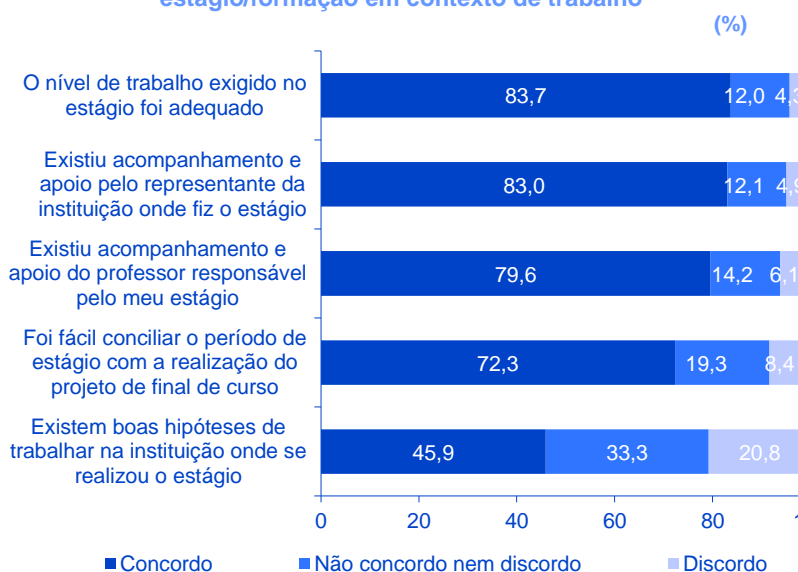
	(%)			
	CT	EAE	CEF	CP
Foi escolhida por mim a partir de uma bolsa de estágios que a escola tem	38,5	12,5	31,4	23,8
Foi sugerida por mim e não fazia parte da bolsa de estágios da escola	26,4	23,6	36,0	27,0
Não foi escolhida por mim mas foi-me aconselhada como a opção mais adequada	25,4	19,4	26,7	36,6
Não foi escolhida por mim e não tenho conhecimento se existiriam outras opções mais adequadas	5,2	37,5	2,3	8,4
Era a única instituição disponível dentro da bolsa de estágios que a escola tinha	4,4	6,9	3,5	4,2
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 11664

2.3.3. Avaliação do período de formação em contexto de trabalho

Nesta secção pretende-se observar as percepções dos estudantes sobre a forma como decorreu o estágio ou formação em contexto de trabalho e a sua contribuição para o desenvolvimento de competências. Para complementar esta abordagem analisa-se as avaliações obtidas no estágio e o grau de satisfação do aluno relativamente a esta experiência.

Gráfico 2.21 – Grau de concordância sobre a forma como decorreu o estágio/formação em contexto de trabalho



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Quando questionados sobre a forma como decorreu o estágio, os estudantes destaca a adequabilidade do nível de trabalho exigido no estágio (83,7%) e o acompanhamento e apoio dado pelo representante da instituição onde realizaram o estágio (83,0%) (Gráfico 2.21).

No entanto, os mesmos estudantes consideram pouco provável as hipóteses de virem a trabalhar na instituição onde realizaram o estágio (45,9%).

Comparando as diversas modalidades de ensino, verifica-se que os estudantes do ensino artístico especializado concordam menos com a generalidade dos itens, com especial incidência na hipótese de virem a trabalhar na instituição onde se realizou o estágio (apenas 13,2% concordam) (Quadro 2.33).

Quadro 2.33 – Concordância sobre a forma como decorreu o estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada

	CT	EAE	CEF	CP
O nível de trabalho exigido no estágio foi adequado	81,9	69,6	83,3	84,3
Existiu acompanhamento e apoio pelo representante da instituição onde fiz o estágio	79,8	51,4	91,7	84,2
Existiu acompanhamento e apoio do professor responsável pelo meu estágio	75,6	72,7	91,7	80,2
Foi fácil conciliar o período de estágio com a realização do projeto de final de curso	65,6	55,7	75,0	73,5
Existem boas hipóteses de trabalhar na instituição onde se realizou o estágio	38,3	13,2	56,3	47,6

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Os alunos dos cursos profissionais e dos cursos de educação e formação são os que mais concordam com todos os itens, destacando-se a facilidade em conciliar o período de estágio com a realização do projeto de final de curso e nas boas hipóteses de ficarem a trabalhar na instituição onde foi realizado o estágio.

Gráfico 2.22 – Grau de concordância sobre a contribuição do estágio/formação em contexto de trabalho para o desenvolvimento das competências



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Por outro lado, considerou-se importante analisar o grau de concordância sobre o desenvolvimento do estágio verificando-se que a maioria dos alunos concorda com a globalidade dos itens apresentados, destacando-se a melhoria na capacidade de relacionamento com os outros no contexto de trabalho (89,8%), o desenvolvimento de competências para

identificar e resolver problemas em contexto de trabalho (89,7%) e o desenvolvimento do trabalho em equipa (87,7%) (Gráfico 2.22).

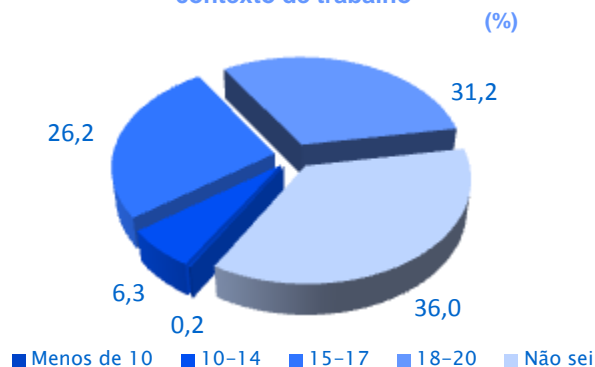
Realizando esta análise por modalidade de ensino, constata-se diferenças assinaláveis (Quadro 2.34). Os estudantes do ensino artístico especializado são os que revelam menor concordância com a aprendizagem do trabalho em equipa (48,8%) e com a capacidade de se relacionarem com os outros em contexto de trabalho (58,1%), ao contrário do que sucede com as restantes modalidades de ensino que demonstram grande concordância com estas duas dimensões. São os alunos dos cursos profissionais e dos cursos de educação e formação que mais concordam com a globalidade dos itens, apresentando diferenças de opinião maiores, na

Quadro 2.34 – Concordância sobre a contribuição do estágio/formação em contexto de trabalho para o desenvolvimento das competências, segundo a modalidade frequentada

	(%)			
	CT	EAE	CEF	CP
Melhorei a capacidade de relacionar-me com os outros em contexto de trabalho	89,0	58,1	93,8	90,8
Aprendi a desenvolver competências para identificar e resolver problemas em contexto de trabalho	87,4	83,8	89,6	90,1
Aprendi mais a trabalhar em equipa	82,7	48,8	91,7	89,3
Aprendi a expressar opiniões de forma mais clara e direta	81,2	61,9	87,5	86,4
Aprendi mais sobre a profissão que pretendo vir a desempenhar	80,5	67,0	85,4	88,2

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Gráfico 2.23 – Avaliação obtida no estágio/formação em contexto de trabalho



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012. N = 7494

maioria obteve uma excelente avaliação, ou seja, 36,0% obteve uma nota entre 18 e 20 valores e 31,2% uma nota entre os 15 e os 17 valores (Gráfico 2.23).

Por modalidade de ensino, os alunos do ensino artístico especializado são os que apresentam classificações mais baixas (50,0% - 15 a 17 valores e 28,3% - 10 a 14 valores) (Quadro 2.35). Os alunos dos cursos de educação e formação e dos cursos profissionais apresentam notas mais elevadas (77,8% e 49,1% - notas de 18 a 20 valores).

Quadro 2.35 – Avaliação obtida no estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada

	CT	EAE	CEF	CP
Menos de 10	0,3	-	-	0,4
10-14	14,5	28,3	3,7	9,4
15-17	39,3	50,0	18,5	41,2
18-20	45,9	21,7	77,8	49,1
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012. N = 4794

Quadro 2.36 – Concordância sobre a contribuição do estágio/formação em contexto de trabalho para o desenvolvimento das competências, segundo a avaliação obtida

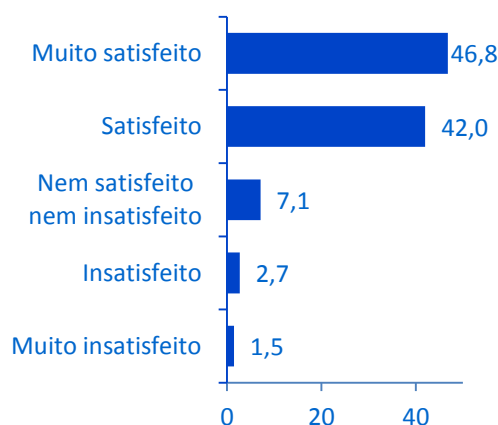
	(%)	Menos de 10	10-14	15-17	18-20	Não sei
Melhorei a capacidade de relacionar-me com os outros em contexto de trabalho	82,4	84,3	92,5	95,2	89,0	
Aprendi a desenvolver competências para identificar e resolver problemas em contexto de trabalho	82,4	82,9	92,3	95,1	89,4	
Aprendi mais sobre a profissão que pretendo vir a desempenhar	82,4	81,2	88,7	93,3	85,6	
Aprendi a expressar opiniões de forma mais clara e direta	82,4	78,9	88,7	92,2	84,7	
Aprendi mais a trabalhar em equipa	70,6	83,8	89,4	94,1	86,8	

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

as avaliações, mais os alunos consideram que o estágio contribuiu para desenvolver competências a diversos níveis (Quadro 2.36).

Por fim, analisa-se o grau de satisfação face ao estágio ou formação em contexto de trabalho, verificando-se que a grande maioria afirma estar muito satisfeito (46,8%) ou satisfeito (42,0%) (Gráfico 2.24). Apenas 4% dos alunos demonstraram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o estágio.

Gráfico 2.24 – Grau de satisfação em relação ao estágio/formação em contexto de trabalho



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012. N = 11529

Quadro 2.37 – Grau de satisfação dos alunos em relação ao estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada

	(%)	CT	EAE	CEF	CP
Muito satisfeito	44,5	23,4	45,8	47,7	
Satisfeito	41,8	46,7	50,0	41,8	
Nem satisfeito nem insatisfeito	7,9	15,5	-	6,8	
Insatisfeito	3,7	11,3	4,2	2,3	
Muito insatisfeito	2,1	3,1	-	1,4	
Total	100	100	100	100	

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012. N = 11529

Os estudantes dos cursos de educação e formação são os que se encontram mais satisfeitos com o estágio desenvolvido, verificando-se uma situação oposta, nos do ensino artístico especializado que demonstram maior insatisfação (11,3%) ou maior indiferença (15,5%) face ao estágio (Quadro 2.37).

De seguida, procurou-se verificar se a satisfação do estágio ou formação em contexto de trabalho variava consoante o seu contexto de desenvolvimento, apesar de não existirem grandes diferenças, os inquiridos que realizaram o seu estágio em contexto real de trabalho encontram-se mais satisfeitos (91,0% face a 82,3% muito satisfeitos ou satisfeitos)

Quadro 2.38 – Grau de satisfação em relação ao estágio/formação em contexto de trabalho, segundo o contexto do seu desenvolvimento

	Em contexto real de trabalho	Uma simulação de contexto de trabalho
Muito satisfeito	50,9	34,7
Satisfeito	40,1	47,6
Nem satisfeito nem insatisfeito	5,7	10,8
Insatisfeito	2,1	4,3
Muito insatisfeito	1,1	2,5
Total	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 11504

(Quadro 2.38) e mais do dobro dos inquiridos que realizaram uma simulação em contexto de trabalho, revelam estar insatisfeitos com a sua experiência (6,8% face a 3,2%).

Quadro 2.39 – Avaliação obtida no estágio/formação em contexto de trabalho, segundo o grau de satisfação com este efeito

	Muito satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Insatisfeito	Muito insatisfeito
Menos de 10	0,2	0,3	1,9	1,0	-
10-14	3,6	14,9	25,5	40,2	30,8
15-17	35,6	48,5	46,7	44,3	38,5
18-20	60,6	36,3	25,9	14,4	30,8
Total	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 4790

entre o grau de satisfação com o estágio e a nota obtida no mesmo. A maioria dos alunos que se encontram muito satisfeitos (60,6%) ou satisfeitos (36,3%) obtiveram uma nota igual ou superior a 18 valores (Quadro 2.39).

Quando se procura compreender a relação entre o grau de satisfação com o estágio e a avaliação obtida no mesmo, verifica-se que existe uma correlação direta

III

Desempenho Escolar à Saída do Secundário

III. Desempenho escolar à saída do secundário

Este capítulo tem como objetivo analisar o desempenho escolar dos estudantes ao nível da duração do seu trajeto escolar, do seu nível de rendimento num conjunto de disciplinas e da sua assiduidade. A abordagem da duração do trajeto escolar realiza-se a partir do estudo do desvio anual no trajeto escolar global, do desvio anual no decurso do ensino secundário, das reprovações e interrupções no ensino secundário, e das respetivas razões justificativas desse trajeto.

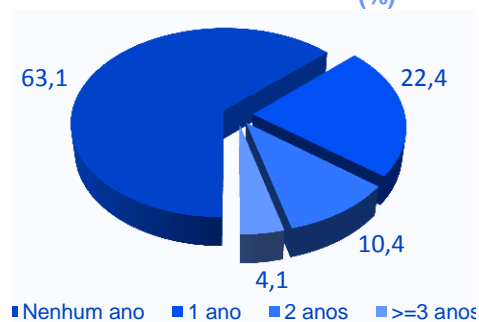
Numa segunda fase, analisa-se o rendimento escolar dos estudantes através de variáveis como o número de disciplinas com rendimento insuficiente, média das classificações e nível de rendimento às disciplinas das áreas da matemática, língua portuguesa e língua estrangeira. Neste ponto, procura-se também abordar a temática das explicações e a forma como este fenómeno se expressa, através da identificação das áreas disciplinares mais procuradas, do perfil socioeconómico e escolar dos alunos que as procuram, bem como, a avaliação da sua eficácia no rendimento escolar. Numa terceira dimensão, observa-se os níveis de assiduidade utilizando para tal variáveis como o grau de assiduidade e as principais razões que levam os estudantes a faltar às aulas, quando o fazem.

Após o estudo de cada uma destas dimensões procura-se compreender como as origens socioeconómicas e os contextos escolares influenciam as dinâmicas do desempenho escolar neste nível de ensino. Nesta análise, tem-se como referência alguma literatura da sociologia da educação, que centra a sua análise nas formas em que as origens e os contextos sociais influenciam o desempenho escolar dos estudantes (Seabra, 2008).

3.1. Duração do trajeto escolar: retenções e interrupções

O acesso ao ensino secundário é um percurso gradual, que pressupõe a conclusão do ensino básico. Neste sentido, procurou-se delinear o percurso escolar dos estudantes até ao ensino secundário, tendo em conta o número de anos de desvio anual ao longo do seu trajeto escolar. Da análise conclui-se que, 63,1% chegou ao 12.º ano ou equivalente sem qualquer desvio anual no trajeto escolar, revelando um percurso sem retenções, enquanto 22,4% chegaram ao secundário com um ano de desvio anual face ao tempo esperado e 10,4% com dois anos de desvio (Gráfico 3.1).

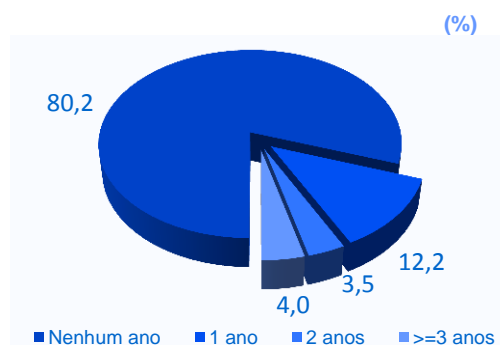
Gráfico 3.1 – Número de anos de desvio anual no trajeto escolar (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

A análise do número de anos de desvio no trajeto pelo ensino secundário mostra que a maioria dos estudantes não regista qualquer incidência (80,2%) (Gráfico 3.2). Apenas um quinto atrasou o seu percurso escolar durante o secundário (19,8%), tendo a maioria apenas um ano de desvio anual (12,2%). Os casos de desvio anual neste trajeto de três anos são minoritários, mas refletem um pequeno aumento quando comparados com os dados recolhidos no último questionário dos “estudantes à saída do secundário – 2009/2010”, em que apenas 17,1% apresentava desvios neste nível de ensino (Rodrigues et al, 2010:49).

Gráfico 3.2 – Número de anos de desvio anual no trajeto pelo secundário



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Quadro 3.1 – Principais razões para o desvio anual durante o ensino secundário

	(%)
Reprovações/desvio por módulos em atraso	49,1
Porque mudei de curso	35,7
Porque fiquei a fazer melhoria de notas	11,1
Porque anulei a matrícula/desisti ou não me matriculei na escola	5,9
Porque mudei de país	5,8
Outra razão	1,9

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 9213

mudança de curso (35,7%), destacando-se ainda os 11,1% que explicam o atraso devido à necessidade de fazerem melhoria de notas.

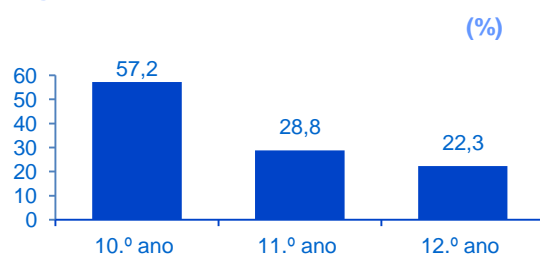
Tendo em consideração que a reprovação ou a existência de módulos em atraso é o principal motivo para os estudantes apresentarem um desvio anual no seu percurso escolar, de seguida pretendeu-se analisar as razões que justificam esse atraso. A maioria considera que estudavam pouco (58,2%), que as matérias lecionadas eram difíceis (25,0%) ou que não gostavam das matérias (12,8%) (Quadro 3.2).

Para os alunos que tiveram pelo menos um ano de desvio anual, solicitou-se que indicassem as razões que os levaram a tal atraso no seu percurso (Quadro 3.1). Os atrasos deveriam-se essencialmente a dois fatores: reprovações ou módulos em atraso (49,1%) ou devido à

Quadro 3.2 – Principais razões para a reprovação / módulos em atraso durante o ensino secundário

	(%)
Estudava pouco	58,2
As matérias eram difíceis	25,0
Não gostava das matérias	12,8
Não gostava de andar na escola	9,9
Os professores não ensinavam bem	8,7
Por motivos pessoais	7,7
Não percebia o que os professores diziam	5,7
O ambiente com os colegas não era muito bom	3,9
Os professores não gostavam de mim	3,6
Pensava que o que aprendia não servia para nada	2,7
Trabalhava e não consegui conciliar as duas atividades	2,1
Outra Razão	7,4

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 4287

Gráfico 3.3 – Reprovações/ módulos em atraso, segundo o ano escolar do ensino secundário

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

N = 4191

O ano em que ocorreram mais reprovações ou desvio por módulos em atraso foi no 10.º ano ou equivalente (57,2%), seguindo-se o 11.º ano (28,8%). Segundo alguns estudos, a predominância destas situações nos anos de transição entre ciclos de ensino pode ser denominado de “efeito de transição”, dando-se essencialmente devido ao aumento de exigência escolar entre níveis de ensino, lógicas de funcionamento, linguagem e

modos de gestão do tempo e do espaço diferentes ao que os alunos estavam habituados em níveis de ensino precedentes (Abrantes 2005 e 2008).

No entanto, comparativamente com o último questionário realizado em 2009/2010, destaca-se o aumento do número de estudantes que apresentam estas ocorrências no 12.º ano (22,3%), o que demonstra uma subida de 6,4% neste ano letivo e um decréscimo de 7,7% no 10.º ano ou equivalente (Rodrigues et al, 2010:50). Esta diferença ainda é mais notória quando se compara estes dados, com os do questionário realizado em 2008/2009 no qual apenas 11,7% apresentavam reprovações ou desvio por módulos em atraso no 12.º ano (um aumento 10,6%). Estes resultados demonstram propensão para uma diminuição destas ocorrências no 10.º ano ou equivalente, e respetivo aumento no 12.º ano.

Simultaneamente, questionara-se as razões que levaram os alunos a interromper ou desistir dos estudos no decorrer do ensino secundário. Os motivos pessoais (24,1%), a falta de gosto pelos estudos (20,5%) e a inexistência de um curso que permitisse desempenhar a profissão desejada (15,3%) são os motivos mais

apresentados (Quadro 3.3). A mesma análise por tipo de certificação revela diferenças de opiniões, uma vez que os estudantes dos cursos profissionalmente qualificantes valorizam mais o facto de não existir nenhum curso adequado à profissão que pretendiam seguir (19,3%), que o curso era pouco prático e não preparava para o mundo do trabalho (15,2%) e que era impossível trabalhar e estudar ao mesmo tempo (14,6%).

Quadro 3.3 – Principais razões para a interrupção / desistência dos estudos durante o ensino secundário

	Total	CCH	CPQ
Por motivos pessoais	24,1	34,4	19,3
Não gostava de estudar	20,5	24,4	18,7
Não existia nenhum curso para a profissão que queria seguir	15,3	6,9	19,3
Estava a trabalhar e não era possível fazer as duas coisas	13,7	11,9	14,6
O curso era pouco prático, não preparava para o mundo do trabalho	11,4	3,1	15,2
Quería ganhar o meu próprio dinheiro	10,0	8,1	10,8
Tinha dificuldades ao nível da aprendizagem	8,4	8,1	8,5
Tinha dificuldades económicas	7,2	6,3	7,6
Tinha problemas disciplinares na escola	4,0	6,9	2,6
Os meus amigos também já tinham deixado de estudar	1,8	0,6	2,3
A minha família não apoiava a continuação dos estudos	1,6	1,9	1,5
Outra razão	11,2	11,9	10,8

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário

2011/2012.

N = 503

Quando analisamos os motivos que originaram o regresso à escola após terem interrompido os estudos, constata-se que existe uma divisão entre a pretensão de seguir para o ensino superior (35,0%) e a obtenção de um certificado ou diploma de ensino secundário (24,0%) (Quadro 3.4).

Quadro 3.4 – Principal razão para o regresso à escola após a interrupção / desistência dos estudos no ensino secundário, segundo o tipo de certificação do curso

	Total	CCH	CPQ
Queria ir para o ensino superior	35,0	61,6	22,6
Queria obter um certificado/diploma	24,0	11,9	29,6
Queria adquirir conhecimentos/competências úteis para o meu dia-a-dia	14,2	6,9	17,6
Queria aprender uma profissão	8,0	0,6	11,4
A minha família quis que eu voltasse à escola	7,6	7,5	7,6
Comecei a trabalhar e a escola permite que eu faça melhor o meu trabalho e/ou melhorar as minhas perspetivas de carreira	7,6	6,9	7,9
Outra razão	3,6	4,4	3,2
Total	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 501

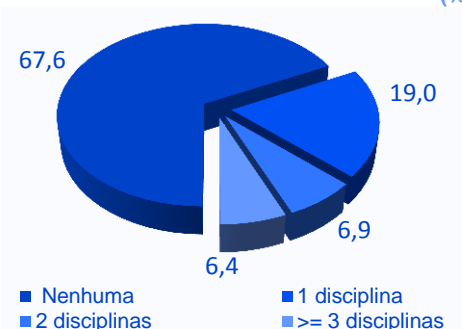
certificado ou diploma (29,6% face a 11,9%), adquirir conhecimentos e/ou competências úteis para o dia-a-dia (17,6% face a 6,9%) e aprender uma profissão (11,4% face a 0,6%). Verifica-se uma valorização da vertente profissional de conhecimentos e competências com acesso ao mercado de trabalho de forma qualificada através de um diploma e um certificado profissional que permite desde logo a integração no mercado de trabalho.

3.2. Rendimento escolar

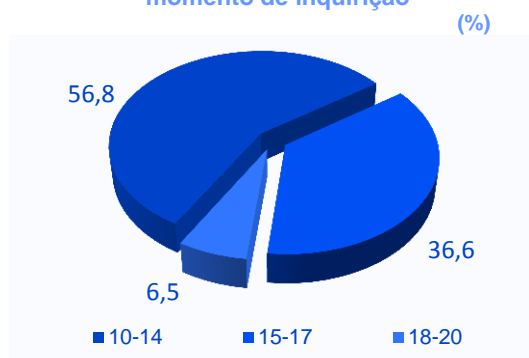
3.2.1. Níveis de rendimento escolar

Neste ponto, pretende-se analisar os níveis de rendimento escolar dos estudantes através das classificações obtidas ao longo do ano letivo 2011/2012. Começa-se por observar o número de disciplinas com nível de rendimento insuficiente, verificando-se que dois terços tiveram rendimento a todas das disciplinas frequentadas (67,6%) e um quinto teve rendimento insuficiente a uma disciplina (19,0%) (Gráfico 3.4). Quando se compara estes dados com os do questionário realizado no ano letivo 2009/2010, destaca-se um ligeiro crescimento no rendimento insuficiente a duas ou mais disciplinas (13,3% face a 11,1%) (Rodrigues et al, 2010:53).

Gráfico 3.4 – Número de disciplinas com um nível de rendimento insuficiente (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Gráfico 3.5 – Média global das classificações no momento de inquirição (%)

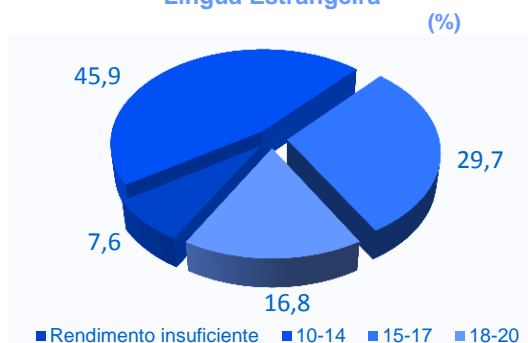
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

A leitura da média global⁵ de classificações obtidas no momento de inquirição permite observar que mais de metade dos estudantes obteve uma classificação entre os 10 e os 14 valores (56,8%) e pouco mais de um terço entre os 15 e os 17 valores (36,6%) (Gráfico 3.5). As classificações de excelência escolar que variam entre os 18 e os 20 valores assumem um valor mais baixo (6,5%).

De seguida, procede-se à análise do nível de rendimento às disciplinas de língua portuguesa, língua estrangeira e matemática, áreas consideradas base em qualquer uma das modalidades de ensino e cursos frequentados no ensino secundário. Ao nível da disciplina de língua portuguesa, verifica-se que a maioria dos estudantes apresenta um nível de rendimento entre os 10 e os 14 valores (62,6%), seguindo-se os que têm notas entre os 15 e os 17 valores (24,3%) (Gráfico 3.6). Os rendimentos insuficientes apesar de assumirem uma expressão mais reduzida (8,5%), comparativamente com o questionário realizado em 2009/2010 sofreram um ligeiro aumento (6,2%) (Rodrigues et al, 2010:54).

Gráfico 3.6 – Nível de rendimento à disciplina de Língua portuguesa (%)

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Gráfico 3.7 – Nível de rendimento à disciplina de Língua Estrangeira (%)

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

questionário lançado em 2009/2010, verifica-se um ligeiro crescimento das situações de rendimento insuficiente (Rodrigues et al, 2010:54).

Apesar da distribuição ser semelhante relativamente às classificações entre os 10 e os 14 valores na disciplina de língua estrangeira (45,9%), constata-se algumas diferenças nos níveis de rendimento mais elevados, em que 29,7% dos estudantes tiveram um rendimento entre os 15 e os 17 valores e 16,8% entre os 18 e os 20 valores. Tal como se verificou na disciplina de português, comparando os resultados com o

⁵ A análise da média das classificações não inclui a categoria entre o 0 e os 9 valores, na medida em que correspondia a apenas 0,3% dos inquiridos, tendo sido considerado um valor muito residual.

Na disciplina de matemática a dispersão das classificações revela diferenças ao nível dos rendimentos insuficientes e dos desempenhos elevados. Se para metade dos estudantes o nível de rendimento varia entre os 10 e os 14 valores (51,2%), um décimo apresenta um rendimento entre os 18 e os 20 valores (10,8%). Realizando-se uma análise interdisciplinas (língua portuguesa, língua estrangeira e matemática), verifica-se que a matemática apresenta quase o dobro das situações de rendimento insuficiente (16,1%), demonstrando uma maior vulnerabilidade dos estudantes nesta disciplina.

Gráfico 3.8 – Nível de rendimento à disciplina de Matemática (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Quadro 3.5 – Disciplinas onde os alunos sentiram maiores dificuldades (%)

	(%)
	%
Língua portuguesa	38,7
Matemática/Estatística/Matemática aplicada	38,4
Físico e/ou química	13,3
Inglês	12,6
História	8,0
Educação Física	4,2
Ciências sociais, Comércio e Direito	4,2
Biologia	3,2
Geometria Descritiva	2,3
Francês	2,2
Outras	5,1
Não tenho dificuldades em nenhuma disciplina	10,6

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Indo ao encontro do referido anteriormente, as disciplinas em que os estudantes mostram ter maiores dificuldades são precisamente a língua portuguesa (38,7%), a matemática (38,4%), a física e/ou química (13,3%) e Inglês (12,6%) (Quadro 3.5). Estas são disciplinas transversais à maioria das modalidades de ensino/cursos frequentados pelos estudantes, daí que estes sintam maiores dificuldades.

Comparativamente aos dados relativos ao ano letivo 2009/2010, verifica-se um aumento de alunos com dificuldades à

disciplina de português (face a 34%) e uma redução às restantes disciplinas (matemática-39,8%, e física e/ou química - 15,2%) (Rodrigues et al, 2010:54).

3.2.2. Frequência de explicações no 12.º ano ou equivalente

As dificuldades sentidas pelos alunos em algumas disciplinas, com especial enfoque nas que são consideradas fundamentais para a diversidade das modalidades de ensino/cursos, bem como, a necessidade de obterem médias que lhes permitam o prosseguimento de estudos, origina uma procura de resolução destas dificuldades através da frequência de explicações.

A este nível têm-se constatado um desenvolvimento progressivo do mercado das explicações, quer em Portugal quer noutros países, ao nível do número de indivíduos, instituições envolvidas, tipo de enquadramento institucional e diversidade de serviços oferecidos (explicações individuais ou em grupo, diferentes tipos de escalões e preços praticados,

explicações em regime de informalidade até explicações oferecidas por centros ou organizações formais) (Afonso, 2008; Neto-Mendes, Costa et al, 2007; Silveirinha e Costa, 2007).

De facto, a procura deste tipo de serviços tende a estar associada à preparação para os exames escolares, quer neste nível de ensino, como no 9.º ano ou equivalente, considerando-se importante analisar de seguida a frequência de explicações e as razões para esta frequência, quais as modalidades de ensino mais as frequentam, que disciplinas são mais procuradas, qual o seu grau de satisfação com estes serviços, que relação existe com o desempenho escolar e com as características socioeconómicas dos inquiridos que as procuram.

Cerca de um terço demonstra estar a frequentar explicações durante o 12.º ano ou equivalente (30,9%). Tendo em consideração que as explicações são um meio suplementar de estudos, este número pode ser considerado elevado, revelando-se como

uma prática importante realizada no final deste nível de ensino. Esta procura de explicações vai de encontro às abordagens realizadas nesta área por diversos estudos que confirmam esta procura de explicações no final do ensino secundário (Costa et al, 2007; Costa, Ventura e Neto-Mendes, 2003).

Os dados demonstram que um número relevante dos estudantes dos cursos científico-humanísticos frequenta explicações durante o 12.º ano ou equivalente (43,3%), indo ao encontro do principal objetivo desta modalidade de ensino que é o investimento no prosseguimento de estudos superiores (Quadro 3.6). A obtenção de médias elevadas de acesso a uma universidade ou politécnico requer um esforço e empenho por parte dos alunos

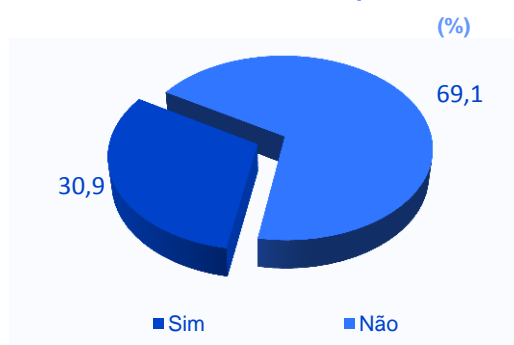
Quadro 3.6 – Frequência de explicações durante o 12.º ano ou equivalente, segundo tipo de certificação do curso e modalidade frequentada (%)

	CCH	CPQ				Total
		CT	EAE	CEF	CP	
Sim	43,3	23,1	28,0	10,9	7,3	8,9
Não	56,7	76,9	72,0	89,1	92,7	91,1
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

encontram-se os inquiridos do ensino artístico especializado (28,0%). Apesar desta ser uma modalidade de ensino vocacionada para a obtenção de um diploma de certificação profissional, está também muito orientada para o prosseguimento de estudos.

Gráfico 3.9 – Frequência de explicações durante o 12.º ano ou equivalente



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

nas diferentes disciplinas, levando-os a recorrerem à frequência de explicações. Apenas 9% dos que frequentam os cursos profissionalmente qualificantes considera ter frequentado explicações, e os dos cursos profissionais e dos cursos de educação e formação são os que menos referem estar a frequentar explicações (7,3% e 10,9%). Numa situação inversa,

A disciplina ou área de conhecimento com maior procura de explicações é a matemática (82,4%). De acordo com alguns estudos (Costa et al, 2007), esta é a disciplina em que os estudantes sentem maiores dificuldades, originando uma procura acentuada de explicações que têm como objetivo a melhoria do desempenho escolar, numa área considerada transversal à maioria cursos (Quadro 3.7). Um aspeto igualmente importante a reter relativamente ao elevado nível de procura de explicações nesta disciplina é o facto de o exame de matemática, ser por norma,

importante no acesso ao ensino superior para um número relevante de cursos. Também as

Quadro 3.8 – Grau de satisfação face à eficácia das explicações na melhoria dos resultados escolares

	(%)
	%
Muito satisfeito	29,6
Satisfeito	55,1
Nem satisfeito nem insatisfeito	11,8
Insatisfeito	2,5
Muito insatisfeito	1,0
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 14934

na melhoria dos resultados escolares, constatando-se que a maioria considera estar satisfeito ou muito satisfeito (55,1% e 29,6%) (Quadro 3.8).

Os motivos que levam os alunos a frequentar explicações são diversificados, destacando-se a preparação para os exames (30,3%) e a necessidade de levantar as notas consideradas baixas (29,1%) (Quadro 3.9). No entanto, cerca de um quinto demonstra que a sua opção visa melhorar as notas já positivas, não se encontrando numa situação limite.

A análise por tipo de certificação demonstra diferenças acentuadas, na medida em que, os alunos dos cursos científico-humanísticos justificam a frequência de explicações para melhorar as notas já positivas (23,6% face a 9,9%), enquanto os dos cursos profissionalmente qualificantes consideram que as explicações funcionam enquanto uma forma de preparação para os exames (43,1% face a 28,8%).

Quadro 3.7 - Disciplinas / áreas de conhecimento alvo de explicações

	(%)
	%
Matemática/Estatística/Matemática aplicada	82,4
Físico e/ou química	20,4
Língua Portuguesa	19,2
Geometria Descritiva	3,9
Ciências sociais, Comércio e Direito	3,7
Inglês	3,7
História	2,5
Físico-química	1,1
Geologia	1,0
Outra área	3,2

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 14925

disciplinas de física e/ou química e de língua portuguesa são disciplinas com uma elevada procura de explicações (20,4% e 19,2%). Estes resultados vão ao encontro do referido anteriormente, relativamente às disciplinas em que os alunos admitem sentir maiores dificuldades.

Apesar de frequentarem explicações, nem sempre os estudantes conseguem melhorar o seu desempenho escolar às disciplinas com maiores dificuldades. Deste modo, foram questionados sobre o seu grau de satisfação face à eficácia da frequência de explicações

Dos cursos profissionalmente qualificantes, destacam-se os estudantes dos cursos de educação e formação e dos cursos profissionais ao admitirem que a frequência de explicações visa prepará-los para os exames que terão de fazer no final deste nível de ensino (73,3% e 46,5%). Os do ensino artístico especializado são os que mais consideram que esta opção tem como objetivo “levantar” as notas baixas (46,3%).

Quadro 3.9 – Principal razão para a frequência de explicações, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada

	Total	CCH	CPQ				Total
			CT	EAE	CEF	CP	
Para "levantar" as notas baixas	29,1	29,0	32,4	46,3	-	28,6	30,2
Para melhorar as notas já positivas	22,2	23,6	9,9	16,8	13,3	9,2	9,9
Para a preparação para os exames	30,3	28,8	36,3	17,9	73,3	46,5	43,1
Para organizar melhor o estudo	18,1	18,3	21,1	15,8	13,3	14,4	15,7
Por outra razão	0,4	0,3	0,4	3,2	0,0	1,3	1,2
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 14504

Por fim, pretende-se observar de que forma a frequência de explicações está correlacionada com características socioeconómicas das famílias dos inquiridos e pelo seu desempenho escolar.

Quadro 3.10 – Frequência de explicações, segundo o nível de escolaridade dominante na família e a origem socioprofissional

		Sim	Não	Total
Nível de escolaridade dominante na família	Igual ou inferior ao 1.º CEB	12,8	87,2	100
	Entre o 2.º e o 3.º CEB	22,6	77,4	100
	Ensino secundário	36,7	63,3	100
	Ensino superior	43,1	56,9	100
Origem socioprofissional dos alunos	Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	41,7	58,3	100
	Profissionais Técnicos e de Enquadramento	49,0	51,0	100
	Trabalhadores Independentes	26,2	73,8	100
	Empregados Executantes	22,4	77,6	100
	Operários	17,0	83,0	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

superior, verificando-se que são estes alunos que mais admitem frequentar este tipo de serviços. Simultaneamente, são as famílias pertencentes a uma categoria socioprofissional mais privilegiada que tendem a investir mais neste tipo de serviços (“profissionais técnicos e de enquadramento” – 49,0% face aos “empregados executantes” – 22,4%). É necessário ter em consideração que a requisição destes serviços é dispendiosa e que nem todas as famílias têm recursos económicos para colocar os seus filhos a frequentar explicações, independentemente da necessidade de melhoria de notas ou da preparação para realização dos exames.

As médias das classificações não têm grande influência na frequência de explicações. No entanto, constata-se que quanto mais elevada a média dos estudantes, mais estes afirmam aceder a este tipo de serviços (10-14 valores – 32,9% face a 18-20 valores – 40,2%) (Quadro 3.11).

Quanto mais elevado é o nível de escolaridade dominante na família dos estudantes, mais estes afirmam frequentar explicações durante o 12.º ano (igual ou inferior ao 1.º CEB – 12,8% face ao ensino superior – 43,1%) (Quadro 3.10). O investimento em explicações é mais provável nas famílias mais escolarizadas que detêm o ensino secundário ou

Desempenho escolar à saída do secundário

Uma análise do número de anos de desvio anual permite verificar que quanto maior o número de anos de atraso, menor o investimento em explicações. Perante um percurso escolar linear, sem reprovações nem interrupções, verifica-se uma maior propensão para a requisição destes serviços.

Estes dados demonstram que a procura de explicações no 12.º ano tem como objetivo melhorar as notas dos estudantes, que à partida já são positivas, mas que

precisam de ser melhoradas. Esta melhoria visa essencialmente um investimento no prosseguimento de estudos superiores. As famílias mais escolarizadas e com mais posses económicas são as que mais investem nas práticas de melhoria de desempenho escolar dos seus filhos, colocando-os em vantagem face aos estudantes com recursos mais desfavorecidos.

Quadro 3.11 – Frequência de explicações durante o atual ano letivo, segundo o desempenho escolar

(%)

		Sim	Não	Total
Média global das classificações	10-14	32,9	67,1	100
	15-17	37,5	62,5	100
	18-20	40,2	59,8	100
Número de anos de desvio anual no trajeto pelo secundário	Nenhum ano	33,4	66,6	100
	1 ano	23,9	76,1	100
	2 anos	17,6	82,4	100
	>=3 anos	13,3	86,7	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

3.3. Nível de assiduidade ao longo do ensino secundário

Quadro 3.12 – Nível de assiduidade durante o ensino secundário

(%)

	%
Muito assíduos	58,4
Assíduos	31,0
Pouco assíduos	8,2
Muito pouco assíduos	2,5
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Com o objetivo de complementar a abordagem do desempenho escolar no ensino secundário, pretende-se verificar o nível de assiduidade dos estudantes verificando-se que a maioria se considera muito assídua (58,4%) ou assídua (31,0%) (Quadro 3.12).

Quando se procura saber as principais razões para faltarem às aulas, a maioria apresenta motivos pessoais (71,6%), seguindo-se a participação em provas desportivas (22,0%) e atrasos na entrada em sala de aula (22,1%) (Quadro 3.13).

Quadro 3.13 – Principais razões para as faltas de assiduidade durante o ensino secundário, segundo o nível de assiduidade

(%)

	Total	Muito assíduos	Assíduos	Pouco assíduos	Muito Pouco assíduos
Por motivos pessoais	71,6	79,8	66,8	48,9	44,7
Participação em provas desportivas	22,0	28,6	16,9	7,8	6,2
Atrasos na entrada em sala de aula	22,1	13,5	29,2	42,2	35,9
Desmotivação, por aulas pouco atrativas	9,3	3,0	13,3	24,2	32,8
Passar tempo com os amigos	8,1	3,4	12,6	15,8	16,7
Participação em atividades associativas	2,7	3,1	2,4	1,5	1,8
Desmotivação, pela dificuldade de acompanhamento da matéria em determinada disciplina	3,4	1,0	4,5	10,7	12,1
Outra razão	1,8	1,3	2,0	3,4	5,2

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Se os motivos pessoais e a participação em torneios desportivos são os mais referidos pelos que apresentam maior assiduidade, esta justificação vai-se desvanecendo à medida que os níveis de assiduidade reduzem. Para os inquiridos que referem ser pouco assíduos ou muito pouco assíduos as faltas devem-se mais a atrasos na entrada em sala de aula (42,2% e 35,9%) e a uma desmotivação por as aulas serem pouco atrativas (24,2% e 32,8%).

3.4. Desempenho escolar, contextos escolares e origens sociais

De seguida pretende-se analisar o desempenho escolar dos estudantes através das variáveis como a média global das classificações e do número de anos de desvio anual no trajeto pelo secundário, quer ao nível dos contextos escolares, das escolas e das modalidades de ensino/cursos frequentadas, como das suas características socioeconómicas.

3.4.1. Desempenho e contextos escolares

Começando a análise pela natureza do estabelecimento de ensino, verifica-se que as médias das classificações não revelam grandes diferenças entre ensino público e privado, prevalecendo em ambas as situações, médias entre os 10 e os 14 valores (57,9% face a 52,7%) (Quadro 3.14). No entanto, os alunos que frequentam uma escola privada demonstram uma maior incidência de classificações iguais ou acima dos 15 valores (47,2% face a 42,1%), apesar da diferença ténue. Quer no ensino público, como no ensino privado, a maioria dos alunos não revelam atrasos no seu percurso escolar. Apesar das diferenças ligeiras, são os estudantes do ensino privado que apresentam mais atrasos com especial ênfase para as situações de três ou mais anos de atraso (8,6% face a 2,6%).

Quadro 3.14 – Desempenho escolar, segundo natureza do estabelecimento de ensino (%)

		Público	Privado
Média global das classificações	10-14	57,9	52,7
	15-17	35,9	39,3
	18-20	6,2	7,9
	Total	100	100
Número de anos de desvio anual no trajeto pelo secundário	Nenhum ano	81,3	76,8
	1 ano	12,7	10,6
	2 anos	3,4	4,0
	>=3 anos	2,6	8,6
	Total	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Por tipo de certificação, verificam-se algumas diferenças na média de classificações obtidas. Os estudantes dos cursos científico-humanísticos obtêm classificações mais elevadas, entre os 15 e os 17 valores (38,4% face a 32,0%) e até mesmo de excelência escolar entre os 18 e os 20 valores (8,4% face a 1,7%) (Quadro 3.15).

A média de classificações dos estudantes dos cursos profissionalmente qualificantes varia consoante a modalidade de ensino. Apesar da maioria das médias variar entre os 10 e os 14 valores, com especial incidência nos cursos tecnológicos (77,6%) e nos cursos profissionais (66,3%), destacam-se os inquiridos dos cursos de educação e formação e do ensino artístico especializado que revelam ter tido classificações iguais ou acima dos 15 valores (52,7% e 44,7% indicaram uma média entre os 15 e os 17 valores e 7,1% e 4,6% acima dos 18 valores).

Quadro 3.15 – Desempenho escolar, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada

(%)

		CCH	CPQ				Total
			CT	EAE	CEF	CP	
Média global das classificações	10-14	53,3	77,6	50,7	40,2	65,8	66,3
	15-17	38,4	20,9	44,7	52,7	32,6	32,0
	18-20	8,4	1,5	4,6	7,1	1,6	1,7
	Total	100	100	100	100	100	100
Número de anos de desvio anual no trajeto pelo secundário	Nenhum ano	84,3	75,4	79,0	28,3	73,2	73,1
	1 ano	11,5	16,3	15,7	39,9	13,0	13,5
	2 anos	2,7	5,6	3,6	19,6	4,8	5,0
	≥3 anos	1,5	2,7	1,8	12,3	9,0	8,4
	Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Uma análise da duração do trajeto escolar durante o ensino secundário, revela uma ausência de atrasos nos dois tipos de certificação, destacando-se os alunos dos cursos científico-humanísticos (84,3% face a 73,1%) (Quadro 3.15).

Os alunos dos cursos profissionalmente qualificantes apresentam um maior número de anos de desvio anual no seu percurso escolar, com 26,9% com um ou mais anos de atraso.

Porém, o número de anos em atraso não se distribui de forma homogênea em todas as modalidades de ensino. Os estudantes dos cursos de educação e formação apresentam um perfil escolar diferente dos das restantes modalidades de ensino, na medida em que, a grande maioria tem um ou mais anos de desvio anual (71,7%). Numa situação oposta, encontram-se os que frequentam o ensino artístico especializado com as taxas mais baixas de atrasos no seu trajeto escolar (79,0%).

3.4.2. Desempenho escolar e origens sociais

A análise do desempenho escolar por género tem vindo a ser abordada por diversos autores e estudos portugueses que afirmam existir diferenças por género quando se analisa o

Quadro 3.16 – Desempenho escolar, segundo o sexo

(%)

		Masculino	Feminino
Média global das classificações	10-14	62,3	52,4
	15-17	31,6	40,7
	18-20	6,1	6,9
	Total	100	100
Número de anos de desvio anual no trajeto pelo secundário	Nenhum ano	78,0	82,1
	1 ano	13,1	11,5
	2 anos	4,0	3,1
	≥3 anos	4,8	3,4
	Total	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

desempenho escolar (Almeida e Vieira, 2006, Almeida, 2005, Silva, 1999). Indo ao encontro destes estudos, observa-se que a média de classificações varia consoante o género dos inquiridos, constatando-se que as raparigas revelam uma maior tendência que os rapazes para terem notas mais elevadas (iguais ou superiores a 15 valores – 47,5%) (Quadro 3.16). Comparando-se as notas de excelência escolar verifica-se que as diferenças são muito ténues (18 e 20 valores – 6,9% e 6,1%).

Ao nível dos atrasos no percurso escolar, as diferenças são muito reduzidas, apesar das raparigas apresentarem menos anos de desvio anual durante o trajeto pelo secundário (82,1% face a 78,0%).

A articulação entre desempenho escolar e os recursos escolares e socioeconómicos das famílias dos estudantes tem vindo a ser estudada por vários autores, com o objetivo de problematizar as relações entre desigualdades escolares e desigualdades sociais (Sebastião, 2009; Seabra, 2008; Martins, Mauritti e Costa, 2005; Machado et al, 2003; Silva, 1999, Grácio, 1997).

Começando por uma abordagem dos recursos escolares das famílias dos estudantes, constata-se que, se por um lado, existem diferenças acentuadas relativamente à média das classificações obtidas, por outro, a distribuição do número de anos de atraso no percurso escolar não revela grandes diferenças (Quadro 3.17).

De acordo com os estudos referidos, verifica-se que existe uma relação entre o nível de escolaridade das famílias dos estudantes e a média das classificações obtidas por estes. Quanto mais elevadas são as habilitações escolares das famílias, mais elevadas as notas obtidas pelos alunos, verificando-se que apenas um terço dos estudantes oriundos de famílias com recursos escolares iguais ou inferiores ao 1.º CEB obtêm classificações iguais ou superiores a 15 valores

(31,3%). No caso dos alunos provenientes de famílias com o ensino superior ou secundário, as médias de classificações são mais elevadas, em que 57,2% e 40,6% destes apresentam uma média de classificações iguais ou superiores aos 15 valores. As médias de excelência escolar, com classificações que variam entre os 18 e os 20 valores

Quadro 3.17 – Desempenho escolar, segundo o nível de escolaridade dominante na família (%)

		Igual ou inferior ao 1.º CEB	Entre o 2.º e o 3.º CEB	Ensino secundário	Ensino superior
Média global das classificações	10-14	68,7	63,8	59,4	42,8
	15-17	29,5	32,9	35,3	44,3
	18-20	1,8	3,3	5,3	12,9
	Total	100	100	100	100
Número de anos de desvio anual no trajeto pelo secundário	Nenhum ano	78,9	80,3	80,0	80,8
	1 ano	12,3	12,7	13,3	10,7
	2 anos	3,8	3,5	3,7	3,3
	≥3 anos	5,0	3,5	3,0	5,3
	Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

revelam diferenças assinaláveis (12,9% dos inquiridos oriundos de famílias com o ensino superior, face a 1,8% com habilitações iguais ou inferiores ao 1.º CEB, obtêm estas classificações).

Analisando agora o número de anos de desvio anual, percebe-se que independentemente do nível de habilitações escolares das famílias dos estudantes, a maioria não revela atrasos no seu percurso escolar (78,9% com escolaridades igual ou inferior ao 1.º CEB face 80,8% com o ensino superior). As diferenças existentes são muito ténues, e quanto mais elevadas as habilitações escolares da família, menos anos de atraso se verificam no percurso escolar.

Observando agora a relação entre o desempenho escolar e a origem socioprofissional, verifica-se que os alunos provenientes de famílias de “profissionais, técnicos e de enquadramento” são aqueles que mais obtêm classificações iguais ou superiores a 15 valores (45,5% com classificações entre os 15 e os 17 valores e 13,7% entre os 18 e os 20 valores) (Quadro 3.18).

Simultaneamente, cerca de metade dos oriundos de famílias de “empresários, dirigentes e profissionais liberais” apresentam também notas iguais ou superiores a 15 valores (38,8% com classificações entre os 15 e os 17 valores e 8,0% entre os 18 e os 20 valores). Cerca de dois terços dos estudantes provenientes de famílias de “operários” e “empregados executantes” apresentam médias mais baixas variando entre os 10 e os 14 valores (64,1% e 62,6%).

Quadro 3.18 – Desempenho escolar, segundo origem socioprofissional

(%)

		Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	Profissionais Técnicos e de Enquadramento	Trabalhadores Independentes	Empregados Executantes	Operários
Média global das classificações	10-14	53,2	40,8	62,2	62,6	64,1
	15-17	38,8	45,5	33,6	33,3	32,6
	18-20	8,0	13,7	4,2	4,1	3,3
	Total	100	100	100	100	100
Número de anos de desvio anual no trajeto pelo secundário	Nenhum ano	82,5	85,0	83,5	81,7	80,5
	1 ano	11,8	10,0	10,7	12,3	11,5
	2 anos	3,0	2,5	2,8	3,2	3,2
	≥3 anos	2,7	2,5	3,1	2,9	4,7
	Total	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

A distribuição do número de anos de desvio anual pela origem socioprofissional é pouco expressiva. Independentemente da origem socioprofissional das famílias, a maioria dos estudantes não apresentam atrasos no seu percurso escolar pelo ensino secundário, existindo pequenas diferenças entre aqueles oriundos de famílias de “profissionais técnicos e de enquadramento” e os “operários” (15,0% com 1 ou mais anos de desvio anual face a 19,4%).

IV

Expetativas Escolares e Profissionais face ao Pós-Secundário

IV. Expetativas escolares e profissionais face ao pós-secundário

Neste ponto, procura-se analisar os projetos escolares e profissionais dos estudantes no pós-secundário, uma vez que a conclusão do ensino secundário faz emergir a necessidade de tomar decisões sobre o futuro escolar e profissional.

No pós-secundário as opções dividem-se essencialmente, entre o prosseguimento de estudos, superiores, uma formação de especialização profissional pós-secundárias ou a integração no mercado de trabalho, e os estudantes são questionados sobre as razões que justificam essa tomada de decisão. Relativamente às expetativas de prosseguimento de estudos realiza-se uma análise do tipo de formação e área de estudos que pretendem integrar. Para complementar esta abordagem e porque as opções tomadas podem não se cingir apenas ao contexto português, procura-se compreender se os inquiridos pretendem fazer formação na Europa e qual o tipo de formação que pretendem frequentar.

Como nas escolhas escolares e profissionais, a escola desempenha um papel fundamental no acompanhamento e disponibilização de informação aos alunos, procura-se compreender se as escolas apoiaram os alunos nas suas decisões e perante a existência desse apoio, qual a sua utilidade nas escolhas realizadas.

Por fim, abordam-se as expetativas profissionais futuras, indagando qual a profissão que estes pensam desempenhar aos 30 anos, e de que forma essas expetativas variam consoante as modalidades de ensino/cursos frequentados, as condições socioeconómicas e com o desempenho escolar durante o ensino secundário.

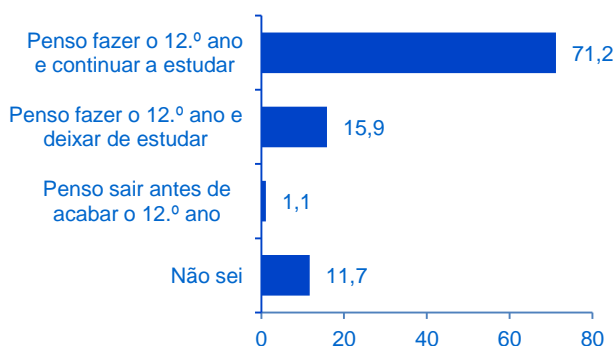
4.1. Expetativas escolares: entre a integração imediata no mercado de trabalho e o prosseguimento de estudos

4.1.1. Expetativas escolares diferentes para a diversidade de modalidades

A conclusão do ensino secundário, faz emergir a necessidade de definição de projetos escolares e profissionais futuros. As expetativas desenvolvidas no pós-secundário são uma consequência, quer do percurso escolar e das experiências dos estudantes ao longo deste nível de ensino, como também, das condições socioeconómicas das famílias e do seu desempenho escolar.

Relativamente às expetativas escolares dos estudantes à saída do ensino secundário, analisa-se qual o nível de escolaridade mais elevado que consideram vir a alcançar no seu trajeto escolar. Como se tratam de alunos finalistas é natural terminar o ensino secundário (87,1%), independentemente de 15,9% ponderarem não continuarem a estudar, e 71,2% pretende prosseguir estudos. O seu desejo de obter qualificações mais elevadas é condição fundamental para facilitar a integração no mercado de trabalho, tal como alguns estudos têm vindo a confirmar (Capucha et al, 2009).

Gráfico 4.1 – Expetativas de percurso escolar (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Quadro 4.1– Razões para os alunos não continuarem a estudar

	(%)
Quero arranjar um emprego para ter o meu próprio dinheiro	35,0
Tenho dificuldades económicas	29,7
Não gosto de estudar	25,1
Acabar o secundário é muito difícil	17,1
Quero fazer um curso de formação profissional fora do ensino secundário	9,6
Não gosto do curso onde estou	8,1
Estou a trabalhar e não é possível continuar a fazer as duas coisas	4,7
Em termos profissionais, acabar o secundário não faz muita diferença	3,7
Por motivos pessoais (gravidez, doença, necessidade de cuidar de um familiar, etc.)	2,6
A minha família não apoia a continuação dos estudos	1,4
Outras razões	2,8

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 491

Os alunos que pretendem sair do sistema de ensino sem concluir o 12.º ano representam apenas 1,1% e pretendem fazê-lo por razões de ordem económica, como a necessidade de arranjar um emprego para terem o seu próprio dinheiro (35,0%), por terem dificuldades económicas (29,7%) ou não gostarem de estudar (25,1%) (Quadro 4.1). As justificações apresentadas demonstram uma indecisão face à necessidade de trabalhar/vontade de começar a exercer uma profissão e as aspirações de prosseguir os estudos, o que vai ao

encontro de alguns estudos já realizados (Guerreiro e Abrantes, 2007).

Quadro 4.2 – Expetativas de percurso escolar dos alunos, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada (%)

	CCH	CPQ					Total
		CT	EAE	CEF	CP		
Penso fazer o 12.º ano e continuar a estudar	88,8	64,9	85,5	68,6	36,7		40,0
Penso fazer o 12.º ano e deixar de estudar	4,2	20,3	9,2	13,1	39,1		36,9
Penso sair antes de acabar o 12.º ano	0,2	0,7	-	2,2	2,8		2,6
Não sei	6,7	14,1	5,3	16,1	21,5		20,6
Total	100	100	100	100	100		100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

As expetativas de percurso escolar por tipo de certificação, demonstram claramente que os alunos dos cursos científico-humanísticos são os que mais pretendem concluir o

ensino secundário e continuar a estudar (88,8%), enquanto os dos cursos profissionalmente qualificantes se dividem entre os que pretendem continuar a estudar (40,0%) e aqueles que querem deixar de estudar (36,9%), após conclusão do ensino secundário (Quadro 4.2).

Dos alunos dos cursos profissionalmente qualificantes verifica-se que são os do ensino artístico especializado que mais desejam concluir o ensino secundário e prosseguir estudos (85,5%). Numa situação diferente encontram-se os alunos dos cursos profissionais que demonstram estar divididos entre continuar a estudar (36,7%) ou não continuar (39,1%) após o término do ensino secundário. Por fim, os mais indecisos quanto ao percurso escolar são os alunos dos cursos profissionais e dos cursos de educação e formação (21,5% e 16,1%).

Quadro 4.3 – Expetativas de percurso escolar, segundo a natureza do estabelecimento de ensino

	(%)	
	Público	Privado
Penso fazer o 12.º ano e continuar a estudar	76,1	55,1
Penso fazer o 12.º ano e deixar de estudar	12,8	26,3
Penso sair antes de acabar o 12.º ano	0,8	2,1
Não sei	10,3	16,5
Total	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Uma análise das expetativas escolares segundo a natureza do estabelecimento de ensino revela algumas diferenças, em que os estudantes do ensino público revelam expetativas escolares mais elevadas do que os dos estabelecimentos de ensino privados (76,1% face a 55,1%) (Quadro 4.3). Os do ensino privado são os que mais

estão mais indecisos quanto ao futuro (16,5% face a 10,3%) e os que consideram que após a conclusão do ensino secundário deixarão de estudar (26,3% face a 12,8%)

De seguida procurou-se saber o que levou os 15,9% de alunos a quererem deixar de estudar após terminarem o

ensino secundário (Gráfico 4.1). A razão mais invocada é quererem arranjar trabalho para poderem ter o seu próprio dinheiro (52,7%), seguindo-se as dificuldades económicas (30,6%), a falta de gosto pelos estudos (30,4%) e com menor expressão o facto de

Quadro 4.4 – Razões para os alunos não continuarem a estudar, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada

	Total	CCH	CPQ					Total
			CT	EAE	CEF	CP		
Quero arranjar trabalho para poder ter o meu dinheiro	52,7	44,5	48,2	58,1	44,4	54,7	54,4	
Tenho dificuldades económicas	30,6	30,9	31,6	51,6	22,2	30,4	30,5	
Não gosto de estudar	30,4	28,1	36,0	16,1	27,8	30,8	30,9	
Não é fácil entrar para o ensino superior	18,3	22,3	20,2	16,1	27,8	17,4	17,5	
Quero fazer um curso de formação profissional fora do ensino superior	9,2	21,2	14,6	16,1	11,1	6,3	6,7	
Acabar um curso superior é muito difícil	6,9	6,2	6,1	-	5,6	7,2	7,1	
Em termos profissionais tirar um curso pós-secundário não faz muita diferença	4,3	7,1	5,3	6,5	-	3,7	3,7	
Depois de acabar o ensino secundário quero constituir família	3,2	2,0	0,8	-	-	3,6	3,5	
Por motivos pessoais	2,4	2,7	3,6	-	-	2,4	2,4	
Para ir para o ensino superior teria de ir viver para outra região	1,8	2,1	1,2	3,2	-	1,8	1,8	
Outras razões	1,4	1,3	0,8	-	-	1,5	1,4	

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 7406

considerarem difícil entrar para o ensino superior (18,3%) (Quadro 4.4).

Por tipo de certificação, as razões apresentadas são muito semelhantes apesar dos estudantes dos cursos profissionalmente qualificantes afirmarem mais que desejam arranjar trabalho para ter o seu próprio dinheiro (54,4% face a 44,5%), enquanto os dos cursos científico-humanísticos valorizam mais o facto de não ser fácil entrar para o ensino superior (22,3% face a 17,5%) e quererem fazer um curso de formação profissional fora do ensino superior (21,2% face a 6,7%).

A razão mais apontada por todas as modalidades de ensino e formação para deixarem de estudar após a conclusão do ensino secundário é o facto dos alunos pretenderem arranjar trabalho para terem o seu próprio dinheiro. No entanto, os do ensino artístico especializado referem não prosseguir estudos porque terem dificuldades económicas (51,6%) e os dos cursos tecnológicos são os que afirmam não querer prosseguir estudos por não gostarem de estudar

Quadro 4.5 – Expetativas da atividade pretendida após a saída do ensino secundário (%)

	%
Trabalhar	81,7
Trabalhar e fazer formação profissional	11,6
Fazer formação profissional	3,2
Fazer uma pausa	1,7
Não sei	1,7
Outra	0,1
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 7904

(36,0%) e os dos cursos de educação e formação os que mais mencionam não ser fácil entrar para o ensino superior (27,8%).

Simultaneamente procurou-se saber o que estes estudantes pretendem fazer após a conclusão do ensino secundário, verificando-se que cerca de quatro quintos demonstra querer integrar o mercado de trabalho (81,7%) e 11,6% considera, que para além de trabalhar, irá fazer também uma formação profissional. (Quadro 4.5).

Para a maioria dos alunos que frequentam um curso profissionalmente qualificante a opção será a integração no mercado de trabalho (85,8%), o que vai ao encontro dos objetivos das modalidades de ensino que integram este tipo de certificação (Quadro 4.6). No caso dos cursos científico-humanísticos apesar de 61,3% dos estudantes também considerarem a hipótese de começarem a trabalhar, existem 26,3% que pensam simultaneamente fazer uma formação profissional.

Quadro 4.6 – Expetativas da atividade pretendida após a saída do ensino secundário, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada (%)

	CCH	CPQ				Total
		CT	EAE	CEF	CP	
Trabalhar	61,3	72,7	58,1	57,1	86,5	85,8
Trabalhar e fazer formação profissional	26,3	18,8	16,1	23,8	8,2	8,7
Fazer formação profissional	6,9	5,1	19,4	4,8	2,3	2,5
Fazer uma pausa	2,7	1,2	6,5	4,8	1,4	1,5
Não sei	2,7	2,3	-	9,5	1,5	1,5
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 7894

Uma análise por modalidade de ensino permite mostrar que os alunos dos cursos profissionais e dos cursos tecnológicos são os que mais consideram integrar apenas o mercado de trabalho (86,5% e 72,7%). Os alunos dos cursos de educação e formação optam mais por fazer simultaneamente uma formação profissional enquanto trabalham (23,8%), enquanto os do ensino artístico especializado consideram que independentemente de estarem ou não a trabalhar, vão fazer uma formação profissional (35,5%).

4.1.2. Condição socioeconómica familiar dos alunos e desempenho escolar

As expetativas escolares dos estudantes, tal como diversos estudos têm demonstrado, estão relacionadas com o género e com as condições socioeconómicas das famílias (Grácio, 1997, Alves 1998, Silva, 1999, Fernandes, 2009). A forma como rapazes e raparigas definem o seu percurso escolar tem vindo a ser estudado por alguns destes autores e demonstram que a tendência é para a existência de um maior investimento das raparigas no prosseguimento de estudos para o ensino superior, enquanto os rapazes demonstram maior tendência para deixarem de estudar e integrarem de imediato o mercado de trabalho.

Quadro 4.7 – Expetativas de percurso escolar, segundo condições sociais e desempenho escolar

		(%)				
		Penso sair antes de acabar o 12.º ano	Penso fazer o 12.º ano e deixar de estudar	Penso fazer o 12.º ano e continuar a estudar	Não sei	Total
Sexo	Masculino	1,5	19,0	65,0	14,5	100
	Feminino	0,7	13,4	76,4	9,5	100
Nível de escolaridade dominante na família	Igual ou inferior ao 1.º CEB	2,5	34,4	46,4	16,8	100
	Entre o 2.º e o 3.º CEB	1,2	21,8	63,1	14,0	100
	Ensino secundário	0,7	9,8	80,3	9,2	100
	Ensino superior	0,7	7,1	82,9	9,2	100
Origem socioprofissional dos alunos	Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	0,8	9,5	80,8	8,9	100
	Profissionais Técnicos e de Enquadramento	0,3	4,4	90,4	4,9	100
	Trabalhadores Independentes	0,7	21,2	66,9	11,2	100
	Empregados Executantes	1,0	21,1	65,4	12,4	100
	Operários	1,8	27,5	56,0	14,6	100
Média global das classificações	10-14	1,0	16,0	71,5	11,4	100
	15-17	0,3	6,3	88,2	5,1	100
	18-20	0,2	1,1	97,1	1,6	100
Nº de anos de desvio etário no trajeto do secundário	Nenhum ano	0,9	15,2	73,3	10,6	100
	1 ano	1,1	16,3	68,3	14,4	100
	2 anos	1,5	20,7	60,6	17,1	100
	>=3 anos	3,4	25,9	49,3	21,3	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

que as raparigas para concluírem o ensino secundário e deixarem de estudar (19,0% face a 13,4%), por outro, demonstram maior indecisão quanto aos seus projetos escolares futuros (14,5% face a 9,5%).

Também as condições socioeconómicas das famílias tendem a influenciar as expetativas escolares dos alunos. Segundo alguns estudos (Silva, 1999; Alves, 1998), quanto mais elevado é o nível de escolaridade e a origem socioprofissional das famílias dos estudantes, mais elevadas as expetativas de prosseguimento de estudos.

Os estudantes oriundos de famílias cujos recursos educacionais são mais elevados (ensino secundário – 80,3% e ensino superior – 82,9%) e que pertencem ao grupo dos “profissionais

Os dados recolhidos comprovam esta tendência, uma vez que são as raparigas que mais pretendem fazer o ensino secundário e continuar a estudar (76,4% face a 65,0%) revelando expetativas de percurso escolar tendencialmente mais elevadas que os rapazes (Quadro 4.7). Os rapazes, se por um lado, revelam maior propensão

técnicos e de enquadramento” (90,4%) e de “empresários, dirigentes e profissionais liberais” (80,8%) demonstram querer concluir o ensino secundário e continuar a estudar. Apesar dos que são oriundos de famílias com recursos educacionais e socioeconómicos mais reduzidos também pretenderem maioritariamente continuar a estudar, estes ponderam muito mais concluir o ensino secundário e deixar de estudar. Simultaneamente, verifica-se que quanto menores os recursos, mais os estudantes demonstram estar indecisos quanto ao seu futuro escolar. Como se pode constatar existe uma correlação entre os percursos escolares pretendidos e as condições socioeconómicas dos estudantes.

A par das condições socioeconómicas, também o desempenho escolar tem um papel chave na definição dos projetos escolares futuros. O aproveitamento escolar tende a estar relacionado com as expetativas escolares e segundo Grácio (1997) quanto mais elevado o desempenho escolar mais os estudantes pretendem prosseguir estudos superiores. Desta forma, procura-se compreender quais as expetativas escolares tendo em consideração a média global das classificações e o número de anos de desvio etário no trajeto pelo secundário.

Os estudantes com uma média de classificações elevada (entre 15 e 17 valores – 88,2% e entre 18 e 20 valores – 97,1%) e com poucos ou nenhuns anos de desvio anual (nenhum ano – 73,3% e um 1 ano de desvio etário – 68,3%), desejam com maior frequência continuar a estudar após concluírem o ensino secundário. Apesar dos estudantes com desempenhos escolares mais reduzidos (entre 10 e 14 valores – 71,5%) e com mais anos de desvio etário (2 anos – 60,6% e ≥ 3 anos – 49,3%) na sua maioria também pretenderem continuar a estudar, são os que mais consideram deixar de estudar após a conclusão do ensino secundário e os que têm o seu percurso escolar a longo prazo menos definido. Estes resultados demonstram que quanto maior o desempenho escolar dos estudantes, maiores os seus projetos escolares futuros, tal como referem alguns estudos (Grácio, 1997; Silva, 1999).

4.1.3. Que opções tomar no pós-secundário?

De acordo com o gráfico 4.1, 71,2% dos estudantes pretende concluir o ensino secundário e prosseguir estudos pós-secundários, considerando-se fundamental saber qual a formação pós-secundária que estes querem tirar no seu futuro escolar. Maioritariamente pretendem prosseguir estudos para o ensino superior (88,1%), verificando-se que a escolha recai essencialmente sobre prosseguir para a universidade (79,8%), enquanto a opção por uma formação especializada não superior é a escolha menos frequente (3,1%) (Quadro 4.8).

Quadro 4.8 – Formação esperada no pós-secundário, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada

	Total	CCH	CPQ				Total
			CT	EAE	CEF	CP	
Universidade	79,8	84,7	74,5	77,1	66,0	57,6	60,5
Politécnico	8,3	6,9	9,6	12,2	20,2	14,1	13,6
CET	2,5	0,7	3,4	2,4	3,2	11,1	9,7
CEF - Tipo 7	0,6	0,2	0,9	0,3	2,1	2,2	1,9
Não sabe	7,0	6,0	9,0	6,3	6,4	12,0	11,3
Outros	1,8	1,5	2,6	1,7	2,1	3,0	2,9
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGE/EC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 33204

Apesar dos estudantes de ambos os tipos de certificação considerarem frequentar um curso superior universitário, são os dos cursos profissionalmente qualificantes que menos tomam essa opção (84,7% face a 60,5%), considerando a opção de um curso superior num politécnico (13,6% face a 6,9%) ou uma formação especializada não superior (11,5% face a 0,9%).

Por modalidade de ensino verificamos que são os dos cursos profissionais que revelam menores expetativas escolares, pois apesar de 71,7% pretender tirar um curso superior (dos quais 14,1% pretende prosseguir para um curso superior num politécnico), estes são aqueles que mais admitem querer tirar uma formação especializada não superior (13,3%), sendo também os que se revelam mais indecisos quanto ao seu percurso escolar (12,0%). Estas expetativas vão ao encontro daquilo que são as especificidades desta modalidade de ensino, mais direcionada para um percurso mais prático e menos académico que permita a integração no mercado de trabalho.

Cerca de três quartos dos estudantes que frequentam os cursos tecnológicos e o ensino artístico especializado pretendem prosseguir para um curso superior universitário (74,5% e 77,1%), verificando-se no entanto, que os do ensino artístico especializado são os que menos pretendem tirar uma formação especializada (2,7%) e os que se revelam menos indecisos sobre o seu percurso escolar (6,3%). Os dos cursos de educação e formação são os que mais ponderam seguir estudos para um curso superior num politécnico (20,2%).

No que se refere ao ensino artístico especializado, quando se comparam estes dados com os do questionário anterior (2009/2010), verificam-se diferenças uma vez que atualmente consideram mais prosseguir para o ensino superior universitário (77,1% face a 70,0%) e menos para o ensino superior politécnico (12,2% face a 18,3%) (Rodrigues et al, 2010:126). No que diz respeito aos cursos de educação e formação, e quando se compara com os dois últimos questionários implementados pelo OTES (2008/2009 e 2009/2010) é visível que ao longo do tempo estes estudantes apresentam expetativas cada vez mais elevadas de prosseguirem os estudos para uma universidade (2008/2009 – 57,0%, 2009/2010 – 64,4% e 2011/2012 – 66,0%).

De seguida analisa-se de que forma se relaciona a formação esperada no pós-secundário com as condições sociais e o desempenho escolar dos estudantes. Começando a análise por género, verifica-se que as raparigas que apresentam maiores expetativas escolares de prosseguimento de estudos superiores (90,6% face a 84,4%), enquanto os rapazes tendem a optar mais por uma formação especializada não superior (Quadro 4.9).

Ao nível dos recursos escolares das famílias dos estudantes e da sua origem socioprofissional pode observar-se que quanto mais elevados os recursos escolares (ensino secundário e superior) e socioprofissionais das famílias (“empresários, dirigentes e profissionais liberais” e “profissionais técnicos e de enquadramento”), mais estes consideram frequentar um curso do ensino superior universitário. Apesar dos alunos oriundos de famílias com menos recursos

escolares e socioprofissionais, também apresentarem expetativas de prosseguimento de estudos superiores universitários, estes consideram mais tirar um curso superior politécnico ou uma formação especializada não superior.

Quadro 4.9 – Formação esperada no pós-secundário, segundo condições sociais e desempenho escolar

		(%)						
		Universidade	Politécnico	CEF - Tipo 7	CET	Não sabe	Outros	Total
Sexo	Masculino	76,6	7,8	3,9	0,8	8,3	2,6	100
	Feminino	82,0	8,6	1,6	0,5	6,2	1,2	100
Nível de escolaridade dominante na família	Igual ou inferior ao 1º CEB	71,3	11,4	4,1	1,2	10,2	1,8	100
	Entre o 2º e o 3º CEB	75,2	10,5	3,3	0,8	8,3	1,9	100
	Ensino secundário	80,4	8,1	2,5	0,5	6,7	1,9	100
	Ensino superior	85,5	5,6	1,6	0,3	5,4	1,5	100
Origem socioprofissional dos alunos	Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	84,1	6,5	2,0	0,5	5,5	1,5	100
	Profissionais Técnicos e de Enquadramento	87,2	6,0	1,4	0,2	3,8	1,3	100
	Trabalhadores Independentes	76,2	10,7	2,6	0,9	7,7	1,9	100
	Empregados Executantes	77,0	10,3	2,9	0,5	7	2,2	100
	Operários	74,8	11,3	3,4	0,7	8,1	1,7	100
Média global das classificações	10-14	75,6	10,0	3,0	0,8	8,3	2,2	100
	15-17	87,1	7,3	1,3	0,2	3	1,1	100
	18-20	96,9	1,8	0,2	-	0,8	0,3	100
Nº de anos de desvio etário no trajeto do secundário	Nenhum ano	81,2	7,8	2,3	0,5	6,6	1,6	100
	1 ano	74,5	10,0	3,3	1,0	8,9	2,3	100
	2 anos	73,6	11,7	4,0	0,9	8,5	1,4	100
	≥3 anos	67,9	11,0	5,4	1,6	10,6	3,5	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

O mesmo sucede relativamente ao desempenho escolar, ou seja, para os que apresentam um desempenho escolar elevado (entre 18 e 20 valores – 96,9% e entre 15 e 17 valores – 87,1%) e que não apresentam anos de desvio etário no trajeto pelo secundário (nenhum ano – 81,2%), as expetativas são de prosseguimento de estudos para o ensino superior universitário. Para os que apresentam médias mais baixas (entre os 10 e os 14 valores) e têm dois ou mais anos de desvio anual, e apesar de demonstrarem maioritariamente que desejam prosseguir estudos para uma universidade, tendem mais que os restantes a considerar prosseguir estudos superiores para um politécnico ou fazerem uma formação não especializada. Estes são também os que estão mais indecisos sobre qual o seu percurso escolar após a conclusão do ensino secundário.

4.1.4. A área de estudo escolhida no ensino superior

Como se tem vindo a observar as expetativas relativas ao percurso escolar dos estudantes são diferenciadas e têm em linha de conta que a maioria pretende prosseguir estudos superiores universitários ou politécnicos. Face a isto, considera-se fundamental analisar quais as áreas de estudo mais procuradas e de que forma as escolhas estão relacionadas com o tipo de certificação/modalidade de ensino frequentada, ou género ou até mesmo, com o desempenho escolar obtido no ensino secundário. Os estudantes que desejam prosseguir estudos superiores para o ensino universitário (79,8%) ou politécnico (8,3%), tendem a optar mais pelas seguintes

áreas: “direito, ciências sociais e serviços” (20,2%), “tecnologias” (19,9%) e “saúde” (19,6%) (Quadro 4.10).

Quadro 4.10 – Área de estudo/formação no ensino superior universitário ou politécnico, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada

							(%)
Área de...	Total	CCH	CPQ				
			CT	EAE	CEF	CP	Total
Direito, Ciências Sociais e Serviços	20,2	19,8	9,1	3,7	20,9	25,4	22,0
Tecnologias	19,9	20,1	12,8	2,3	11,9	21,1	18,9
Saúde	19,6	22,8	11,1	0,9	20,9	4,2	5,3
Economia, Gestão e Contabilidade	12,0	11,4	6,8	0,9	11,9	17,0	14,7
Arquitetura, Artes Plásticas e Design	7,7	6,9	1,4	81,3	6,0	8,9	11,5
Educação Física, Desporto e Artes do Espetáculo	7,6	5,6	56,8	7,3	13,4	10,2	16,5
Ciências	5,1	6,1	1,0	-	3,0	0,8	0,9
Ciências da Educação e Formação de Professores	2,8	2,0	0,2	0,5	6,0	8,2	6,7
Humanidades, Secretariado e Tradução	2,7	2,8	-	2,7	-	2,1	1,8
Agricultura e Recursos Naturais	2,4	2,5	0,9	0,5	6,0	2,0	1,8
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 23632

contabilidade”, de “arquitetura, artes plásticas e design” e de “educação física, desporto e artes do espetáculo”.

Por modalidade de ensino existem também diferenças acentuadas: nos do ensino artístico especializado a escolha recai sobre a área de estudo da “arquitetura, artes plásticas e design” (81,3%) e os cursos tecnológicos a opção é maioritariamente na “educação física, desporto e artes do espetáculo” (56,8%). A escolha dos estudantes que frequentam estas modalidades de ensino demonstram uma vez mais a especificidade de cada uma das modalidades de ensino, na medida em que estas são direcionadas para áreas formativas próprias.

Os alunos que frequentam cursos profissionais optam mais pela área do “direito, ciências sociais e serviços” (25,4%), das “tecnologias” (21,1%) e da “economia, gestão e contabilidade” (17,0%) e os dos cursos de educação e formação dividem-se entre a área do “direito, ciências sociais e serviços” e a da “saúde” (20,9% cada).

Tendo em consideração o que vários estudos têm vindo a demonstrar, o género e o desempenho escolar podem influenciar as opções de escolha da área de estudo a seguir no ensino superior (Baudelot e

A área de estudo a seguir revela diferenças quando se analisa por tipo de certificação. Os alunos dos cursos científico-humanísticos tendem a escolher mais as áreas de estudo da “saúde”, das “tecnologias” e das “ciências”, os dos cursos profissionalmente qualificantes preferem as áreas de “direito, ciências sociais e serviços”, de “economia, gestão e

Quadro 4.11 – Área de estudo/formação pretendida no ensino superior, segundo o sexo

Área de...	Masculino Feminino	
	Total	
Tecnologias	40,0	6,6
Economia, Gestão e Contabilidade	12,8	11,5
Educação Física, Desporto e Artes do Espetáculo	11,5	5,0
Direito, Ciências Sociais e Serviços	10,9	26,4
Saúde	9,2	26,5
Arquitetura, Artes Plásticas e Design	6,6	8,4
Ciências	4,8	5,3
Agricultura e Recursos Naturais	2,0	2,6
Humanidades, Secretariado e Tradução	1,8	3,2
Ciências da Educação e Formação de Professores	0,4	4,5
Total	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Estabelet, 1998; Wall, 2005; Fernandes 2009). Se para as raparigas a opção recai na área da “saúde” (26,5%) e do “direito, ciências sociais e serviços” (26,4%), para os rapazes as escolhas centram-se nas áreas das “tecnologias” (40,0%), “economia, gestão e contabilidade” (12,8%) e “educação física, desporto e artes do espetáculo” (11,5%) (Quadro 4.11). Estes dados demonstram que as raparigas optam mais por áreas das ciências sociais, serviços e proteção social, enquanto os rapazes tendem a escolher as áreas das tecnologias, gestão e desportos, o que vai de encontro ao estudo desenvolvido por Azevedo (1991).

O desempenho escolar, quer ao nível da média global das classificações, como no que se refere ao número de anos de desvio etário no trajeto pelo secundário, também parece influenciar as áreas e estudo escolhidas pelos estudantes. Quanto mais elevada a média de classificações e menor o número de anos de desvio anual, mais estes consideram vir a optar pela área da “saúde” (Quadro 4.12). Como o acesso a esta área de estudo requer médias de classificações elevadas, os alunos que tendem a optar por esta área acabam por ter um desempenho escolar de excelência. No caso dos que apresentam uma média de classificações mais reduzida e maior número de anos de desvio anual a opção recai sobre as áreas de “direito, ciências sociais e

Quadro 4.12– Área de estudo/formação pretendida no ensino superior, segundo a média global das classificações e o número de anos de desvio etário no trajeto do secundário

	Média global das classificações			Nº de anos de desvio etário no trajeto do secundário			
	10-14	15-17	18-20	Nenhum ano	1 ano	2 anos	>=3 anos
Direito, Ciências Sociais e Serviços	22,5	18,9	8,8	19,1	24,7	27,8	25,8
Tecnologias	19,5	21,4	18,1	20,7	15,4	15,7	18,3
Saúde	14,8	20,9	48,8	21,0	13,4	12,6	8,1
Economia, Gestão e Contabilidade	11,9	12,8	9,3	11,9	12,2	10,5	17,3
Educação Física, Desporto e Artes do Espetáculo	10,6	5,0	1,6	6,7	12,2	10,8	11,9
Arquitetura, Artes Plásticas e Design	7,2	7,8	5,1	7,5	9,3	8,3	7,4
Ciências	4,5	6,3	4,9	5,5	3,5	2,2	1,5
Ciências da Educação e Formação de Professores	3,6	1,9	0,6	2,6	3,8	4,7	4,5
Humanidades, Secretariado e Tradução	3,0	2,5	1,4	2,6	3	3,9	3,0
Agricultura e Recursos Naturais	2,4	2,5	1,5	2,3	2,4	3,6	2,2
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

serviços”, “tecnologias” e “economia, gestão e contabilidade”. Como se pode constatar a escolha da área de estudo é influenciada pelo desempenho escolar dos estudantes, o que também se relaciona com as médias de acesso a cada uma destas áreas de estudo/formação, indo

estes dados de encontro ao que foi observado no estudo desenvolvido por Silva (1999) onde as escolhas das áreas de estudo encontram-se influenciadas pelo desempenho escolar dos alunos.

4.1.5. O investimento num curso de especialização não superior

Tendo em consideração o quadro 4.8 apenas 3,1% dos estudantes demonstram interesse em tirar um curso de especialização não superior após concluírem o ensino secundário. As áreas de estudo mais escolhidas são os “serviços” (20,5%), as “ciências sociais, comércio e direito” (12,8%) e a “engenharia, indústrias transformadoras e construção” (12,0%) (Quadro 4.13).

As principais diferenças por tipo de certificação recaem nos alunos que frequentam os cursos profissionalmente qualificantes ao escolherem mais a área de “engenharia, indústrias transformadoras e construção” e de “ciências”.

Quadro 4.13 – Área de estudo e formação pretendida no CEF – tipo 7 ou CET, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada

(%)

Área de...	Total	CCH	CPQ				
			CT	EAE	CEF	CP	Total
Serviços	20,5	14,9	50,0	11,1	-	23,3	24,7
Ciências Sociais, Comércio e Direito	12,8	11,3	10,0	-	-	14,6	13,9
Engenharia, indústrias transformadoras e construção	12,0	4,8	-	11,1	33,3	18,8	17,5
Ciências	10,5	6,6	3,3	-	-	14,6	13,5
Artes e Humanidades	5,0	4,8	6,7	22,2	-	4,7	5,2
Saúde e Proteção Social	5,5	5,7	6,7	-	-	5,4	5,4
Educação	3,6	3,3	-	-	-	4,2	3,8
Agricultura	2,4	1,5	3,3	-	66,7	2,7	3,1
Desconhecido	27,7	47,2	20,0	55,6	-	11,6	13,0
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 781

Por modalidade de ensino, constata-se que os alunos dos cursos tecnológicos tendem a escolher a área dos “serviços” (50,0%), enquanto os dos cursos de educação e formação dividem-se entre a área de “engenharia, indústrias transformadoras e construção” (33,3%) e “agricultura” (66,7%).

Para os estudantes dos cursos profissionais existe alguma dispersão por diversas áreas de estudo e formação destacando-se os “serviços” (23,3%), “engenharia, indústrias transformadoras e construção” (18,8%), “ciências” (14,6%) e “ciências sociais, comércio e direito” (14,6%).

Os do ensino artístico especializado optam pela área das “artes e humanidades” (22,2%), o que vai de encontro à especificidade desta modalidade de ensino, considerando também a área dos “serviços” (11,1%) e “engenharia, indústrias transformadoras e construção” (11,1%).

A opção da área de estudo e formação pretendida também se encontra influenciada pelo género dos estudantes, constatando-se que os rapazes tendem a optar mais pela área da “engenharia, indústrias transformadoras e construção” (19,7%) e “ciências” (16,9%), enquanto as raparigas pretendem mais seguir a área dos “serviços” (22,3%), das “ciências sociais, comércio e direito” (17,8%) e “saúde e proteção social” (9,3%) (Quadro 4.14)

Quadro 4.14 – Área de estudo e formação pretendida no CEF – tipo 7 ou CET, segundo o sexo

(%)

Área de...	Masculino	Feminino
Engenharia, indústrias transformadoras e construção	19,7	2,8
Serviços	19,0	22,3
Ciências	16,9	2,8
Ciências Sociais, Comércio e Direito	8,7	17,8
Artes e Humanidades	5,9	4,0
Saúde e Proteção Social	2,3	9,3
Agricultura	2,1	2,8
Educação	0,5	7,3
Desconhecido	25,1	30,8

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

4.1.6. Escolha da área de estudo: entre a empregabilidade e a satisfação pessoal

Após a definição das expetativas de percurso escolar dos estudantes, ao nível do desejo de prosseguimento de estudos e das áreas de estudo, considerou-se pertinente compreender quais as principais razões para quererem tirar esse curso ou área de formação. Os motivos mais apontados são o facto de ser um curso que permite desempenhar a profissão desejada (48,5%), ser o que gostam de estudar (39,3%), dar boas oportunidades de emprego (30,1%) e ter qualidade (24,2%) (Quadro 4.15).

Enquanto os estudantes dos cursos científico-humanísticos consideram que o curso escolhido permite desempenhar a profissão desejada (50,2% face a 41,7%), é o que gostam de estudar (40,5% face a 34,4%) e dá boas oportunidades de emprego (30,6% face a 28,0%), os dos cursos profissionalmente qualificantes valorizam também o facto de o curso ter qualidade (27,8 face a

Quadro 4.15 – Principais razões para querer tirar o curso/área de formação, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada

	Total	CCH	CPQ				Total
			CT	EAE	CEF	CP	
Permite desempenhar a profissão desejada	48,5	50,2	46,0	49,4	54,2	40,3	41,7
É o que gostam de estudar	39,3	40,5	35,6	57,9	38,9	32,8	34,4
É um curso que dá boas oportunidades de emprego	30,1	30,6	23,6	14,6	20,8	29,6	28,0
É um curso com qualidade	24,2	23,3	29,6	25,8	13,9	27,8	27,8
É um curso com muito prestígio	14,1	12,7	17,8	7,7	13,9	20,9	19,7
É um curso muito prático	9,2	9,0	14,0	10,3	15,3	9,2	9,9
Existem pessoas próximas que são dessa área	6,2	6,4	4,4	4,3	2,8	5,5	5,3
Não há outro curso que gostem	4,9	5,2	5,2	4,3	6,9	3,5	3,8
Foi o que resultou da orientação profissional	2,6	2,5	2,5	2,6	2,8	3,1	3,0
É um curso onde não terão dificuldade em entrar	2,3	2,4	1,3	0,9	4,2	2,1	2,0
Outra razão	2,4	2,1	2,0	2,5	4,2	3,7	3,4

Nota: Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.
 Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
 N = 24996

23,3%) e muito prestígio (19,7% face a 12,7%).

Com exceção dos alunos que frequentam o ensino artístico especializado que escolheram o curso pelo facto de ser o que gostam de estudar, para as restantes modalidades de ensino a opção baseou-se nas possibilidades que o curso dá para desempenhar a profissão desejada. Os dos cursos tecnológicos e dos cursos profissionais tendem a referir mais que a escolha se relacionou com as boas oportunidades de emprego que

o curso proporciona (23,6% e 29,6%), por ter qualidade (29,6% e 27,8%) e por ter prestígio (17,8% e 20,9%). Para os dos cursos de educação e formação a opção é justificada ainda por ser um curso muito prático (15,3%).

4.2. Impacto da orientação vocacional nas expetativas dos alunos

Quando os estudantes caminham para as etapas finais do percurso escolar, entrada no ensino secundário e transição para fora deste nível de ensino, as escolhas de qual o curso e/ou área de estudo não se torna uma tarefa fácil, sendo essencial o acompanhamento da família e da escola na definição do seu projeto escolar e profissional futuro. Numa fase em que surgem imensas dúvidas e indefinições por parte dos alunos sobre o percurso escolar a seguir durante e no pós-secundário, a escola poderá ter um papel determinante no acompanhamento e na definição dos seus percursos escolares futuros. Desta forma, a escola assume aqui um papel chave na orientação escolar dos estudantes aquando da passagem para um percurso escolar pós-secundário, considerando-se fundamental questioná-los se consideram ter existido apoio por parte da escola e qual a utilidade desse apoio na definição do seu percurso escolar.

Os apoios que estes mais consideram ter tido foram ao nível dos esclarecimentos dos professores quanto a possíveis vertentes a seguir após o secundário (68,5%), das informações disponibilizadas pela escola sobre os cursos do ensino superior (68,4%) e sobre as profissões possíveis de desenvolver na área de estudo que frequentam (64,4%) (Quadro 4.16). Porém, é de destacar que o

acesso aos serviços de psicologia e orientação vocacional (19,2%) e a informação de como procurar emprego (31,0%), são os apoios que os inquiridos menos consideram ter na escola.

Na globalidade dos itens são os

Quadro 4.16 – Apoio da escola no esclarecimento sobre formação pós-secundária existente, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada

	Total	CCH	CPQ				Total
			CT	EAE	CEF	CP	
Tive apoio/esclarecimento de professores quanto às possíveis vertentes a seguir após o secundário	68,5	64,9	76,8	68,9	71,5	75,1	75,1
Na escola obtive informação sobre cursos no ensino superior	68,4	68,8	74,8	63,7	69,3	67,0	67,5
Na escola obtive informação sobre as profissões possíveis de desenvolver na minha área	64,4	58,8	71,9	68,6	71,5	74,9	74,5
Na escola obtive informação sobre curso pós secundários profissionalmente qualificantes	47,2	41,0	53,7	36,2	52,9	59,0	58,1
Na escola tive informação sobre como procurar emprego	31,0	17,2	34,5	26,0	46,7	58,2	55,7
Recorri aos serviços de Psicologia e Orientação da Escola	19,2	19,5	16,1	18,5	37,2	18,6	18,6

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

estudantes dos cursos profissionalmente qualificantes que mais referem ter tido apoio, destacando-se o esclarecimento dos professores quanto às vertentes que podem seguir após o secundário (75,1% face a 64,9%), as informações disponibilizadas sobre as profissões possíveis de desenvolver na área de estudo que frequentam (74,5% face a 58,8%), informações sobre os cursos pós-secundários profissionalmente qualificantes (58,1% face a 41,0%) e informações de como procurar emprego (55,7% face a 17,2%).

Face aos apoios que os estudantes dos cursos profissionalmente qualificantes demonstram ter tido, considera-se importante compreender que diferenças podem existir para as diferentes

modalidades de ensino. Neste sentido, os dos cursos de educação e formação e dos cursos profissionais são os que mais consideram ter tido informações de como procurar emprego (46,7% e 58,2%) e das informações obtidas sobre os cursos pós-secundários profissionalmente qualificantes (52,9% e 59,0%). Porém, estes apoios são os que são menos considerados pelos inquiridos do ensino artístico especializado. Por outro lado, são os dos cursos de educação e formação que mais demonstram ter recorrido aos serviços de psicologia e de orientação da escola (37,2%).

Após esta análise, considera-se importante esclarecer se o apoio disponibilizado pela escola foi ou não útil, na definição do percurso escolar futuro. Na globalidade dos itens o apoio da escola foi útil, destacando-se a utilidade dos esclarecimentos de professores quanto às possíveis vertentes a seguir após o secundário (81,5%), as informações sobre as profissões possíveis de desenvolver na área onde estudam (78,6%) e informações de como procurar emprego (75,0%) (Quadro 4.17). As informações sobre os cursos pós-secundários profissionalmente qualificantes (61,8%) e o acesso aos serviços de psicologia e orientação da escola (69,4%) são os apoios menos úteis na opinião dos estudantes.

Quadro 4.17 – Utilidade do apoio da escola no esclarecimento aos alunos sobre a formação pós-secundária disponibilizada, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada

(%)

	Total	CCH	CPQ				Total
			CT	EAE	CEF	CP	
Tive apoio/esclarecimento de professores quanto às possíveis vertentes a seguir após o secundário	81,5	82,7	80,7	84,8	83,7	79,3	79,6
Na escola obtive informação sobre as profissões possíveis de desenvolver na minha área	78,6	78,9	76,8	79,0	77,6	78,4	78,3
Na escola tive informação sobre como procurar emprego	75,0	70,1	68,5	78,2	81,3	78,1	77,7
Na escola obtive informação sobre cursos no ensino superior	72,8	75,0	75,4	81,8	75,8	67,8	68,8
Recorri aos serviços de Psicologia e Orientação da Escola	69,4	67,1	69,9	64,5	84,3	73,9	73,7
Na escola obtive informação sobre curso pós secundários profissionalmente qualificantes	61,8	59,6	64,0	72,7	75,0	64,5	64,6

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Por tipo de certificação verificam-se algumas diferenças, pois se para os dos cursos científico-humanísticos os apoios com maior utilidade foram o esclarecimento de professores quanto às possíveis vertentes a seguir após o secundário (82,7% face a 79,6%) e as informações sobre os

cursos no ensino superior (75,0% face a 68,8%), para os dos cursos profissionalmente qualificantes existiu uma maior utilidade na informação disponibilizada sobre como procurar emprego (77,7% face a 70,1%), no acesso aos serviços de psicologia e orientação da escola (73,7% face a 67,1%) e nas informações sobre os cursos pós-secundários profissionalmente qualificantes (64,6% face a 59,6%).

A utilidade dos apoios que cada um dos tipos de certificação valoriza vai de encontro aos objetivos específicos de cada tipo de certificação, ou seja, os dos cursos científico-humanísticos consideram úteis os apoios ao nível do prosseguimento de estudos, enquanto os dos cursos profissionalmente qualificantes demonstram que o mais útil foram as informações de

encaminhamento e integração no mercado de trabalho e de especialização escolar pós-secundária não superior.

Uma análise das modalidades de ensino profissionalmente qualificantes revela que os do ensino artístico especializado são os que mais consideraram útil a informação sobre os cursos no ensino superior (81,8%), enquanto os dos cursos de educação e formação demonstram ter sido útil a informação sobre como procurar emprego (81,3%), o acesso aos serviços de psicologia e orientação da escola (84,3%) e as informações sobre os cursos pós-secundários profissionalmente qualificantes (75,0%).

Por outro lado, para a maioria dos itens os alunos dos cursos tecnológicos são os que declaram menor utilidade nos apoios fornecidos pela escola, destacando-se as informações sobre os cursos pós-secundários profissionalmente qualificantes (64,0%) e informações sobre como procurar emprego (68,5%). Para os dos cursos profissionais o esclarecimento de professores quanto às possíveis vertentes a seguir após o secundário foi o apoio mais útil, revelando que as informações dos cursos a seguir no ensino superior foi o apoio menos útil (67,8%).

4.3. Expetativas de realizar formação na europa

No seguimento da análise das expetativas escolares futuras, importa compreender que os estudantes podem optar por tirar formação em diferentes contextos e que conferem diversificadas habilitações, consoante os seus projetos escolares. Neste sentido, após uma abordagem das formações que estes consideram tirar após concluírem o ensino secundário considerou-se pertinente perceber se existem expetativas de formação externa, num país europeu, nos próximos três anos.

Para cerca de metade dos alunos, existe a hipótese de realizarem uma formação num país europeu (49,9%), sendo os dos cursos científico-humanísticos são os que mais consideram essa opção (59,9% face a 31,0%) (Quadro 4.18).

Quadro 4.18 – Realização de formação num país europeu nos próximos 3 anos, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada

	Total	CCH	CPQ				Total
			CT	EAE	CEF	CP	
Não realizar formação	50,1	40,1	61,7	23,8	50,0	70,9	69,0
Realizar formação	49,9	59,9	38,3	76,2	50,0	29,1	31,0
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Quando se comparam estes dados com os do questionário realizado em 2009/2010, verifica-se que aumentou o número de alunos que pretendem fazer formação num país europeu nos próximos três anos (49,9% face a 45,3%), verificando-se inclusivamente um aumento quer nos cursos científico-humanísticos (59,9% face a 53,6%), quer nos cursos profissionalmente qualificantes (31,0% face a 26,7%) (Rodrigues et al, 2010:145/146).

Por modalidade de ensino, são os do ensino artístico especializado (76,2%) e dos cursos de educação e formação (50,0%) que mais pretendem fazer uma formação na Europeu. Numa

situação inversa encontram-se os dos cursos profissionais e dos cursos tecnológicos onde apenas 29,1% e 38,3% consideram vir a fazê-lo.

Quando se questiona que tipo de formação pretendem realizar, cerca de metade refere querer fazer um período de estudos (51,2%), seguindo-se a opção de um estágio (25,6%) ou de um

Quadro 4.19 – Formação pretendida num país europeu, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada

(%)

	Total	CCH	CPQ				
			CT	EAE	CEF	CP	Total
Período de estudos	51,2	59,3	43,1	52,8	43,2	16,8	21,6
Estágio	25,6	23,1	26,9	16,1	29,5	36,7	34,5
Curso	18,0	13,6	24,0	25,1	20,5	36,0	34,1
Formação profissional	4,8	3,8	5,7	5,0	6,8	8,8	8,2
Outra	0,4	0,1	0,3	1,0	-	1,8	1,6
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N = 16410

curso (18,0%) (Quadro 4.19). Se para os estudantes dos cursos científico-humanísticos a opção incide essencialmente na realização de um período de estudos (59,3%), os dos cursos profissionalmente qualificantes dividem-se

entre realizar um estágio (34,5%) ou realizar um curso (34,1%).

Tendo em consideração a modalidade de ensino verificam-se diferenças nas escolhas realizadas. Enquanto os estudantes do ensino artístico especializado pretendem realizar um período de estudos (52,8%) ou um curso (25,1%), os dos cursos profissionais pretendem

Quadro 4.20 – Realização de formação num país europeu nos próximos 3 anos, segundo variáveis socio-económicas, de desempenho escolar e de expetativas escolares

(%)

		Não realizar formação	Realizar formação	Total
Sexo	Masculino	53,4	46,6	100
	Feminino	47,5	52,5	100
Nível de escolaridade dominante na família	Igual ou inferior ao 1.º CEB	70,1	29,9	100
	Entre o 2.º e o 3.º CEB	62,8	37,2	100
	Ensino secundário	46,0	54,0	100
	Ensino superior	31,4	68,6	100
Origem socioprofissional dos alunos	Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	41,1	58,9	100
	Profissionais Técnicos e de Enquadramento	31,5	68,5	100
	Trabalhadores Independentes	58,6	41,4	100
	Empregados Executantes	61,3	38,7	100
	Operários	67,6	32,4	100
Média global das classificações	10-14	55,1	44,9	100
	15-17	37,0	63,0	100
	18-20	22,3	77,7	100
Nº de anos de desvio etário no trajeto do secundário	Nenhum ano	49,1	50,9	100
	1 ano	53,6	46,4	100
	2 anos	55,3	44,7	100
	>=3 anos	55,7	44,3	100
Expetativas Escolares	Penso sair antes de acabar o 12.º ano	72,9	27,1	100
	Penso fazer o 12.º ano e deixar de estudar	84,5	15,5	100
	Penso fazer o 12.º ano e continuar a estudar	39,6	60,4	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

realizar um estágio (36,7%) ou um curso (36,0%). Os dos cursos tecnológicos e dos cursos de educação e formação tendem a optar por um período de estudos (43,1% e 43,2%).

De seguida considera-se importante analisar de que modo as características socio-económicas, o desempenho e as expetativas escolares influenciam a opção dos estudantes virem a fazer formação na Europa. Uma abordagem por género permite constatar que são as raparigas que mais consideram poder vir a

realizar formação na Europa (52,5% face a 46,6%), indo ao encontro do que tem vindo a ser analisado, ou seja, as raparigas tendem a ter expetativas de percurso escolar mais ambiciosas (Quadro 4.20).

Por nível de escolaridade dominante na família e origem socioprofissional constata-se que mais de metade dos estudantes cujas famílias são detentoras de recursos escolares elevados (ensino secundário – 54,0% e ensino superior – 68,6%) e com uma origem socioprofissional elevada (“empresários, dirigentes e profissionais liberais” – 58,9% e “profissionais técnicos e de enquadramento” – 68,5%) demonstram querer tirar uma formação na Europa nos próximos três anos. Para os que têm famílias com menores recursos escolares e com uma origem socioprofissional mais reduzida, apenas cerca de um terço tem como expetativa futura realizar qualquer tipo de formação na Europa.

O desempenho escolar também tende a influenciar as expetativas dos estudantes, uma vez que quanto mais elevada é a média global das classificações (entre 10 e 14 valores – 44,9% e entre 18 e 20 valores – 77,7%) e menos anos de desvio anual apresentam (nenhum ano – 50,9% e ≥ 3 anos – 44,3%) mais estes consideram ir para a Europa fazer uma formação profissional nos próximos três anos.

Analisando as expetativas escolares após a conclusão do ensino secundário, cerca de três quintos considera que após terminar este nível de ensino, poderá vir a fazer uma formação na Europa (60,4%). Por outro lado, importa realçar que cerca de um quarto dos que apresentam expetativas muito reduzidas (pensam sair antes de acabarem o ensino 12.º ano) consideram vir a fazer uma formação na Europa, ao contrário daquilo que poderia ser expectável.

Simultaneamente pretende-se compreender de que forma as características socioeconómicas, o desempenho e as expetativas escolares podem influenciar a escolha da formação que os alunos consideram vir a tirar num país europeu.

Apesar de ambos considerarem maioritariamente tirar um período de estudos, as raparigas tendem a considerar mais fazer um período de estudos na Europa (56,5% face a 43,7%), enquanto os rapazes optam mais por um estágio (30,0% face a 22,4%) ou um curso (20,1% face a 16,6%) (Quadro 4.21).

Quando se analisa as características socioeconómicas verifica-se que quanto mais elevadas as habilitações escolares das famílias dos estudantes (ensino secundário – 52,1% e ensino superior – 57,4%) e mais elevada a sua origem socioprofissional (“empresários, dirigentes e profissionais liberais” – 55,9% e “profissionais técnicos e de enquadramento” – 63,3%) mais estes ponderam fazer um período de estágios num país europeu. Numa situação inversa encontram-se os oriundos de famílias com recursos educacionais e económicos mais reduzidos, que tendem a optar mais por tirar um curso ou fazer um estágio na Europa. De facto, verifica-se que o nível de escolaridade da família e a sua origem socioprofissional são determinantes na definição das expetativas escolares formativas na Europa nos próximos três anos.

Uma abordagem do desempenho escolar, também permite constatar diferenças no tipo de formação que os alunos pretendem seguir no estrangeiro. Quanto mais elevada a média global de classificações (entre 18 e 20 valores – 75,2%) e menos anos de desvio etário no trajeto pelo secundário (nenhum ano – 53,9%) mais consideram fazer um período de estudos no estrangeiro nos próximos três anos. Numa situação diferente encontram-se os que apresentam uma média de classificações reduzida (entre 10 e 14 valores) e vários anos de desvio etário (≥ 3 anos), que apesar de também considerarem tirar esse tipo de formação (43,8% e 20,1%), tendem a pretender fazer mais um estágio (29,9% e 30,6%) ou tirar um curso (20,6% e 39,8%).

Quadro 4.21 – Formação pretendida num país europeu, segundo variáveis socioeconómicas, de desempenho escolar e de expetativas escolares

(%)

		Período de estudos	Estágio	Curso	Formação profissional	Outra	Total
Sexo	Masculino	43,7	30,0	20,1	5,6	0,5	100
	Feminino	56,5	22,4	16,6	4,1	0,3	100
Nível de escolaridade dominante na família	Igual ou inferior ao 1.º CEB	35,3	32,9	24,2	7,0	0,7	100
	Entre o 2.º e o 3.º CEB	44,2	29,9	19,6	5,8	0,5	100
	Ensino secundário	52,1	26,3	16,6	4,8	0,3	100
	Ensino superior	57,4	21,3	17,1	3,7	0,5	100
Origem socioprofissional dos alunos	Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	55,9	23,9	15,6	4,3	0,3	100
	Profissionais Técnicos e de Enquadramento	63,3	21,6	11,5	3,4	0,2	100
	Trabalhadores Independentes	45,3	32,9	15,1	6,4	0,2	100
	Empregados Executantes	47,2	27,6	19,4	5,4	0,4	100
	Operários	40,0	30,5	22,1	7,4	0,0	100
Média global das classificações	10-14	43,8	29,9	20,6	5,4	0,4	100
	15-17	61,7	21,8	12,2	4,0	0,3	100
	18-20	75,2	14,3	8,1	2,4	0,1	100
Nº de anos de desvio etário no trajeto do secundário	Nenhum ano	53,9	24,7	16,6	4,4	0,4	100
	1 ano	44,0	30,0	20,9	4,8	0,4	100
	2 anos	37,4	28,5	23,9	8,9	1,2	100
	≥ 3 anos	20,1	30,6	39,8	8,3	1,3	100
Expetativas Escolares	Penso sair antes de acabar o 12.º ano	4,6	43,1	35,8	13,8	2,8	100
	Penso fazer o 12.º ano e deixar de estudar	3,0	39,9	43,3	12,0	1,8	100
	Penso fazer o 12.º ano e continuar a estudar	56,5	24,5	14,9	3,9	0,3	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

Por outro lado, uma análise do tipo de formação realizada na europa segundo as expetativas escolares dos estudantes no pós-secundário, permite verificar igualmente diferenças assinaláveis: se para os que têm expetativas escolares elevadas a opção é fazer um período de estudos na europa nos próximos três anos (fazer o 12.º ano e continuar a estudar – 56,5%), para os que são detentores de expetativas mais reduzidas a escolha recai maioritariamente sobre a realização de um estágio ou de um curso.

4.4. Expetativas profissionais

Após uma análise dos projetos escolares futuros, de seguida pretende-se abordar quais as expetativas profissionais dos estudantes aos 30 anos. Cerca de metade encontram-se numa

Quadro 4.22– Expetativas profissionais aos 30 anos

	(%)
	%
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	30,9
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	9,8
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	4,8
Pessoal Administrativo e Similares / Pessoal dos Serviços e Vendedores	4,0
Outras profissões	2,0
Não sei	48,5
Total	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.

situação indefinida quanto à profissão a desempenhar aos 30 anos, demonstrando não saber ao certo qual o seu futuro profissional a médio/longo prazo (48,5%) (Quadro 4.22).

Dos que demonstram já ter definido as suas expetativas profissionais aos 30 anos, constata-se que 30,9% considera estar a executar uma profissão inserida no grupo dos “especialistas das

profissões intelectuais e científicas” e que 9,8% pretende desempenhar uma profissão inserida no grupo dos “técnicos e profissionais de nível intermédio”. Estes dados permitem constatar que os estudantes tendem a considerar profissões que são valorizadas e prestigiadas socialmente, apresentando elevadas expetativas profissionais futuras.

Por tipo de certificação existem diferenças assinaláveis, verificando-se que para os dos cursos científico-humanísticos as opções recaem em profissões inseridas nos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (68,7%), enquanto os dos cursos profissionais dividem-se entre este grupo profissional (38,1%), os “técnicos e profissionais de nível intermédio” (26,2% face a 16,1%) e o “pessoal administrativo e similares/pessoal dos serviços e vendedores” (16,1% face a 4,3%) (Quadro 4.23). Estes resultados estão relacionados com os objetivos de cada um dos tipos de certificação, visto que as expetativas profissionais dos cursos científico-humanísticos estão vocacionadas para o prosseguimento de estudos, principal objetivo desta modalidade de ensino.

Os estudantes do ensino artístico especializado são os que apresentam expetativas

profissionais mais elevadas comparativamente com as restantes modalidades de ensino, existindo cerca de três quartos que considera aos 30 anos estar a desempenhar uma profissão inserida no grupo dos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (76,1%).

Quadro 4.23 – Expetativas profissionais aos 30 anos, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada

	CCH	CPQ				Total
		CT	EAE	CEF	CP	
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	68,7	44,1	76,1	49,3	36,2	38,1
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	16,1	36,8	15,6	26,1	25,3	26,2
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	8,9	7,5	1,1	13,0	11,0	10,4
Pessoal Administrativo e Similares / Pessoal dos Serviços e Vendedores	4,3	2,4	3,3	8,6	17,4	16,1
Outras profissões	1,9	2,9	3,9	2,9	10,0	9
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012. N= 23536

Numa situação diferente encontram-se os dos cursos profissionais que se dividem entre este grupo (36,2%), os “técnicos e profissionais de nível intermédio” (25,3%) e o “pessoal administrativo e similares/pessoal dos serviços e vendedores” (17,4%). Este último grupo de profissões é de facto bem mais expressivo para os cursos profissionais, o que se pode dever à natureza dos cursos lecionados nesta modalidade de ensino.

Para os estudantes dos cursos tecnológicos e dos cursos de educação e formação as opções centram-se maioritariamente em profissões do grupo dos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (44,1% e 49,3%) e dos “técnicos e profissionais de nível intermédio” (36,8% e 26,1%).

Comparativamente com o questionário aplicado no ano letivo de 2009/2010, verifica-se maiores expetativas profissionais nas diversas modalidades de ensino, ao considerarem mais frequentemente desempenhar profissões inseridas no grupo dos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” e dos “técnicos e profissionais de nível intermédio” (Rodrigues et al, 2010:152).

Relacionando as expetativas escolares com as expetativas profissionais futuras dos alunos aos 30 anos, constata-se que quanto mais elevadas as expetativas escolares, mais estes pretendem desempenhar profissões integradas no grupo dos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (67,1%) (Quadro 4.24). Numa situação inversa encontram-se aqueles

Quadro 4.24 – Expetativas profissionais aos 30 anos, segundo expetativas escolares

	Penso (%)		
	sair antes de acabar o 12.º ano	fazer o 12.º ano e deixar de estudar	fazer o 12.º ano e continuar a estudar
Pessoal Administrativo e Similares / Pessoal dos Serviços e Vendedores	25,5	27,8	4,3
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	25,5	26,4	17,4
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	18,5	19,3	67,1
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	14	8,1	9,5
Outras profissões	16,5	18,5	1,7
Total	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N= 21948

que apresentam expetativas escolares reduzidas ao considerarem que estarão a desempenhar profissões inseridas no grupo do “pessoal administrativo e similares/pessoal dos serviços e vendedores” (penso sair antes de acabar o 12.º ano – 25,5% e penso fazer o 12.º ano e deixar de estudar – 27,8%) e dos “técnicos e profissionais de nível intermédio” (25,5% e 26,4%). Os trajetos escolares definidos pelos alunos tendem a refletir-se nas suas expetativas profissionais, na medida em que, quanto mais elevados os percursos escolares mais optam por profissões de maior prestígio social, refletindo-se em projetos profissionais ambiciosos.

Tal como tem vindo a ser demonstrado anteriormente e de acordo com estudo desenvolvido por Mateus (2002), as condições socioeconómicas dos alunos tendem a influenciar as suas expetativas escolares e profissionais. Os dados demonstram que quanto mais elevados os recursos escolares das famílias dos estudantes mais estes consideram vir a desempenhar uma

profissão integrada no grupo dos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (ensino superior – 67,5% e ensino secundário – 62,2%) (Quadro 4.25).

Os que são oriundos de famílias com habilitações escolares mais reduzidas, demonstram mais vir a desempenhar profissões integradas em grupos profissionais menos prestigiados como os “técnicos e profissionais de nível intermédio” e “pessoal administrativo e similares/pessoal dos serviços e vendedores”.

Quadro 4.25 – Expetativas profissionais aos 30 anos, segundo nível de escolaridade dominante na família

	Igual ou inferior ao 1.º CEB	Entre o 2.º e o 3.º CEB	Ensino secundário	Ensino superior (%)
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	46,3	54,5	62,2	67,5
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	22,8	21,3	19,5	15,0
Pessoal Administrativo e Similares / Pessoal dos Serviços e Vendedores	13,4	10,4	6,2	4,6
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	8,3	8,7	9,3	10,5
Outras profissões	9,1	5,1	2,8	2,3
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N= 23551

Simultaneamente, o desempenho escolar pode contribuir para facilitar a definição dos projetos escolares e profissionais futuros (Diogo, 2006). Quanto mais elevada a média de classificações

Quadro 4.26 – Expetativas profissionais aos 30 anos, segundo a média das classificações

	10-14	15-17	18-20 (%)
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	55,6	66,6	84,7
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	21,9	16,2	6,4
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas	9,3	10,2	6,6
Pessoal Administrativo e Similares / Pessoal dos Serviços e Vendedores	8,9	5,1	0,9
Outras profissões	4,4	1,9	1,6
Total	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à saída do secundário 2011/2012.
N= 20064

dos estudantes mais tendem a optar por uma profissão integrada no grupo dos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (84,7% face a 55,6%) (Quadro 4.26). Apesar dos estudantes com médias de classificações mais reduzidas optarem também por desempenhar profissões integradas nessa categoria, estes tendem a considerar mais, profissões menos

qualificadas inseridas no grupo dos “técnicos e profissionais de nível intermédio” (entre 10 e 14 valores – 21,9%).

A análise das expetativas de percurso escolar e profissional que tem vindo a ser desenvolvidas neste capítulo, permite concluir que o ensino secundário funciona enquanto um nível de transição intermédio, onde existem trajetórias e aspirações diversificadas, de prosseguimento de estudos com especializações a diversos níveis e de integração imediata no mercado de trabalho. Segundo Guerreiro e Abrantes (2007), o ensino secundário pode ser um patamar que possibilita o prosseguimento de estudos superiores ou um percurso de indefinição e reconstrução de projetos de vida escolares e profissionais que visam a integração no mercado de trabalho.

Bibliografia

Aboim, Sofia (2003), “Evolução das estruturas domésticas”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 43, CIES/ISCTE, Oeiras, Celta Editora, pp.13-30.

Aboim, Sofia (2005), “Um primeiro retrato das famílias em Portugal” em *Famílias em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, pp. 51-81.

Abrantes, Pedro (2005), “As transições entre ciclos de ensino: entre problema social e objecto sociológico”, em Revista *Interações*, nº 1, Escola Superior de Educação de Santarém, Instituto Politécnico de Santarém, pp. 25-53.

Abrantes, Pedro (2008), “Causas e consequências da distância entre ciclos do ensino básico”, em *VI Congresso Português de Sociologia*, UNL e FCSH.

Almeida, Ana Nunes de (2005), “O que as famílias fazem à escola ... pistas para um debate”, em *Análise Social*, vol. XI, nº 176, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, pp. 579-593.

Almeida, Ana Nunes de, e Maria Manuel Vieira (2006), *A Escola em Portugal: Novos Olhares, Outros Cenários*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.

Almeida, João Ferreira de (1986), *Classes Sociais nos Campos: camponeses parciais numa região do noroeste*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.

Almeida, João Ferreira de, António Firmino da Costa, e Fernando Luís Machado (1988), “Famílias, estudantes e universidade - painéis de observação sociográfica”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 4, CIES/ISCTE, Oeiras, Celta Editora, pp. 11-44.

Alves, Natália (1998), “Escola e Trabalho: atitudes, projectos e trajectórias”, em Cabral, Manuel Villaverde, e Pais, José Machado (coord.), *Jovens portugueses de hoje*, Oeiras, Celta Editora, OPJP, pp. 53-133.

Azevedo, Joaquim (1991), *A Educação tecnológica nos anos 90*, Porto, Edições ASA.

Baudelot, Christian, e Roger Establet (1998), *Allez les filles!*, Paris, Seuil.

Capucha, Luís, José Luis Albuquerque, Nuno Rodrigues, e Pedro Estêvão (2009), *Mais Escolaridade – realidade e ambição*, Estudo preparatório do alargamento da escolaridade obrigatória, Agência Nacional para a Qualificação, Lisboa.

Carvalho, Adalberto Dias, e Nuno Fadigas (2008), *Os Recursos Educativos no Ensino Profissional – Análise de situação no nível secundário*, ORE – Observatório dos Recursos Educativos.

Carvalho, Adalberto Dias, e Nuno Fadigas (2010), *Os Recursos Educativos no Ensino Profissional – Análise de situação nos CEF – cursos de educação e formação*, ORE – Observatório dos Recursos Educativos.

Casimiro, Fernando Simões (2003), “Os Conceitos de Família e Núcleo Familiar nos Recenseamentos da População em Portugal”, em *Revista de Estudos Demográficos*, nº 33, Lisboa, INE, pp. 5-22.

Costa, António Firmino (1999), *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Editora.

Costa, Jorge Adelino, António Neto-Mendes, Alexandre Ventura, e Sara Azevedo (2007), “A frequência de explicações em Portugal – caracterização de um fenómeno que também “pressiona” a escola”, em *Actas do IV Congresso Luso-Brasileiro de Política e Administração da Educação/III Congresso Nacional do Fórum Português de Administração Educacional*, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Costa, Jorge Adelino, Alexandre Ventura, e António Neto-Mendes, (2003), “As explicações no 12.º Ano – contributos para o conhecimento de uma actividade na sombra”, em *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, vol. 2/2003, pp. 55-68.

Diogo, Ana Matias (2006), “Dinâmicas familiares e investimento na escola à saída do ensino obrigatório”, em *Revista Interações*, nº 2, Escola Superior de Educação de Santarém, Instituto Politécnico de Santarém, pp. 87-112.

ENTRECULTURAS, (2004), *Geografia Humana nas Escolas do Continente 1992 – 1996*, Lisboa, ACIME (policopiado).

Fernandes, Susana (2009), *Cursos Profissionais: sinais de mudança na homogeneidade?*, Tese de Mestrado em Estudos Urbanos, Lisboa, ISCTE

Grácio, Sérgio (1997), *Dinâmicas de Escolarização e das Oportunidades Individuais*, Lisboa, EDUCA – Formação.

Guerreiro, Maria das Dores, e Pedro Abrantes (2007), “Percurso educativo. Oportunidades e desigualdades”, em *Transições incertas. Os jovens perante o trabalho e a família*, Colecção para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, Colecção Estudos, Estudos nº 2, pp.55-72.

IEFP (1994), *Classificação Nacional de Profissões*, Lisboa.

Leite, Sofia (2003), “Famílias em Portugal: breve caracterização socio-demográfica com base nos Censos 1991 e 2001”, em *Revista de Estudos Demográficos*, nº 33, Lisboa, INE, pp. 23-38.

Leite, Sofia (2004), “Breve sociografia sobre as famílias reconstituídas portuguesas”, em *Revista de Estudos Demográficos*, nº 35, Lisboa, INE, pp. 53-89.

Lobo, Cristina (2005), “Famílias Recompuestas - Revisitar a produção americana (1930-2000)”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 48, CIES/ISCTE, Oeiras, Celta Editora, pp. 41-114.

Machado, Fernando Luís, António Firmino da Costa, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, José Luís Casanova, e João Ferreira de Almeida (2003), "Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações", em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 66, pp. 45-80.

Machado, Fernando Luís, Ana Raquel Matias, e Sofia Leal (2005), "Desigualdades sociais e diferenças culturais: os resultados escolares dos filhos de imigrantes africanos", em *Análise Social*, vol. XL, nº 176, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, pp. 695-714.

Machado, Fernando Luís, e Ana Raquel Matias (2006), "Jovens descendentes de Imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica", *Working Paper* nº 13, Lisboa, CIES-ISCTE.

Martins, Susana Cruz, Rosário Mauritti, e António Firmino da Costa (2005), *Condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal*, Lisboa, DGES/MCTES.

Mateus, Sandra (2002), "Futuros Prováveis – um olhar sociológico sobre os projectos de futuro no 9.º ano", em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 39, CIES/ISCTE, Oeiras, Celta Editora, pp.117-149.

Mauritti, Rosário (2002), "Padrões de vida dos estudantes universitários nos processos de transição para a vida adulta", em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 39, CIES/ISCTE, Oeiras, Celta Editora, pp. 85-116.

Neto-Mendes, António, Jorge Adelino Costa, Alexandre Ventura, e Sara Azevedo (2007), "Da actividade doméstica ao *franchising*: alguns dados sobre o fenómeno das explicações em Portugal", em *IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, Universidade da Madeira.

Rodrigues, Nuno, Cristina Roldão, David Nóvoas, Susana Fernandes, e Teresa Duarte (2009), *Estudantes à Saída do Secundário 2009/2010*, Lisboa, OTES/GEPE, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação – Ministério da Educação.

Rodrigues, Nuno, Cristina Roldão, David Nóvoas, Susana Fernandes, e Teresa Duarte (2009), *Estudantes à Saída do Secundário 2008/2009*, Lisboa, OTES/GEPE, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação – Ministério da Educação.

Seabra, Teresa, Sandra Mateus, e Elisabete Rodrigues (2008), "Trajectórias e aspirações escolares no 9.º ano de escolaridade: diferenças de classe social, de etnicidade e de género", em *VI Congresso Português de Sociologia*, UNL e FCSH.

Sebastião, João (2009), *Democratização do Ensino, Desigualdades Sociais e Trajectórias Escolares*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Silva, Cristina (1999), *Escolhas Escolares, Heranças Sociais*, Oeiras, Celta Editora.

Silveirinha, Teresa, e Jorge Adelino Costa (2007), “As explicações na perspectiva da oferta: alguns dados de um estudo de caso”, *IV Congresso Luso-Brasileiro de Política e Administração da Educação e III Congresso Nacional do Fórum Português de Administração Educacional*. Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação [aguarda publicação nas Actas].

Wall, Karin (2003), “Famílias monoparentais”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 43, CIES/ISCTE, Oeiras, Celta Editora, pp. 51-66.

Wall, Karin (org.) (2005), *Famílias em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.

Legislação

Decreto-Lei n.º 74/2004, DR 1ª Série – n.º 73, de 26 de Março de 2004.

Decreto-Lei n.º 24/2006, DR 1.ª Série – n.º 26, de 6 de Fevereiro de 2006

Despacho n.º 373/2002 do DR 2ª Série, de 23 de Abril de 2002.

Despacho n.º 9788/2011 do DR 2ª Série – n.º 149 de 4 de Agosto de 2011

Despacho Conjunto n.º 453/2004, DR 2ª Série – n.º 175, de 27 de Julho de 2004.

Despacho Normativo n.º 1/2005, DR 1ª Série – B – n.º 3, de 5 de Janeiro de 2005.

Portaria n.º 550-A/2004, DR 119, Série I-B, de 21 de Maio de 2004.

Portaria n.º 550-B/2004, DR 119, Série I-B, de 21 de Maio de 2004.

Portaria n.º 550-C/2004, DR 119 Série I-B, de 21 de Maio de 2004.

Portaria n.º 550-C/2004, DR 119, Série I-B 1º Suplemento, de 21 de Maio de 2004.

Portaria n.º 256/2005, DR 53, Série I, de 16 de Março de 2005.

Portaria n.º 260/2006, DR 52, Série I, de 14 de Março de 2006.

Portaria n.º 780/2006, DR 153, Série I, de 9 de Agosto de 2006.

Portaria n.º 797/2006, DR 154, Série I, de 10 de Agosto de 2006.

Portaria n.º 649/2009, DR 111, Série I, de 9 de Junho de 2009.

Rectificação n.º 1 673/2004, Série II, de 07 de Setembro de 2004.

Índice de Quadros

I. Caracterização dos estudantes à saída do secundário

Quadro 1.1 – Distribuição dos estudantes por sexo e idade	9
Quadro 1.2 – Distribuição dos estudantes por nacionalidade, origem étnico-nacional e principal língua falada em casa	10
Quadro 1.3 – Distribuição dos estudantes por nacionalidade e origem étnico-nacional	10
Quadro 1.4 – Inserção profissional no ensino secundário e atividade realizada atualmente	10
Quadro 1.5 – Razões para ter começado uma atividade profissional	11
Quadro 1.6 – Regime de trabalho dos estudantes com atividade laboral	11
Quadro 1.7 – Relação entre atividade profissional desenvolvida e as expectativas profissionais	11
Quadro 1.8 – Condições perante o trabalho na família	12
Quadro 1.9 – Grande grupo de profissões dominante na família	12
Quadro 1.10 – Origem socioprofissional dos estudantes	13
Quadro 1.11 – Origem socioprofissional, segundo o nível de escolaridade dominante na família	13

II. O estabelecimento de ensino e o curso

Quadro 2.1 – Natureza do estabelecimento de ensino	15
Quadro 2.2 – Estabelecimentos de ensino, por região	16
Quadro 2.3 – Tempo demorado pelos alunos no percurso casa-escola	16
Quadro 2.4 – Tempo de demora no percurso casa escola, por meio de transporte utilizado	16
Quadro 2.5 – Concordância sobre as relações na escola, segundo a modalidade atual	18
Quadro 2.6 – Concordância sobre a adequabilidade dos espaços e equipamentos da escola, segundo a modalidade frequentada	19
Quadro 2.7 – Participação formal em atividades escolares, segundo o tipo de certificação do curso atual e modalidade frequentada	21
Quadro 2.8 – Participação não formal em atividades escolares, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	22
Quadro 2.9 – Mudança ou desejo de mudança de escola no ensino secundário	24
Quadro 2.10 – Principais razões para terem mudado ou terem desejado mudar de escola durante o ensino secundário, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada	25
Quadro 2.11 – Principal razão para os alunos não mudarem de escola, sendo que gostariam de o fazer, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada	26
Quadro 2.12 – Tipo de certificação do curso e modalidade frequentada, segundo variáveis socioeconómicas	29
Quadro 2.13 – Tipo de certificação do curso e modalidade frequentada, segundo variáveis escola	30
Quadro 2.14 – Concordância sobre algumas dimensões do curso, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada	31
Quadro 2.15 – Concordância sobre o ensino no curso, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada	33
Quadro 2.16 – Mudança ou desejo de mudança de curso no ensino secundário	34
Quadro 2.17 – Modalidade de ensino e formação do curso anterior, segundo a modalidade de ensino e formação do curso profissionalmente qualificante atual	36
Quadro 2.18 – Principais razões para a mudança de curso durante o ensino secundário, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	36
Quadro 2.19 – Principal razão para a não mudança de curso durante o ensino secundário, segundo o tipo de certificação e modalidade frequentada	37

Quadro 2.20 – Ano frequentado aquando da mudança de curso no ensino secundário, segundo o tipo de certificação atual e modalidade frequentada	38
Quadro 2.21 – Necessidade de repetição de um ano aquando da mudança de curso, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	38
Quadro 2.22 – Realização de estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada	39
Quadro 2.23 – Contexto de desenvolvimento do estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada	40
Quadro 2.24 – Período de desenvolvimento do estágio/formação em contexto de trabalho, por modalidade frequentada	40
Quadro 2.25 – Duração do estágio/formação em contexto de trabalho realizado durante este ano letivo de forma contínua, segundo a modalidade frequentada	41
Quadro 2.26 – NUTS II da realização do estágio, segundo a NUTS II do estabelecimento de ensino frequentado	41
Quadro 2.27 – Tipo de entidade de acolhimento onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada	42
Quadro 2.28 – Número de pessoas que trabalham na entidade de acolhimento onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho	42
Quadro 2.29 – Número de pessoas que trabalham na entidade onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada	43
Quadro 2.30 – Número de pessoas que trabalham na entidade onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho, segundo o tipo de entidade	43
Quadro 2.31 – Escolha da entidade onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho	43
Quadro 2.32 – Escolha da entidade de acolhimento onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada	44
Quadro 2.33 – Concordância sobre a forma como decorreu o estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada	45
Quadro 2.34 – Concordância sobre a contribuição do estágio/formação em contexto de trabalho para o desenvolvimento das competências, segundo a modalidade frequentada	46
Quadro 2.35 – Avaliação obtida no estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada	46
Quadro 2.36 – Concordância sobre a contribuição do estágio/formação em contexto de trabalho para o desenvolvimento das competências, segundo a avaliação obtida	47
Quadro 2.37 – Grau de satisfação dos alunos em relação ao estágio/formação em contexto de trabalho, segundo a modalidade frequentada	47
Quadro 2.38 – Grau de satisfação em relação ao estágio/formação em contexto de trabalho, segundo o contexto do seu desenvolvimento	48
Quadro 2.39 – Avaliação obtida no estágio/formação em contexto de trabalho, segundo o grau de satisfação com este efeito	48

III. Desempenho escolar à saída do secundário

Quadro 3.1 – Principais razões para o desvio anual durante o ensino secundário	51
Quadro 3.2 – Principais razões para a reprovação / módulos em atraso durante o ensino secundário	51
Quadro 3.3 – Principais razões para a interrupção / desistência dos estudos durante o ensino secundário	52
Quadro 3.4 – Principal razão para o regresso à escola após a interrupção / desistência dos estudos no ensino secundário, segundo o tipo de certificação do curso	53
Quadro 3.5 – Disciplinas onde os alunos sentiram maiores dificuldades	55
Quadro 3.6 – Frequência de explicações durante o 12.º ano ou equivalente, segundo tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	56
Quadro 3.7 - Disciplinas / áreas de conhecimento alvo de explicações	57
Quadro 3.8 – Grau de satisfação face à eficácia das explicações na melhoria dos resultados escolares	57
Quadro 3.9 – Principal razão para a frequência de explicações, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	58
Quadro 3.10 – Frequência de explicações, segundo o nível de escolaridade dominante na família e a origem socioprofissional	58
Quadro 3.11 – Frequência de explicações durante o atual ano letivo, segundo o desempenho escolar	59
Quadro 3.12 – Nível de assiduidade durante o ensino secundário	59

Quadro 3.13 – Principais razões para as faltas de assiduidade durante o ensino secundário, segundo o nível de assiduidade	59
Quadro 3.14 – Desempenho escolar, segundo natureza do estabelecimento de ensino	60
Quadro 3.15 – Desempenho escolar, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada	61
Quadro 3.16 – Desempenho escolar, segundo o sexo	61
Quadro 3.17 – Desempenho escolar, segundo o nível de escolaridade dominante na família	62
Quadro 3.18 – Desempenho escolar, segundo origem socioprofissional	63

IV. Expetativas escolares e profissionais face ao pós-secundário

Quadro 4.1 – Razões para os alunos não continuarem a estudar	66
Quadro 4.2 – Expetativas de percurso escolar dos alunos, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	66
Quadro 4.3 – Expetativas de percurso escolar, segundo a natureza do estabelecimento de ensino	67
Quadro 4.4 – Razões para os alunos não continuarem a estudar, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	67
Quadro 4.5 – Expetativas da atividade pretendida após a saída do ensino secundário	68
Quadro 4.6 – Expetativas da atividade pretendida após a saída do ensino secundário, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada	68
Quadro 4.7 – Expetativas de percurso escolar, segundo condições sociais e desempenho escolar	69
Quadro 4.8 – Formação esperada no pós-secundário, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	70
Quadro 4.9 – Formação esperada no pós-secundário, segundo condições sociais e desempenho escolar	72
Quadro 4.10 – Área de estudo/formação no ensino superior universitário ou politécnico, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada	73
Quadro 4.11 – Área de estudo/formação pretendida no ensino superior, segundo o sexo	73
Quadro 4.12 – Área de estudo/formação pretendida no ensino superior, segundo a média global das classificações e o número de anos de desvio etário no trajeto do secundário	74
Quadro 4.13 – Área de estudo e formação pretendida no CEF – tipo 7 ou CET, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada	75
Quadro 4.14 – Área de estudo e formação pretendida no CEF – tipo 7 ou CET, segundo o sexo	75
Quadro 4.15 – Principais razões para querer tirar o curso/área de formação, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	76
Quadro 4.16 – Apoio da escola no esclarecimento sobre formação pós-secundária existente, segundo o tipo de certificação do curso e a modalidade frequentada	77
Quadro 4.17 – Utilidade do apoio da escola no esclarecimento aos alunos sobre a formação pós-secundária disponibilizada, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	78
Quadro 4.18 – Realização de formação num país europeu nos próximos 3 anos, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	79
Quadro 4.19 – Formação pretendida num país europeu, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	80
Quadro 4.20 – Realização de formação num país europeu nos próximos 3 anos, segundo variáveis socioeconómicas de desempenho escolar e de expetativas escolares	80
Quadro 4.21 – Formação pretendida num país europeu, segundo variáveis socioeconómicas, de desempenho escolar e de expetativas escolares	81
Quadro 4.22 – Expetativas profissionais aos 30 anos	82
Quadro 4.23 – Expetativas profissionais aos 30 anos, segundo o tipo de certificação do curso e modalidade frequentada	83
Quadro 4.24 – Expetativas profissionais aos 30 anos, segundo expetativas escolares	84
Quadro 4.25 – Expetativas profissionais aos 30 anos, segundo nível de escolaridade dominante na família	84
Quadro 4.26 – Expetativas profissionais aos 30 anos, segundo a média das classificações	85

Índice de Gráficos

I. Caracterização dos Estudantes à Saída do Secundário

Gráfico 1.1 – Distribuição dos estudantes, por sexo	9
Gráfico 1.3 – Tipo de núcleo familiar	11
Gráfico 1.4 – Nível de escolaridade dominante na família	12

II. O estabelecimento de ensino e o curso

Gráfico 2.1 – Tipologia do estabelecimento de educação e ensino frequentado	15
Gráfico 2.2 – Grau de concordância sobre as relações na escola	17
Gráfico 2.3 – Concordância sobre as relações na escola, segundo a natureza do estabelecimento de ensino	17
Gráfico 2.4 – Concordância sobre a adequabilidade dos espaços e equipamentos da escola	18
Gráfico 2.5 – Concordância sobre a adequabilidade dos espaços e equipamentos da escola, segundo a natureza do estabelecimento de ensino	19
Gráfico 2.6 – Participação formal em atividades escolares	20
Gráfico 2.7 – Participação não formal em atividades escolares	22
Gráfico 2.8 – Participação não formal dos alunos em atividades fora do contexto escolar	23
Gráfico 2.9 – Mudança ou desejo de mudança de escola no ensino secundário	23
Gráfico 2.10 – Tipo de certificação do curso	27
Gráfico 2.11 – Modalidade de ensino e formação frequentada	28
Gráfico 2.12 - Grau de concordância sobre algumas dimensões do curso	31
Gráfico 2.13 - Grau de concordância sobre o ensino no curso	32
Gráfico 2.14 – Mudança ou desejo de mudança de curso no ensino secundário	33
Gráfico 2.15 – Ano frequentado aquando da mudança de curso no ensino secundário	37
Gráfico 2.16 – Realização de estágio/formação em contexto de trabalho	39
Gráfico 2.17 – Contexto de desenvolvimento do estágio/formação em contexto de trabalho	39
Gráfico 2.18 – Período de desenvolvimento do estágio/formação em contexto de trabalho	40
Gráfico 2.19 – Duração do estágio/formação em contexto de trabalho realizado durante este ano letivo de forma contínua	41
Gráfico 2.20 – Tipo de entidade de acolhimento onde foi realizado o estágio/formação em contexto de trabalho	42
Gráfico 2.22 – Grau de concordância sobre a forma como decorreu o estágio/formação em contexto de trabalho	44
Gráfico 2.22 – Grau de concordância sobre a contribuição do estágio/formação em contexto de trabalho para o desenvolvimento das competências	45
Gráfico 2.23 – Avaliação obtida no estágio/formação em contexto de trabalho	46
Gráfico 2.24 – Grau de satisfação em relação ao estágio/formação em contexto de trabalho	47

III. Desempenho Escolar à Saída do Secundário

Gráfico 3.1 – Número de anos de desvio anual no trajeto escolar	50
Gráfico 3.2 – Número de anos de desvio anual no trajeto pelo secundário	51
Gráfico 3.3 – Reprovações/ módulos em atraso, segundo o ano escolar do ensino secundário	52
Gráfico 3.4 – Número de disciplinas com um nível de rendimento insuficiente	53
Gráfico 3.5 – Média global das classificações no momento de inquirição	54
Gráfico 3.6 – Nível de rendimento à disciplina de Língua portuguesa	54
Gráfico 3.7 – Nível de rendimento à disciplina de Língua Estrangeira	54
Gráfico 3.8 – Nível de rendimento à disciplina de Matemática	55
Gráfico 3.9 – Frequência de explicações durante o 12.º ano ou equivalente	56

IV. Expetativas Escolares e Profissionais face ao Pós-secundário

Gráfico 4.1 – Expetativas de percurso escolar	66
---	----

Índice de Figuras

II. O estabelecimento de ensino e o curso

Figura 1 – Mobilidades entre escolas, modalidades e cursos no ensino secundário (%)	25
Figura 2 – Tipo de certificação e modalidades de ensino	27
Figura 3 – Fluxos no ensino secundário: mobilidade entre modalidades de ensino e cursos	35

Siglas

CCH – Cursos científico-humanísticos

CP – Cursos profissionais

CPQ – Cursos profissionalmente qualificantes

CT – Cursos tecnológicos

DGEEC – Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

DRE – Direções Regionais de Educação

EA – Escola Artística

EAE – Ensino Artístico Especializado

EB – Escola básica

EBS – Escola básica e secundária

EP – Escola Profissional

ES – Escola secundária

NUTS – Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas

OTES – Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário

PALP – Países Africanos de Língua Portuguesa

Construção de Novas Variáveis

A aplicação do questionário “estudantes à saída do secundário” visa a recolha de informação diversificada e abundante, que por vezes não é passível de ser analisada tal como é recolhida. Neste sentido, foram construídas variáveis compósitas com o objetivo de facilitar a apresentação de resultados.

Condição Perante o Trabalho na Família

A construção desta variável teve em consideração a combinação das variáveis relativas à condição perante o trabalho de cada um dos responsáveis identificados pelos alunos. Neste sentido, procedeu-se à criação das seguintes categorias:

- Ambos os responsáveis exercem profissão;
- Um responsável trabalha e o outro está desempregado;
- Um responsável trabalha e o outro está inativo;
- Ambos os responsáveis estão desempregados;
- Ambos os responsáveis estão inativos;
- Um responsável está desempregado e o outro está inativo.

Idade dos Alunos

A variável “Idade dos Alunos” é calculada a partir da diferença entre a data de nascimento dos alunos e a data de início do ano letivo de 2011/2012.⁶ Numa fase seguinte, optou-se por recodificar a idade em escalões etários para facilitar a leitura dos resultados.

Línguas Faladas em Casa

Os estudantes foram questionados relativamente à língua que habitualmente falam em casa, com o objetivo de se captar as situações de mono e bilinguismo. Neste sentido, foi solicitado que identificassem a língua falada em casa e no caso em que falam mais do que uma língua, foi solicitado que fizessem referência às duas línguas mais habituais. A agregação das línguas foi realizada de acordo com a família linguística à qual pertencem:⁷

- Crioulos de base lexical portuguesa (crioulo de Cabo-Verde, da Guiné-Bissau e de S. Tomé e Príncipe);
- Línguas eslavas (bielorrusso, bósnio, búlgaro, checo, croata, esloveno, polaco, russo, sérvio e ucraniano);
- Línguas germânicas (alemão, dinamarquês, inglês, islandês, neerlandês e sueco);
- Línguas românicas (castelhano, catalão, francês, galego, italiano, moldavo, romeno e, embora na presente análise tenha uma categoria própria, português).

⁶ 8 de Setembro de 2011, segundo o Despacho nº 9788 do DR 2ª Série – nº 149, de 4 de Agosto de 2011.

⁷ http://www.ethnologue.com/family_index.asp

Nível de Escolaridade Dominante na Família

Este indicador combina o “Nível de Escolaridade” de cada um dos familiares do aluno, sendo atribuído ao núcleo familiar o nível de escolaridade do elemento detentor de maior capital escolar (Martins, Mauritti e Costa, 2005; Mauritti, 2002). Nos casos em que foi identificado apenas um responsável é tido em consideração apenas esse nível de escolaridade.

Origem Étnico-Nacional

A elaboração da variável “Origem Étnico-nacional” foi operacionalizada através da combinação das nacionalidades dos estudantes e dos seus familiares, tendo em consideração os estudos desenvolvidos por Machado e Matias (2006) e Machado, Matias e Leal (2005). De seguida explicita-se as categorias/agregações realizadas:

- Sufixo “Luso-...” - foi atribuído sempre que existisse no núcleo familiar a conjugação de nacionalidade portuguesa do aluno com a nacionalidade estrangeira por parte de, pelo menos, um dos responsáveis;
- “Descendentes de Ex-emigrantes” (GIASE, 2005; Entreculturas, 2004) - foi utilizada sempre que os responsáveis do aluno fossem naturais de Portugal e o aluno tivesse nacionalidade estrangeira;
- “Outras origens” - abrange as situações mais complexas de miscigenação e categorias residuais.

Origem Socioprofissional

Na construção da variável “Origem Socioprofissional” realiza-se um conjunto de combinações entre a variável “situação na profissão” e “profissão – Grandes Grupos Profissionais (GGP)” (IEFP, 1994) dos familiares do aluno, realizada através da adaptação dos contributos de Almeida (1986), Almeida, Costa e Machado (1988) e Costa (1999). Estas combinações deram origem a cinco categorias socioprofissionais. A “Origem Socioprofissional” é definida a partir da combinação das categorias socioprofissionais atribuídas a cada um dos responsáveis dos estudantes, considerando-se neste campo o elemento da família que detenha uma posição mais favorável. Nos casos em que o aluno identifica apenas um responsável, foi atribuída a posição social deste. As categorias criadas foram as seguintes:

- “Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais” (indivíduos em situação patronal, independentemente do GGP de pertença);
- “Profissionais Técnicos e de Enquadramento” (indivíduos pertencentes aos GGP 2 e 3, profissões alta e medianamente qualificadas ligadas à especialização técnica e à ciência, que trabalham por conta de outrem);
- “Trabalhadores Independentes” (indivíduos pertencentes a qualquer dos GGP, excepto GGP 1, 2 e 3, que trabalham por conta própria);
- “Empregados Executantes” (trabalhadores por conta de outrem, pertencentes aos GGP 4, 5, e 9.1, profissões pouco qualificadas e ligadas aos serviços);
- “Operários” (trabalhadores por conta de outrem que pertencem aos GGP 6, 7, 8, 9.2 e 9.3, profissões tendencialmente pouco qualificadas, ligadas ao sector secundário e primário).

Tipo de Certificação

A construção da variável “Tipo de Certificação” é realizada através da recodificação/agregação das modalidades de ensino e formação dos alunos de acordo com o tipo de certificação associado a cada uma das modalidades (certificação escolar e/ou profissional). Para além desta agregação também existem outras utilizadas para nomear esta realidade, como “orientação curricular” (GIASE, 2006) onde o ensino artístico especializado é autonomizado.

Desta forma, foram criadas duas categorias:

- 1 - Cursos científico-humanísticos (CCH) - cursos com certificação escolar;
- 2 - Cursos profissionalmente qualificantes (CPQ) - cursos com certificação escolar e profissional – cursos tecnológicos, curso de artes visuais e audiovisuais do ensino artístico especializado, cursos de educação e formação e cursos profissionais.

Tipo de Núcleo Familiar

A variável “Tipo de Núcleo Familiar” dos alunos foi elaborada a partir da reconstrução da composição do agregado doméstico, e tendo em consideração diferentes estudos desenvolvidos neste domínio (Aboim, 2003 e 2005; Casimiro, 2003; Leite, 2003 e 2004; Lobo, 2005; Wall, 2003). Neste sentido, foi construída a seguinte tipologia de núcleos familiares:

- Núcleos familiares conjugais - alunos que vivem com ambos os pais;
- Núcleos familiares monoparentais - situações em que o aluno vive com apenas um dos pais;
- Núcleos familiares reconstituídos (por vezes, denominadas famílias recompostas) – alunos que vivem com, pelo menos, um dos pais e uma madrasta e/ou padrasto;
- “Outras situações” – abrange organizações familiares com um peso residual, nomeadamente, os núcleos familiares avoengos (onde os alunos vivem apenas com os avós), situações em que os alunos vivem em instituições ou sozinhos.

Desvio Anual Global e Desvio Anual no Ensino Secundário

O desvio anual é um indicador que permite medir, apesar de forma indireta, a duração do trajeto escolar dos alunos e constitui uma informação útil na análise extensiva dos dados. Deste modo, foram construídas duas variáveis de desvio anual:

- **Desvio anual global** - Diferença entre a idade de chegada ao 12.º ano ou equivalente e a idade de entrada no 1.º ciclo do ensino básico. Quando o resultado desta diferença é superior ao número de anos esperados para esse período (11 anos), considerou-se que se estava em presença de um desvio anual no trajeto escolar que, conforme os casos, poderá ser de 1, 2 ou igual ou superior a 3 anos.
- **Desvio anual no ensino secundário** - Número de anos do trajeto pelo ensino secundário, considerando-se que, não tendo ocorrido nenhum atraso, os alunos inquiridos (no 12.º ano ou equivalente em 2011/2012) tenham entrado no ensino secundário em 2009/2010. Nas situações em que os alunos responderam ter entrado no ensino secundário em anos letivos anteriores a esse, considerou-se que se estava em presença de um desvio anual no ensino secundário que, conforme os casos, poderá ser de 1, 2 ou igual ou superior a 3 anos.

Nível de Rendimento Escolar (Língua Estrangeira, Matemática e Português)

A construção desta variável é de extrema complexidade uma vez que é necessário existirem condições de comparabilidade entre os resultados da avaliação dos alunos que frequentam (operacionalizado através das médias das classificações às disciplinas) os cursos profissionais e as restantes modalidades de ensino, tendo em consideração que os modelos de avaliação variam substancialmente:

- Nos cursos profissionais não existem classificações negativas, mas sim retardamento na conclusão dos módulos, pelo que, a média global das classificações não reflete os momentos de rendimento escolar insuficiente.
- Nas restantes modalidades de ensino, as situações de rendimento escolar insuficiente não geram no 1.º e no 2.º período qualquer retardamento, no entanto, é atribuída uma classificação inferior a 10 e que é contabilizada para a média das classificações à disciplina em causa.

Como o “Nível de Rendimento Escolar” é uma dimensão importante na análise do desempenho, assim como a possibilidade de comparação entre ofertas de ensino, optou-se por criar um indicador que garantisse condições mínimas de comparabilidade entre as diferentes modalidades de ensino. Nesse indicador fez-se equivaler a existência de módulos em atraso nos cursos às classificações médias negativas nas restantes ofertas de ensino, ou seja, tanto o estudante com um módulo em atraso (cursos profissionais), como o aluno com uma classificação média negativa (restantes modalidades de ensino), não reuniam, no momento de inquirição, condições para transitar à disciplina em causa.

Cursos Profissionais	Global (Indicador síntese)	Restantes Modalidades de Ensino
Módulos em atraso (independentemente da média)	Rendimento Insuficiente	≤ 9
10-14 (sem módulos em atraso)	10-14	10-14
15-17 (sem módulos em atraso)	15-17	15-17
17-20 (sem módulos em atraso)	17-20	17-20

Número de Disciplinas com Rendimento Escolar Insuficiente

Como o modelo de avaliação varia substancialmente consoante se trate de cursos profissionais e as restantes modalidades de ensino, o número de disciplinas que têm rendimento insuficiente é medido de forma diferente tendo em consideração o curso frequentado:

- Nos cursos profissionais não existem classificações negativas, mas sim retardamento na conclusão dos módulos, portanto, a média global das classificações não reflete os momentos de rendimento escolar insuficiente.
- Nas restantes modalidades de ensino, as situações de rendimento escolar insuficiente não geram no 1.º e no 2.º período qualquer retardamento, no entanto, é atribuída uma classificação inferior a 10 que é contabilizada para a média das classificações à disciplina em causa.

Na construção do indicador, fez-se equivaler o número de disciplinas em que o estudante dos cursos profissionais tinha módulos em atraso, ao número de disciplinas em que os das restantes modalidades de ensino tinham uma classificação média negativa, para que seja possível ter as condições mínimas de comparabilidade. Isto é, tanto o estudante dos cursos profissionais com “X” disciplinas com módulos em atraso, como os das restantes modalidades de ensino com “X” disciplinas com classificação média negativa, não reuniam no momento de inquirição, condições para transitar às “X” disciplinas em causa.

Glossário

Áreas de Estudo / Formação

As áreas de estudo / formação são um conjunto de programas de educação e formação, agrupados em função da semelhança dos seus conteúdos principais, não se atribuindo relevância ao nível de educação ou formação ou à complexidade das aprendizagens.

Doméstico (ocupa-se das tarefas domésticas)

Indivíduo que se ocupa principalmente das tarefas domésticas no seu próprio lar. Não está empregado nem desempregado.

Desempregado

Indivíduo, com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, se encontrava simultaneamente nas seguintes situações: a) não tinha trabalho remunerado nem qualquer outro; b) estava disponível para trabalhar num trabalho remunerado ou não; c) tinha procurado um trabalho, isto é, tinha feito diligências no período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores) para encontrar um emprego remunerado ou não.

Dimensão da Empresa

Grande Empresa

Empresa que emprega 250 ou mais pessoas e que tem ou um volume de negócios superior a 50 milhões de euros ou um total de balanço superior a 43 milhões de euros.

Média Empresa

Empresa que emprega de 50 a 249 pessoas e cujo volume de negócios não excede 50 milhões de euros ou cujo balanço total anual não excede 43 milhões de euros.

Pequena Empresa

Empresa que emprega 10 a 49 pessoas e cujo volume de negócios ou balanço total anual não excede 10 milhões de euros.

Microempresa

Empresa que emprega 10 ou menos pessoas e cujo volume de negócios ou balanço total anual não excede 2 milhões de euros.

Ensino Superior

Nível de ensino que compreende os ensinos universitário e politécnico, aos quais têm acesso indivíduos habilitados com um curso secundário ou equivalente e indivíduos maiores de 23 anos que, não possuindo a referida habilitação, revelem qualificação para a sua frequência através de prestação de provas.

Exerce uma Profissão/Empregado

Indivíduo com idade mínima de 15 anos que se encontra numa das seguintes situações: a) Efetuou trabalho de pelo menos uma hora, mediante pagamento de uma remuneração ou com vista a um benefício ou ganho familiar em dinheiro ou em géneros; b) Tem um emprego, não está ao serviço, mas tem uma

Listagem de Escolas Participantes no Questionário

ligação formal com o seu emprego; c) Tem uma empresa, mas não está temporariamente ao trabalho por uma razão específica; d) Está em situação de pré-reforma, mas encontra-se a trabalhar.

Formação em Contexto de Trabalho

A formação em contexto de trabalho consiste um conjunto de atividades profissionais desenvolvidas sob a coordenação e acompanhamento da escola, que visam a aquisição ou o desenvolvimento de competências técnicas, relacionais e organizacionais relevantes para o perfil de desempenho à saída do curso.

Interrupção dos Estudos

Ato pelo qual um aluno não se matricula em estabelecimento e curso num dado ano letivo.

Língua Estrangeira (que teve durante mais anos)

Língua estrangeira 1 - Primeira língua estrangeira integrada nos planos curriculares do sistema de ensino e iniciada no 2.º ciclo do ensino básico obrigatoriamente.

Modalidades de Ensino e Formação

Ensino Artístico Especializado

Curso do ensino secundário, com a duração de três anos (10.º, 11.º e 12.º anos), vocacionado, consoante a área artística, para o prosseguimento de estudos e/ou inserção no mercado de trabalho.

Cursos científico-humanísticos

Curso do ensino secundário, com a duração de três anos letivos (10.º, 11.º e 12.º anos), tendo em vista o prosseguimento de estudos no ensino superior. Até ao ano letivo de 2004/2005, correspondiam aos Cursos Gerais do Ensino Secundário.

Cursos de Aprendizagem

Curso destinados a jovens, preferencialmente com idades compreendidas entre 15 e 25 anos, candidatos ao 1.º emprego, sem a escolaridade obrigatória, para o desempenho de profissões qualificadas, por forma a favorecer a entrada na vida ativa. Estes cursos desenvolvem-se em alternância, entre um Centro de Formação Profissional e uma empresa, onde se realizam, respetivamente, a formação teórico-prática e a formação prática em contexto real de trabalho. Os cursos de Aprendizagem são homologados conjuntamente pelos Ministros que tutelam as áreas do Trabalho e da Educação, sob proposta da Comissão Nacional de Aprendizagem. Conferem um certificado de formação profissional de nível 1, 2, 3 ou 4, bem como a equivalência ao 6.º, 9.º ou 12.º anos de escolaridade.

Cursos de Educação e Formação (CEF)

Curso destinado preferencialmente a jovens com idades iguais ou superiores a 15 anos, em risco de abandono escolar ou que não concluíram o ensino secundário, bem como àqueles que, após a conclusão de 12 anos de escolaridade, não têm uma qualificação profissional. Confere qualificação de nível 1, 2 ou 3 e certificação de conclusão do 6.º, 9.º ou 12.º anos de escolaridade, respetivamente.

Cursos Profissionais

Curso de ensino secundário que dura três anos letivos, que privilegia a inserção no mercado de trabalho e que permite o prosseguimento de estudos. Confere diploma de conclusão do ensino secundário e certificado de qualificação profissional de nível 3.

Cursos Tecnológicos

Curso do ensino secundário com a duração de três anos letivos (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade). Destina-se preferencialmente aos jovens que desejam ingressar no mercado de trabalho após o 12.º ano de escolaridade tendo a possibilidade de ingresso no ensino superior. Confere um diploma de estudos secundários e um certificado de qualificação profissional de nível 3.

Níveis de Ensino

Pré-Escolar

Subsistema de educação, de frequência facultativa, destinado a crianças com idades compreendidas entre os três anos e a idade de ingresso no ensino básico. Realiza-se em estabelecimentos próprios, designados por jardins-de-infância, ou incluídos em unidades escolares em que é também ministrado o ensino básico.

1.º Ciclo do ensino Básico ou Equivalente (1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos)

Corresponde aos antigos 4 primeiros anos de escolaridade obrigatória – 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes da escola primária.

2.º Ciclo do ensino Básico ou Equivalente (5.º e 6.º anos)

Inclui as seguintes situações: antigo ciclo preparatório (5.º e 6.º ano de escolaridade); antigo 1.º ciclo do liceu (1.º e 2.º anos); antigo ciclo complementar do ensino básico (5.ª e 6.ª classes); ciclo preparatório das antigas escolas técnicas.

3.º Ciclo do ensino Básico ou Equivalente (7.º, 8.º e 9.º anos)

Inclui as seguintes situações: antigo ensino secundário técnico-profissional (curso comercial, industrial, artes visuais, agrícola, etc.); antigo curso geral dos liceus (antigo 3.º, 4.º e 5.º anos).

Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos)

Inclui as seguintes situações: antigas secções preparatórias dos cursos complementares técnico-profissionais (curso comercial, industrial, etc.); antigo curso complementar do liceu (antigos 6.º e 7.º anos); antigo ano propedêutico.

Profissão

Ofício ou modalidade de trabalho, remunerado ou não, a que corresponde um determinado título ou designação profissional, constituído por um conjunto de tarefas que concorrem para a mesma finalidade e que pressupõem conhecimentos semelhantes.

Reformado/Aposentado/Pensionista

Indivíduo que, tendo cessado o exercício de uma profissão, por decurso de tempo regulamentar, limite de idade, incapacidade ou por razões disciplinares, tem direito a uma pensão de reforma.

Reprovação

Situação do aluno considerado não aprovado no final de cada disciplina, ciclo ou curso.

Situação na profissão

Relação de dependência ou independência de um indivíduo ativo no exercício da profissão, em função dos riscos económicos em que incorre e da natureza do controlo que exerce na empresa. Esta variável tem as seguintes modalidades:

Patrão

Indivíduo ativo a exercer uma profissão por conta própria e que emprega, habitualmente, um ou mais trabalhadores.

Trabalhador por conta própria

Indivíduo ativo que trabalha por sua conta, sem trabalhadores, mas podendo ter a ajuda de trabalhadores familiares não remunerados.

Trabalhador por conta de outro

Indivíduo que exerce uma atividade sob a autoridade e direção de outrem, nos termos de um contrato de trabalho, sujeito ou não a forma escrita, e que lhe confere o direito a uma remuneração, a qual não depende dos resultados da unidade económica para a qual trabalha.

Trabalhador em negócio familiar

Indivíduo que exerce uma atividade independente numa empresa orientada para o mercado e explorada por um familiar, podendo estar ou não vinculado por um contrato de trabalho.

Tipologias de Estágios

Formação em contexto de trabalho

Conjunto de atividades profissionais desenvolvidas sob coordenação e acompanhamento da escola, que visam a aquisição ou o desenvolvimento de competências técnicas, relacionais e organizacionais para o perfil de desempenho à saída do curso frequentado pelo aluno.

Formação em contexto real de trabalho

Conjunto de atividades profissionais desenvolvidas em contexto real de trabalho (em empresas ou noutras organizações).

Simulação de contexto de trabalho

Simulação de um conjunto de atividades profissionais a desenvolver em condições similares à do contexto real de trabalho, normalmente realizada na escola.

Trabalho a Tempo Inteiro

Trabalhador cujo período de trabalho tem a duração normal de trabalho em vigor na empresa/instituição, para a respetiva categoria profissional e ainda aqueles cujo período normal de trabalho é superior a 75% da duração normal de trabalho aplicável no estabelecimento, podendo o limite percentual ser mais elevado por força da convenção coletiva.

Trabalhado a Tempo Parcial

Trabalhador cujo período de trabalho tem uma duração inferior à duração normal de trabalho em vigor na empresa/instituição, para a respetiva categoria profissional ou na respetiva profissão.

Lista de Escolas Participantes no Questionário

Academia Contemporânea do Espetáculo
Academia de Música de Santa Cecília
ANCORENSIS - "Cooperativa de Ensino"
Associação para Formação Profissional e Desenvolvimento do Montijo- EPM
Associação Torrejana de Ensino Profissional de Torres Novas
Centro de Educação Integral
Centro de Estudos de Fátima
Centro de Estudos e Trabalho da Pedra
Centro de Estudos e Trabalho da Pedra (Delegação)
Colégio "Casa Mãe"
Colégio "D. Afonso V"
Colégio "João de Barros"
Colégio "La Salle"
Colégio "Luso Francês"
Colégio "Nossa Senhora da Boavista"
Colégio "Nossa Senhora do Rosário"
Colégio Apostólico da Imaculada Conceição
Colégio D. Duarte
Colégio D. José I
Colégio D. Maria Pia (Casa Pia)
Colégio da Trofa
Colégio de Albergaria
Colégio de Amorim
Colégio de Campos
Colégio de Cidade Roda
Colégio de Gaia
Colégio de Nossa Senhora da Assunção
Colégio de Nossa Senhora da Graça
Colégio de S. Gonçalo de Amarante
Colégio de S. Teotónio
Colégio de São João de Brito
Colégio de São Martinho
Colégio de São Miguel de Fátima
Colégio de Stª Doroteia
Colégio Dinis de Melo
Colégio do Sagrado Coração de Maria
Colégio dos Órfãos do Porto
Colégio Dr. Luís Pereira da Costa
Colégio Guadalupe
Colégio Internacional de Vilamoura
Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas
Colégio Manuel Bernardes
Colégio Marista de Carcavelos
Colégio Moderno
Colégio Pina Manique - Casa Pia de Lisboa
Colégio Rainha D. Leonor
Colégio Santo André
Colégio Sezim - Egas Moniz
Colégio Valsassina
Cooperativa de Ensino "Didáxis"
DIDÁLVI - Cooperativa de Ensino de Alvito - S. Pedro, CRL.
EFTA - Escola de formação profissional em turismo de Aveiro
EMP - Escola de Moda do Porto
ENSIGUARDA - Escola Profissional da Guarda

Listagem de Escolas Participantes no Questionário

EPO - Associação Promotora de Ensino Profissional (Delegação)
EPO - Associação Promotora de Ensino Profissional (Sede)
EPRALIMA - Escola Profissional do Alto Lima (Delegação)
EPRALIMA - Escola Profissional do Alto Lima (Sede)
EPRAMI - Escola Profissional Alto Minho Interior (Delegação)
EPRAMI - Escola Profissional do Alto Minho Interior (Delegação)
EPRAMI - Escola Profissional do Alto Minho Interior (Sede)
EPRM - Escola Profissional de Rio Maior, Lda
EPROFCOR - Escola Profissional de Cortegaça
EPROMAT - Escola Edmundo Ferreira
EPTOLIVA - Escola Profissional de Oliveira do Hospital/Tábua e Arganil
EPTOLIVA - Escola Profissional de Oliveira do Hospital/Tábua e Arganil
Escola Artística e Profissional Árvore
Escola Básica de Corga do Lobão, Santa Maria da Feira
Escola Básica de Couto Mineiro do Pejão, Raiva, Castelo de Paiva
Escola Básica de Vale do Tamel, Lijó, Barcelos
Escola Básica de Vila Cova, Barcelos
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclo com Ensino Secundário de Miranda do Douro
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclo com Ensino Secundário de Santo António
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Dr. Azevedo Neves
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Anselmo Andrade
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário da Sé
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Alcains
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Alvide
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Artur Gonçalves
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de D. Filipa de Lencastre
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Gil Vicente
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Infias
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Ourém
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Frei Gonçalo de Azevedo
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Mães de Água
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Martinho Árias
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Oliveira Júnior
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Santos Simões
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Tenente Coronel Adão Carrapatoso
Escola Básica Domingos Capela, Silvalde, Espinho
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Abel Botelho
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Aquilino Ribeiro
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Arcos de Valdevez
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Baião
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Baixo Barroso
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Caminha
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Cerco
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário D. Maria II
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário da Guia
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Aguiar da Beira
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Alfândega da Fé
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Barrocelas
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Carraceda de Ansiães
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Castelo de Paiva
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Celorico de Basto
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Chamusca
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Cunha Rivara
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Fornos de Algodres
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de José Falcão
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de José Gomes Ferreira
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de José Relvas
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de José Silvestre Ribeiro
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Lanheses

Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Mação
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Maceira
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Mêda
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Mora
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Oliveira de Frades
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Otávio Duarte Ferreira
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Padre António de Andrade
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Paredes de Coura
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Penalva do Castelo
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de S. Martinho do Porto
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de S. Sebastião
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Sacadura Cabral
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de São Pedro Ferreiro
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Vale de Cambra
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Valença
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Vila Flor
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Vila Pouca de Aguiar
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Vilar Formoso
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário do Dr. Daniel de Matos
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário do Engº Dionísio Augusto Cunha
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Dr. Hernâni Cidade
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Dr. Isidoro de Sousa
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Dr. João Brito Camacho - Almodôvar
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Dr. José Casimiro Matias
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Dr. José Leite Vasconcelos
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Dr. Manuel R. Ferreira - Alvaiázere
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Dr. Pascoal José de Mello
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Drª Mª Judite Serrão Andrade
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Melgaço
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Mestre Martins Correia
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Michel Giacometti
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Miguel Torga
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Mondim de Basto
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Murça
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Padre José Agostinho Rodrigues
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Padre Martins Capela - Terras de Bouro
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Pe. António Moraes da Fonseca
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Pedro Álvares Cabral
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Pedro da Fonseca
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Pinheiro
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Pintor José de Brito
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Prof. António da Natividade
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Professor Reynaldo dos Santos
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Ribeira de Pena
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário S. João da Pesqueira
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Vieira de Araújo
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Vila Nova de Cerveira
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário Visconde de Vila Maior
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de Josefa de Óbidos
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de Luís de Camões
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de Ribeiro Sanches
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de Rio Caldo
Escola Básica e Secundária de Albufeira
Escola Básica e Secundária de Fajões, Oliveira de Azeméis
Escola Básica e Secundária de Moimenta da Beira
Escola Básica e Secundária João Garcia Bacelar, Tocha, Cantanhede
Escola Básica Integrada Diogo Bernardes
Escola Beira- Agueira - Escola Profissional (Sede)
Escola Beira-Agueira - Escola Profissional (Delegação)

Listagem de Escolas Participantes no Questionário

Escola Cooperativa de Vale - S. Cosme
Escola de Formação Social Rural - Lamego
Escola de Formação Social Rural de Leiria
Escola de Hotelaria e Turismo de Lamego
Escola de Hotelaria e Turismo de Mirandela
Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre
Escola de Hotelaria e Turismo de Santa Maria da Feira
Escola de Hotelaria e Turismo de Viana do Castelo
Escola de Hotelaria e Turismo do Fundão
Escola de Hotelaria e Turismo do Oeste (Pólo das Caldas da Rainha)
Escola de Serviços e Comércio do Oeste
Escola Europeia de Ensino Profissional
Escola INED - Nevogilde
Escola Internacional do Algarve
Escola Profissional Abreu Callado
Escola Profissional Agostinho Roseta
Escola Profissional Agostinho Roseta (Delegação)
Escola Profissional Agrícola Afonso Duarte
Escola Profissional Agrícola Conde de S. Bento
Escola Profissional Agrícola de D. Dinis - Paiã
Escola Profissional Agrícola de Quinta da Lageosa
Escola Profissional Almirante Reis
Escola Profissional Amar Terra Verde
Escola Profissional Amar Terra Verde (Delegação)
Escola Profissional António Lago Cerqueira
Escola Profissional Arte, Tecnologia e Desporto
Escola Profissional Artes de Mirandela
Escola Profissional Artística do Vale do Ave (Sede)
Escola Profissional Bento de Jesus Caraça
Escola Profissional Bento de Jesus Caraça (Delegação)
Escola Profissional Bento de Jesus Caraça (Delegação)
Escola Profissional Bento de Jesus Caraça (Delegação)
Escola Profissional Bento de Jesus Caraça (Delegação)
Escola Profissional Cândido Guerreiro - CIPRL
Escola Profissional CENATEX
Escola Profissional CIOR
Escola Profissional CISAVE- Associação Comercial e Industrial de Guimarães
Escola Profissional Cristóvão Colombo - Pólo de Setúbal
Escola Profissional da Figueira da Foz
Escola Profissional da Fundação D. Francisco Gomes D'avelar
Escola Profissional da Fundação D. Mariana Seixas (Sede)
Escola Profissional da Lousã
Escola Profissional da Nazaré
Escola Profissional da Raia - Idanha-a-Nova
Escola Profissional da Região Alentejo (Delegação)
Escola Profissional da Região Alentejo (Delegação)
Escola Profissional da Região Alentejo (Sede)
Escola Profissional da Serra da Estrela
Escola Profissional da Torredeita
Escola Profissional das Artes de Coimbra
Escola Profissional de Agentes de Serviço e Apoio Social Fundação Monsenhor Alves Brás
Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Carvalhais-Mirandela
Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Cister/Alcobaça
Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Marco de Canaveses
Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Vagos
Escola Profissional de Alvito
Escola Profissional de Ansiães
Escola Profissional de Arqueologia

Escola Profissional de Artes da Beira Interior
Escola Profissional de Aveiro
Escola Profissional de Braga
Escola Profissional de Carvalhais
Escola Profissional de Chaves-Associação Promotora do Ensino Profissional para o Alto Tâmega (Sede)
Escola Profissional de Ciências Geográficas
Escola Profissional de Comércio de Lisboa
Escola Profissional de Comércio do Porto
Escola Profissional de Comércio Externo
Escola Profissional de Comércio, Escritórios e Serviços do Porto Raúl Dória
Escola Profissional de Comunicação e Imagem
Escola Profissional de Coruche
Escola Profissional de Cuba
Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Abrantes
Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Alter do Chão
Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Grândola
Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Serpa
Escola Profissional de Educação para o Desenvolvimento
Escola Profissional de Espinho
Escola Profissional de Esposende
Escola Profissional de Fafe
Escola Profissional de Felgueiras
Escola Profissional de Fermil de Basto
Escola Profissional de Gaia
Escola Profissional de Hotelaria de Manteigas
Escola Profissional de Hotelaria e Turismo de Lisboa (Delegação)
Escola Profissional de Leiria
Escola Profissional de Mafra
Escola Profissional de Moura
Escola Profissional de Música de Espinho
Escola Profissional de Música de Viana do Castelo
Escola Profissional de Odemira
Escola Profissional de Paços de Brandão
Escola Profissional de Pedagogia Social
Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra
Escola Profissional de Salvaterra de Magos
Escola Profissional de Santa Comba Dão
Escola Profissional de Serviços CIDENAI
Escola Profissional de Teatro de Cascais
Escola Profissional de Tecnologia Digital
Escola Profissional de Tecnologia e Eletrónica - ESTEL
Escola Profissional de Tecnologia e Gestão de Barcelos
Escola Profissional de Tecnologia Psicossocial do Porto
Escola Profissional de Tomar
Escola Profissional de Tondela
Escola Profissional de Valongo
Escola Profissional de Vila do Conde
Escola Profissional de Viticultura e Enologia da Bairrada
Escola Profissional de Vouzela
Escola Profissional do Alto Ave - Sociedade Unipessoal Lda (Sede)
Escola Profissional do Centro Juvenil de Campanhã
Escola Profissional do Fundão (Sede)
Escola Profissional do Infante
Escola Profissional e Artística da Marinha Grande
Escola Profissional Fialho de Almeida (Sede)
Escola Profissional Gil Eanes de Portimão
Escola Profissional Gustave Eiffel (Delegação de Arruda dos Vinhos)
Escola Profissional Gustave Eiffel (Delegação)
Escola Profissional Gustave Eiffel (Pólo da Amadora)

Listagem de Escolas Participantes no Questionário

Escola Profissional Gustave Eiffel (Sede)
Escola Profissional Magestil
Escola Profissional Metropolitana de Lisboa
Escola Profissional Montemor-o-Velho
Escola Profissional Nervir
Escola Profissional Nossa Senhora do Perpétuo Socorro
Escola Profissional Novos Horizontes
Escola Profissional Prática Universal de Bragança
Escola Profissional Profitecla (Delegação)
Escola Profissional Profitecla (Delegação)
Escola Profissional Profitecla (Delegação)
Escola Profissional Profitecla (Delegação)
Escola Profissional Profitecla (Delegação)
Escola Profissional Profitecla (Delegação)
Escola Profissional Profitecla (Sede)
Escola Profissional Ruiz Costa
Escola Profissional Tecnológica do Vale do Ave
Escola Profissional Tecnológica e Agrária de Moimenta da Beira
Escola Profissional Val do Rio
Escola Profissional Val do Rio (Pólo Cascais)
Escola Profissional Vale do Tejo
Escola Profissional Vasconcellos Lebre (Propriedade da Escola Profissional da Mealhada Lda.)
Escola Profissional Vértice
Escola Profissional da Moita
Escola Salesiana de Manique
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Diogo de Gouveia
Escola Secundária de Alcácer do Sal
Escola Secundária Quinta das Flores
Escola Secundária Alves Martins
Escola Secundária Amélia Rey Colaço
Escola Secundária Artística António Arroio
Escola Secundária Artística Soares dos Reis
Escola Secundária Augusto Cabrita - Alto do Seixalinho
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Abade de Baçal
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Águas Santas
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Alexandre Herculano, Bonfim
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Alfredo da Silva
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Alfredo Reis Silveira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Amarante
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico António Inácio Cruz
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico António Nobre
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico António Sérgio
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Arquiteto Oliveira Ferreira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Augusto Gomes
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Aurélia de Sousa
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Camilo Castelo Branco
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Carolina Michaelis
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Clara de Resende
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Conde de Monsaraz
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico D. Dinis
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico D. Egas Moniz
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico D. Filipa de Vilhena
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico D. João V
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico da Baixa da Banheira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico da Batalha
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico da Cidadela
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico da Lousã
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico da Mealhada
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico da Quinta do Marquês

Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico da Rainha Dona Leonor
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico da Rainha Santa Isabel
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico da Ramada
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico da Sé
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Daniel Faria - Baltar
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Daniel Sampaio (Sobreda)
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Abel Salazar
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Adolfo Portela
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Afonso de Albuquerque
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Afonso Lopes Vieira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Albergaria-a-Velha
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Alberto Sampaio
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Alcanena
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Alfena
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Aljustrel
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Alpendurada
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Amares
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Amato Lusitano
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Amora
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Anadia
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de André de Gouveia
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de António Gedeão
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Azambuja
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Barcelinhos
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Barcelos
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Boa Nova - Leça da Palmeira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Bocage
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Bombarral
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Caldas das Taipas
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Caldas de Vizela
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Camarate
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Campo Maior
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Campos de Melo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Caneças
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Carlos Amarante
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Carregal do Sal
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Cartaxo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Carvalhos
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Casquilhos
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Castro Daire
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Coruche
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Cristina Torres
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de D. Dinis
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de D. Dinis
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de D. Inês de Castro de Alcobça
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de D. Luísa de Gusmão
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de D. Manuel I
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de D. Sancho I
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de D. João II
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Drª Felismina Alcântara
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Entroncamento
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Esmoriz
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Fafe
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Felgueiras
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Fernando Namora
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Fernão Mendes Pinto
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Ferreira Dias
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Figueira de Castelo Rodrigo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Figueiró dos Vinhos

Listagem de Escolas Participantes no Questionário

Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Fonseca Benevides
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Gafanha da Nazaré
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Gama Barros
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Gil Eanes
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Gouveia
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Henrique Medina
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Henriques Nogueira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Ibn Mucana
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de José Estevão
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de José Gomes Ferreira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Júlio Dinis
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Linda-a-Velha
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Manuel da Fonseca
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Matias Aires
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Maximinos
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Mira de Aire
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Molelos
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Monte da Caparica
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Montejunto
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Montemor-o-Novo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Nelas
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Nuno Álvares
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Oliveira do Bairro
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Oliveira do Hospital
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Palmela
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Passos Manuel
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Pedro Alexandrino
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Pedro Nunes
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Peniche
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Pinhal do Rei
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Pinhal Novo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Pinhel
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Pombal
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Ponte de Sôr
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Porto de Mós
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Raul Proença
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de S. João da Talha
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de S. Pedro do Sul
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Sacavém
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Sampaio
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Santa Maria da Feira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Santa Maria do Olival
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Sebastião da Gama
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Senhora da Hora
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Seomara da Costa Primo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Serpa
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Sever do Vouga
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Severim de Faria
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Sobral de Monte Agraço
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Stº Comba Dão
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Stuart Carvalhais
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Tábua
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Tondela
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de V. Nova de Paiva
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Vagos
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Vendas Novas
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Vergílio Ferreira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Vila Real de Santo António
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Vilela

Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Viriato
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Vouzela
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Diogo de Macedo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico do Castelo da Maia
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico do Dr. Ginestal Machado
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico do Dr. João Carlos Celestino Gomes
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico do Dr. Joaquim de Carvalho
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico do Dr. José Afonso
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico do Dr. José Macedo Fragateiro
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico do Fundão
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico do Lumiar
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico do Padre António Martins de Oliveira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico dos Alcaides de Faria
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Dr. António Granjo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Dr. Bernardino Machado
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Dr. Jaime Magalhães Lima
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Dr. João de Araújo Correia
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Dr. João Lopes de Moraes - Mortágua
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Dr. Manuel Gomes de Almeida
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Dr. Manuel Laranjeira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Dr. Mário Sacramento
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Dr. Serafim Leite
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Drª Laura Ayres
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Drª Maria Cândida - Mira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Eça de Queirós
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Emídio Garcia
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Emídio Navarro
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Ermesinde
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Fernando Lopes Graça
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Fernando Namora
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Fernão de Magalhães
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Ferreira de Castro
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Fontes Pereira de Melo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Francisco de Holanda
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Francisco Simões
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Frei Heitor Pinto
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Frei Rosa Viterbo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Garcia de Orta
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Gonçalo Anes Bandarra - Trancoso
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Gondomar
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Inês de Castro
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Infante D. Henrique
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico João da Silva Correia
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico João de Barros
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico João Gonçalves Zarco
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Joaquim de Araújo - Penafiel
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Jorge Peixinho
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico José Afonso
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico José Cardoso Pires-Stº Antº Cavaleiros
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico José Loureiro Botas
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico José Régio
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Latino Coelho
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Lima de Freitas
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Lousada
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Luís de Freitas Branco
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Manuel Cargaleiro
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Marco de Canaveses
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Maria Lamas
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Marquesa de Alorna

Listagem de Escolas Participantes no Questionário

Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Martins Sarmento
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Miguel Torga
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Miguel Torga
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Mirandela
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Monção
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Morgado de Mateus
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Mouzinho da Silveira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico n.º 2 da Portela de Sacavém
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Oliveira do Douro
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Paços de Ferreira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Padrão da Légua
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Padre Benjamim Salgado
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Penafiel
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Poeta Al Berto
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Poeta Joaquim Serra - Montijo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Ponte de Lima
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Póvoa de Lanhoso
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Prof. Dr. Flávio F. Pinto Resende
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Púbia Hortênsia de Castro
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Rio Tinto
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Rocha Peixoto
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Rodrigues de Freitas
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico S. Pedro
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Sá da Bandeira
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Sá de Miranda
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Soares Basto
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Tomaz Pelayo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Trofa
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Valbom
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Valongo
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Valpaços
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Vila Cova da Lixa
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico Vila Verde
Escola Secundária com do 3.º Ciclo do Ensino Básico Quinta das Palmeiras (Covilhã)
Escola Secundária D. Afonso Henriques
Escola Secundária D. Afonso Sanches
Escola Secundária da Amadora
Escola Secundária da Lourinhã
Escola Secundária da Moita
Escola Secundária da Sertã
Escola Secundária de Albufeira
Escola Secundária de Alves Redol
Escola Secundária de Arganil
Escola Secundária de Avelar Brotero
Escola Secundária de Benavente
Escola Secundária de Cacilhas-Tejo
Escola Secundária de Cantanhede
Escola Secundária de Cascais
Escola Secundária de D. Duarte
Escola Secundária de D. Pedro V
Escola Secundária de Dom Manuel Martins
Escola Secundária de Domingos Sequeira
Escola Secundária de Gabriel Pereira
Escola Secundária de Gago Coutinho
Escola Secundária de Homem Cristo
Escola Secundária de Jaime Cortesão
Escola Secundária de João de Deus
Escola Secundária de José Falcão
Escola Secundária de Júlio Dantas

Escola Secundária de Loulé
Escola Secundária de Manuel Teixeira Gomes
Escola Secundária de Mem Martins
Escola Secundária de Monserrate
Escola Secundária de Montemor-o-Velho
Escola Secundária de Pinheiro e Rosa
Escola Secundária de S. João do Estoril
Escola Secundária de S. Lourenço
Escola Secundária de Santa Maria - Sintra
Escola Secundária de Seia
Escola Secundária de Silves
Escola Secundária de Tomás Cabreira
Escola Secundária do Dr. Francisco Fernandes Lopes
Escola Secundária do Eng. Acácio Calazans Duarte
Escola Secundária do Professor Herculano de Carvalho
Escola Secundária Doutor Solano de Abreu
Escola Secundária Dr. Augusto César da Silva Ferreira - Rio Maior
Escola Secundária Dr. Jorge Augusto Correia
Escola Secundária Dr. Manuel Candeias Gonçalves -Odemira
Escola Secundária Emídio Navarro
Escola Secundária Infanta D. Maria
Escola Secundária Jacôme Ratton
Escola Secundária José Belchior Viegas - São Brás de Alportel
Escola Secundária José Saramago
Escola Secundária Leal da Câmara - Rio de Mouro
Escola Secundária Marques de Castilho
Escola Secundária Poeta António Aleixo
Escola Secundária Santa Maria Maior
Escola Secundária Sebastião e Silva
Escola Técnica Empresarial do Oeste
Escola Técnica Profissional do Ribatejo
Escola Técnica Psicossocial de Lisboa
Escola Técnico Profissional de Cantanhede
Escola Tecnológica Artística e Profissional de Nisa
Escola Tecnológica Artística e Profissional de Pombal
Escola Tecnológica Artística e Profissional do Vale do Minho (Sede)
Escola Tecnológica do Litoral Alentejano
Escola Tecnológica e Profissional Albicastrense
Escola Tecnológica e Profissional da Sertã
Escola Tecnológica e Profissional de Sicó
Escola Tecnológica e Profissional de Sicó (Delegação)
Escola Tecnológica e Profissional de Sicó (Sede)
Escola Tecnológica, Artística e Profissional de Vale do Minho (Delegação)
Escola Tecnológica, Artística e Profissional de Vale do Minho (Delegação)
Escola Tecnológica, Artística e Profissional de Vale do Minho (Delegação)
Escola Tecnológica, Artística e Profissional do Vale do Minho (Delegação)
ESPRODOURO - Escola Profissional do Alto Douro
Esprominho - Escola Profissional do Minho (Delegação)
Esprominho - Escola Profissional do Minho (Sede)
Externato "Camões"
Externato "Capitão Santiago de Carvalho"
Externato "D. Dinis"
Externato "D. Dinis"
Externato "D. Fuas Roupinho"
Externato "Delfim Ferreira"
Externato "Flor do Campo"
Externato "Frei Luís de Sousa"
Externato "Infante D. Henrique"
Externato "Oliveira Martins"

Listagem de Escolas Participantes no Questionário

Externato Cooperativo da Benedita
Externato D. Afonso Henriques
Externato de N.ª Sr.ª de Fátima
Externato de Nossa Senhora dos Remédios
Externato de Penafirme
Externato de S. Miguel de Refojos
Externato de Vila Meã
Externato Marista de Lisboa
Fundação Escola Profissional de Setúbal
IEDP - Instituto de Educação e Desenvolvimento Profissional
Instituto "D. João V"
Instituto "Jacob Rodrigues Pereira" (Casa Pia)
Instituto "Pedro Hispano"
Instituto "Vaz Serra"
Instituto das Artes e da Imagem
Instituto de Almalaguês
Instituto de Educação e Desenvolvimento (INED)
Instituto de Educação Técnica - INETE
Instituto de Educação Técnica de Seguros
Instituto de Educação Técnica de Seguros
Instituto de Educação Técnica de Seguros (Delegação)
Instituto de Educação Técnica de Seguros (Delegação)
Instituto de Educação Técnica de Seguros (Delegação)
Instituto de Gouveia - Escola Profissional - Lda
Instituto de Promoção Social da Bairrada
Instituto de S. Tiago - Cooperativa de Ensino, CRL
Instituto Educativo do Juncal
Instituto Militar dos Pupilos do Exército
Instituto Multimédia - IM
Instituto Nun Álvares
Instituto para o Desenvolvimento Social
Instituto Profissional de Transportes
Instituto Técnico Artístico e Profissional de Coimbra
Instituto Tecnológico e Profissional da Figueira da Foz
INTEP- Instituto Tecnológico e Profissional (Delegação)
IPTA - Instituto Profissional de Tecnologias Avançadas



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DGEEC

DIREÇÃO-GERAL DE ESTATÍSTICAS
DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA